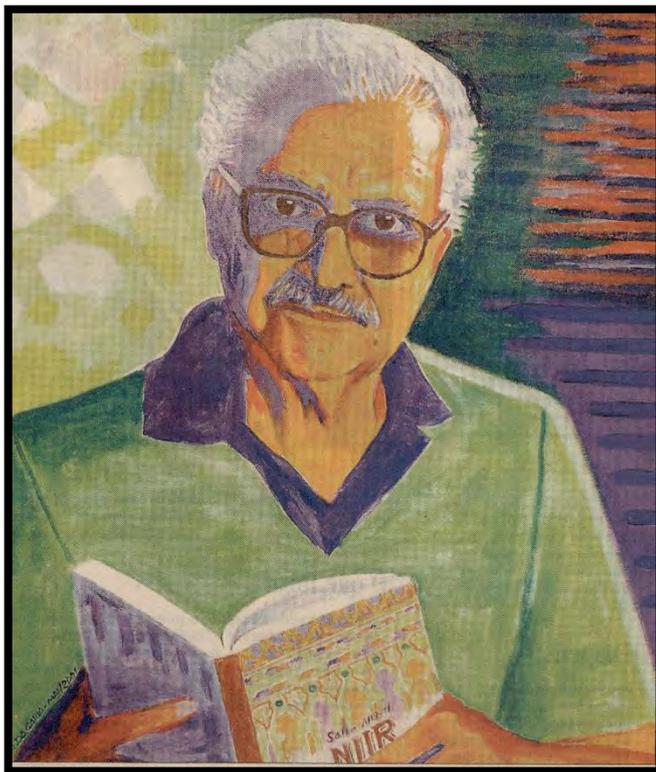


**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Notícias Sobre Salim Miguel:

Matérias, entrevistas, notas e comentários

Volume VI – 2003-2004

Organização e digitalização: Iraci Borszcz

Enilde Regina Mai Jordanou

Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

001: Festival de documentários agita Camboriú.....	3
002: Muitos anos de anotações	4
003: O último grande embate	5
004: Reconhecimento	6
005: Dia de homenagem na feira do livro.....	7
006: Rua está aberta para a literatura	8
007: Especiais: Eglê Malheiros com o marido Salim Miguel ...	9
008: Ficção e realidade até domingo	10
009: Escritores Catarinenses	11
010: Conselho estadual é empossado.....	12
011: O escritor à procura de um título.....	13
012: Documentário: Visionários recebe prêmio Salim Miguel	14
013: O baú de Salim Miguel	15
014: Literatura.....	19
015: Tento deixar um retrato do mundo maluco em que vivemos	20
016: Anotações Preciosas.....	22
017: Saia justa	23
018: Círculo de amplo alcance	24
019: Status.....	25
020: Forno	26
021: Sonho	27
022: O livro onde o povo está	28
023: Documentada.....	29
024 Câmeras na mão...ideias na cabeça	30
025: Arquivo Confidencial	31
026: A internacionalização de Salim	32
027: Salim Miguel: "O Líbano inteiro cabe dentro de Santa Catarina"	33
028: Município é referência cultural para o Brasil.....	34
029: Salim Miguel completa 80 anos	35
030: O poder novelesco	36
031: Luz de Salim Miguel em francês.....	37
032: Escritores lamentam falta de incentivo à leitura	38
033: Cult.	39
034: Oitenta anos	40
035: Ficção 1 e 2.....	41
036: Companheiros de Jornada	42
037: Andanças literárias de Salim Miguel, 80 anos.....	43
038: Documentário homenageará escritor	44
039: Salim 80 de bem com a vida.....	45
040: NUR ao jeito de samba enredo	46
Índice por Autor	47
Índice por Jornal	49
Índice por Ano	51

001: Festival de documentários agita Camboriú

ORICCHIO, Luiz Zanin. Festival de documentários agita Camboriú. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 13/ago. 2003, Caderno 2, D2.

CINEMA

Festival de documentários agita Camboriú

No balneário catarinense, de hoje a domingo, o cinema nacional é o tema

LUIZ ZANIN/ORICCHIO

Camboriú, em Santa Catarina, balneário favorito dos argentinos, abriga, a partir de hoje, até domingo, o Catarina Festival de Documentários, com mostras competitivas de filmes documentais em película e vídeo. Além das competições, o evento apresenta mostra informativa (sem atribuição de prêmios) composta por alguns dos mais importantes títulos do cinema brasileiro contemporâneo: *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho, *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, *Dural Discos*, de Anna Mylaert, *Uma Onda no Ar*, de Helvécio Raton, *Desmundo*, de Alain Fresnot, *Ônibus 174*, de José Padilha.

Nesta sua segunda edição, o festival homenageia duas personalidades, uma local, outra de fora: o escritor catarinense Salim Miguel e o cineasta Eduardo Coutinho. Coutinho todo mundo conhece como o mais completo documentarista do País, autor de filmes como *Santo Forte*, *Babilônia 2000* e *Edifício Master*, que será exibido em Camboriú. Isso

**RELAÇÃO
ENTRE CINEMA
E TV SERÁ
DISCUTIDA**

para não falar de *Cabra Marcado para Morrer*, um dos clássicos do cinema do País.

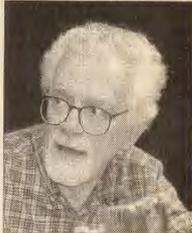
Salim Miguel também se tornou conhecido nacionalmente como autor do romance *Nur na Escureidão*, um dentre os mais de 20 livros que já publicou. Salim tem trajetória original. Nasceu no Libano e somente aos 7 anos conheceu a língua portuguesa. Chegou pequeno ao Brasil e São Pedro de Alcântara, reduto catarinense de colonização germânica. Com essa formação multinacional, define-se como alguém que escreve em Santa Catarina, talvez para prevenir-se de qualquer alusão regionalista, na acepção antiga do termo.

Mas claro, seus laços com a cultura catarinense são muito fortes. E com o cinema também. É dele o roteiro de *O Preço da Ilusão*, escrito em parceria com sua mulher, Eglê Malheiros. Dirigido pelo cineasta Nilton Nascimento, o filme é considerado o único longa-metragem genuinamente realizado no Estado. Trata-se de uma crônica de Florianópolis que apresenta duas histórias contadas em paralelo com conteúdo de crítica social entre elas. O modelo de produção foi inspirado na cooperativa que deu origem a *Rio 40 Graus*, que Nelson Pereira dos Santos havia



Divulgação

Miguel, escritor e roteirista



Otávio Magalhães/AE

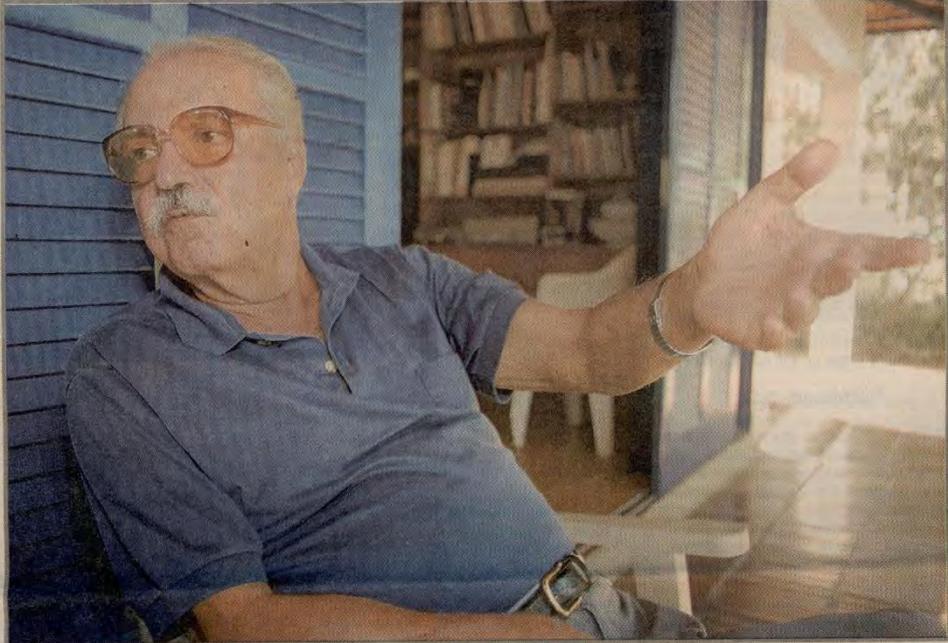
Coutinho, documentarista

realizado no Rio, três anos antes. Salim Miguel é o nome escolhido para o prêmio de melhor documentário a ser votado pelos jornalistas convidados para o evento.

No curso do festival acontecerá também um importante Encontro das TVs e Produtoras Independentes. É um diferencial do evento, que se preocupa em discutir as relações (complexas) entre televisões e o cinema brasileiro. Estarão presentes produtores como Sérgio Martinelli, Carlos Amorim, Roberto Dávila, além de representantes da Fox, Turner, Nickelodeon, HBO, Discovery, Disney Channel, RBS TV e TV Com.

002: Muitos anos de anotações

BIANCHINI, Fábio. Muitos anos de anotações. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 4/dez. 2003, pag. 1. Variedades.



DANIEL CONZI/DC/FLORIANÓPOLIS

MEMÓRIA PRESERVADA: Em seu quinto trabalho deste tipo, escritor comenta as observações das leituras que fez de autores estrangeiros

LANÇAMENTO

Muitos anos de anotações

Salim Miguel divulga seu novo livro, *Estrangeiros - Releituras*, que traz 25 textos comentados

FÁBIO BIANCHINI

O escritor Salim Miguel lança hoje das 17h30min às 21h30min, na livraria Letra Contemporânea, seu novo livro, *Estrangeiros - Releituras*. São 25 textos em que ele comenta suas anotações a respeito das leituras que fez de vários autores.

Este é o quinto livro do tipo que Salim publica. O primeiro, *Castelo de Frankenstein - Anotações sobre Aíores e Livros*, saiu em meados dos anos 80 e, assim como os dois seguintes, dedicava-se a escritores brasileiros e de outras nacionalidades, especialmente os hispano-americanos. O quarto, *Aproximações - Leituras e Anotações*, lançado no ano passado, também pela editora Letras Contemporâneas, reunia comentários acerca apenas de autores nacionais. *Estrangeiros - Releituras*, então, como o título indica, é voltado aos de outros países. E ele já anuncia, para março, o próximo da série: *Gente da Terra*, já em fase de revisão, será sobre a literatura catarinense.

Salim explica que, quando reuniu-se com Fábio Brüggemann, da editora, para decidir o título do livro, chegou a pensar em *Estrangeiros Nem Tanto*, principalmente por causa da inclusão dos autores portugueses Eça de Queirós, Fernando Pessoa e José Saramago. "Portugueses, para mim, não são estrangeiros", brinca o escritor. Mas chegaram à conclusão de que não funcionaria e optaram pelo subtítulo *Releituras*. "Porque são escritores para quem eu volto sempre", diz.

Entre esses referenciais estão Eça, cujo texto foi originalmente publicado em 2000, quando completaram-se 100 anos de sua morte, o argentino Jorge Luis Borges e Ernest Hemingway, ambos com centenários de nascimento completados em 1999. Também são lembrados o mexicano Juan Rulfo, o uruguaio-argentino Horacio Quiroga, o moçambicano

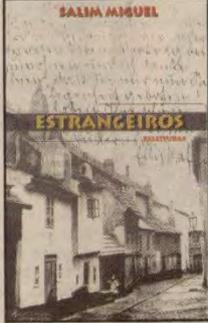
Compartilhando a experiência da leitura

Salim Miguel faz questão de ressaltar que os textos de *Estrangeiros - Releituras* não são crítica literária. "Considero-me mais uma pessoa que não se satisfaz com a leitura, anota transformando em texto", ressalta. Ele recorda que, desde que foi alfabetizado, gostava de, à medida em que lia, fazer anotações a respeito. "Muita gente faz isso, mas eu nunca escrevi nas margens dos livros. Sempre preferi ter um caderno ou bloco", diferencia. Nessas notas, descrevia suas impressões sobre a leitura, destacava os trechos e aspectos que mais o impressionavam.

Mais tarde, quando começou a escrever ficção, passou também a transformar as anotações sobre a leitura em textos mais elaborados. "Lá pelos 20 anos, paralelo às minhas primeiras crônicas e contos, já publicava a minha série de textos, conta. Ainda assim, demorou cerca de quatro décadas para decidir reuni-las em livro. "Custei a achar que valeria a pena. Não era tudo que tinha essa certa permanência necessária à compilação", explica.

Para o escritor, a principal razão de publicar essas anotações é exatamente a oportunidade de compartilhar a experiência da leitura. "No começo, eu costumava comparar minhas notas com as de meus amigos", lembra Salim. Ele fala, então que o objetivo dos livros é exatamente o mesmo. "O que eu gosto de fazer com esse tipo de texto é convidar as pessoas a conhecerem esses autores de quem estou falando e que achei tão interessantes. Motivou o leitor a concordar ou discordar de minhas opiniões e análises sobre as obras, como se eu estivesse conversando com cada um deles sobre nossas leituras", fala.

"Nunca escrevi nas margens dos livros. Sempre preferir ter um caderno ou bloco"



Miguel Torga, o argentino Ernesto Sabato, entre outros, inclusive poemas gregos.

As anotações incluídas ao longo do livro são de diversas épocas, mas as duas mais recentes foram publicadas no *Diário Catarinense*. São *Revisitando o Mestre: Agostinho Silva* e *A Obra Poética de Rodolfo Alonso*. Para fechar o livro, Salim Miguel escolheu suas anotações sobre *As Mil e Uma Noites*. "Sou fascinado por essas histórias desde antes de ser alfabetizado. Meu sempre lia as histórias para mim e, logo que aprendi a ler, comecei a revisita-las. Tenho-as em mais de uma edição, inclusive na única que saiu na íntegra, traduzida diretamente do árabe, nos anos 50", lembra.

***Estrangeiros - Releituras* - Salim Miguel (Letras Contemporâneas). 144 páginas, R\$ 25**

Miguel Torga, o argentino Ernesto Sabato, entre outros, inclusive poemas gregos.

As anotações incluídas ao longo do livro são de diversas épocas, mas as duas mais recentes foram publicadas no *Diário Catarinense*. São *Revisitando o Mestre: Agostinho Silva* e *A Obra Poética de Rodolfo Alonso*. Para fechar o livro, Salim Miguel escolheu suas anotações sobre *As Mil e Uma Noites*. "Sou fascinado por essas histórias desde antes de ser alfabetizado. Meu sempre lia as histórias para mim e, logo que aprendi a ler, comecei a revisita-las. Tenho-as em mais de uma edição, inclusive na única que saiu na íntegra, traduzida diretamente do árabe, nos anos 50", lembra.

***Estrangeiros - Releituras* - Salim Miguel (Letras Contemporâneas). 144 páginas, R\$ 25**

003: O último grande embate

ESPINDOLA, Marcos. O último grande embate. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 15/mar. 2003, pag. 14. Cultura/Literatura

O último grande EMBATE

Debate com modernistas marcou época no meio literário de Santa Catarina

POR MARCOS ESPINDOLA

Embora não reconhecesse o Modernismo, Altino Flores era ciente do crescimento do movimento em todo o território nacional. Até mesmo antes de partir é possível que tenha chegado a conclusão de que o Modernismo definitivamente havia se enraizado na cultura catarinense e nacional. Altino e a Geração da Academia se mobilizaram justamente pelo ensejo de mudanças, de ocupar um espaço ocioso na literatura catarinense durante a sua juventude. E foi por uma dessas ironias da vida, que o colocou, décadas mais tarde, em rota de colisão com outro grupo de pregava também a mudança: os modernistas do Grupo Sul.

A ruptura polarizou-se entre os "novos", no caso os modernistas, e os "velhos", designação pejorativa à Geração da Academia. Um dos expoentes do Grupo Sul e também uma das vítimas das linhas feridas de Altino, o escritor Salim Miguel, hoje aos 79 anos, lembra da adoração do maior opositor do modernismo no Estado por uma boa polêmica. "Acredito que (a discussão com o Grupo Sul) tenha sido o mais longo debate da literatura catarinense", presume Salim.

Segundo o presidente da Academia Catarinense de Letras, Paschoal Pitsica, só na "arena" das páginas do jornal *O Estado*, teriam circulado pelo menos 50 artigos para cada lado, entre defesas e ataques. Salim Miguel arrisca um motivo para o estopim da ira de Altino Flores contra o grupo. O Sul lançou um tablóide em homenagem aos 200 anos de nascimento do escritor alemão Goethe.

Com o título *Goethe e a Geração dos Novos*, anunciava que "os gênios (neste caso os novos) caracterizavam-se pela independência de criação, reagindo sempre contra os convencionalismos da época". "Talvez por ser um dos maiores conhecedores de Goethe em Santa Catarina e não ter sido convidado para fazer parte do tablóide, ele (Altino) sentiu-se excluído e resolver publicar um artigo condenando o grupo", presume Salim Miguel.

Tomado de ira, Altino Flores voltou às páginas de *O Estado*, desta vez para dar início a uma batalha sem tréguas. Começou com o provocativo *Goethe - Os novos e os velhos*. "Ele defendia-se e batia sozinho, enquanto que do outro lado (Grupo Sul) seus oponentes se revezavam", conta Pitsica. A briga tomou tal proporção que a direção do jornal foi obrigada a intervir e retirar do Grupo Sul sua página destinada ao Circulo

de Arte Moderna, conquista esta que veio a duras penas.

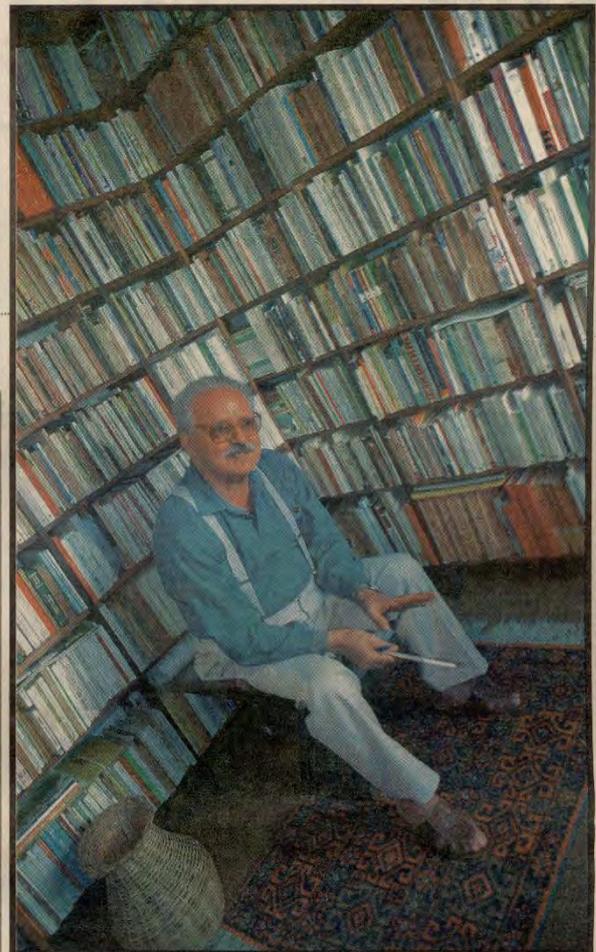
Mas Altino tinha pela frente opositores tão determinados quanto ele. O Grupo Sul trabalhou em outras frentes, como no teatro e cinema - foram os primeiros a encenar uma peça de Sartre no país e a realizar um longa-metragem no Estado.

Através da *Revista Sul*, por 10 anos o grupo divulgou o ideário moderno, até que seus paladinos encerraram o periódico para não correrem o risco de tornarem-se também "velhos" dentro do novo. "Nós queríamos mostrar que a Semana de Arte Moderna, que àquela altura (1945) já estava sendo reexaminada fora do Estado e aqui sequer havia chegado, era um divisor de águas", diz Salim, pa-

ra quem a batalha entre os modernistas e Altino foi o último grande embate cultural no Estado.

Para o professor de Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e vice-presidente da Academia Catarinense de Letras, Lauro Junkes, não há a menor dúvida de que o Modernismo sagrou-se vitorioso no embate com os "velhos". "A Geração da Academia já havia sido fundada como um retrocesso, enquanto o Modernismo explodia por todo o país", explica Junkes, para sentenciar que "enquanto o Parnasianismo trabalhava pela forma, o Modernismo fazia pelas idéias".

BATALHA LITERÁRIA TEVE COMO ESTOPIM DIVERGÊNCIAS SOBRE A OBRA DO ALEMÃO GOETHE



ROBERTO SCOLA/BANCO DE DADOS/DC

O modernista Salim Miguel viveu a eferescência dos debates com o Altino Flores, mas lembra que o Modernismo foi um divisor de águas para a cultura contemporânea

"VAMOS POLEMIZAR"

A fama de polemista de Altino Flores vem desde cedo, e para entendê-la, bem como o seu purismo literário, é preciso retroceder para o início do século 20. Altino e um grupo de amigos, entre eles Othon Gama d'Eça, Nereu Ramos, Alberto Barbosa, Haroldo Callado, Barreiros Filho, Mâncio Costa, José Boiteux e Ivo de Aquino, resolveram que era tempo de ocupar o espaço aberto deixado pela "Guerrilha Literária" de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Luiz Delfino, quando estes se transferiram para o Rio de Janeiro em 1900.

Altino tinha seus 20 anos e, como define Paschoal Pitsica, eram todos no grupo nivelados na altura e estrutura intelectual. Aos colegas Altino exortou: "Temos que ocupar este espaço (da Guerrilha Literária) em

Santa Catarina e vamos polemizar". Sugeriu então aos colegas, na época estudantes secundaristas, que fossem para a imprensa debater entre si. Nasceu então o polemista, que não poupava sequer os companheiros de rinho literário.

A idéia tomou forma até que, em meados da década de 20, criaram a Sociedade Catarinense de Letras, que em seguida transformou-se na Academia Catarinense de Letras (ACL). Surgiu aquela que ficou conhecida como a Geração da Academia - o termo também chegou a ser utilizado de forma pejorativa pelos seus opositores. Altino fez da academia o seu maior tesouro e também sua plataforma na luta quixotesca em defesa do ideário estético.

Foi moderno também - que desculpe o próprio Altino - ao

defender a criação de uma academia com membros que nunca tinham publicado sequer uma obra em livro, apenas em jornais. Em seu livro *Ao Pé da Letra* (Editora Garapuvu, 2002), o crítico literário Mário Pereira, refere-se a Altino Flores como o "leão da Academia". De fato, uma fera cujos rugidos ecoam ainda nestes 20 anos de ausência.

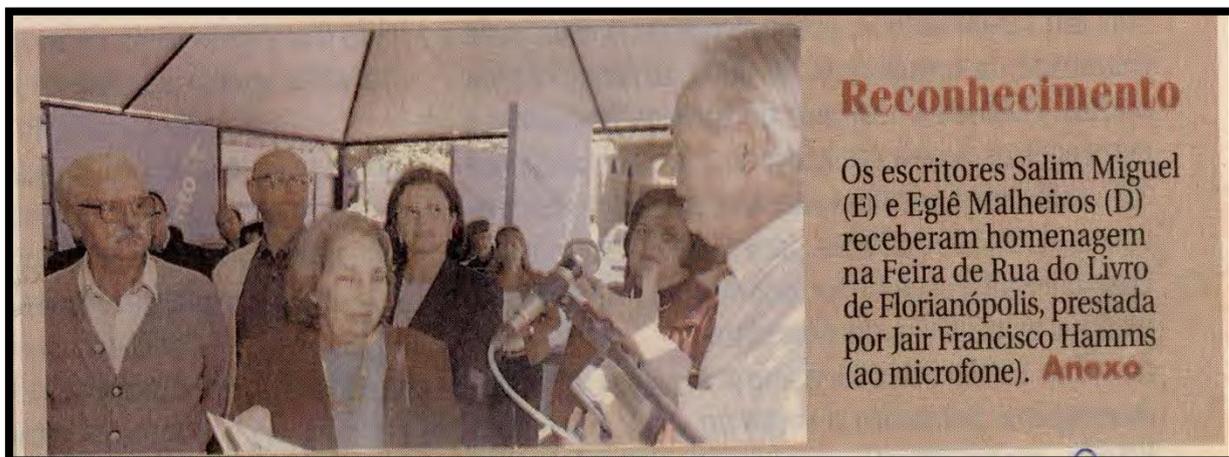
Para Paschoal Pitsica, Altino destacou-se pela sua erudição



DANIEL COELHO/CONTRASTO/IMPRES

004: Reconhecimento

RECONHECIMENTO. **A Notícia**. Santa Catarina, 8 de maio 2003



005: Dia de homenagem na feira do livro

MENEZES, Ana Claudia. Dia de homenagem na feira do livro. **A Notícia**. Santa Catarina, 8 de maio de 2003, pag. C3. Anexo.

Dia de homenagens na Feira do Livro



Ricardo Mega



Dedicação de Eglê Malheiros e Salim Miguel à cultura de SC é reconhecida

gou uma homenagem especial. "É um dos momentos mais felizes da minha vida, o de poder entregar esta placa a vocês", disse Jair Francisco Hamms, 68.

Falando em nome do casal, que durante décadas vem criando nas áreas da literatura, teatro, cinema e artes plásticas — daí o motivo da homenagem concedida pela Câmara Catarinense do Livro (CDL) —, Eglê Malheiros disse que a contribuição dos dois é muito pequena diante do que deve ser feito "para levantar este Brasil" e fazê-lo "caminhar para frente".

A programação da feira começa a esquentar hoje com mais lançamentos e sessões de autógrafos durante todo o dia. A estreia do segundo dia é o escritor Luís Fernando Veríssimo, que autografará livros na praça Nossa Senhora do Desterro, às 18 horas.

Entre os lançamentos estão "Caminho das Tropas", de Homero da Costa Araújo, com selo da Editora Insular. Nascido em Lages em 1948, o autor realizou pesquisa sobre a importância das comunidades tropeiras para o funcionamento da economia e da socie-

ANA CLÁUDIA MENEZES

Florianópolis — Enquanto escritores, editores e dirigentes culturais discursavam na abertura do evento, um público considerável circulava pela Feira de Rua do Livro de Florianópolis, atrás de novidades e, principalmente, descontos. O primeiro dia "verdadeiramente" de outono na cidade, com céu azul e vento sul, atraiu pessoas de todas as idades, que perambulavam pelos 78 estandes espalhados pelas tendas no Largo da Alfândega, folheando clássicos da literatura, *best-sellers*, livros de bolso e estrangeiros.

A inauguração da Feira de Rua, que segue até o dia 17 de maio, também reuniu velhos conhecidos das lides literárias. O

patrono do evento, o escritor Jair Francisco Hamms, remexeu nas memórias de infância e lembrou do tempo em que, ainda menino, apaixonou-se por livros "numa casa onde não havia livros". A necessidade do incentivo à leitura nas comunidades brasileiras — de bibliotecas a salas de aula, de lares a clubes de serviço, foi a tônica de todos os discursos, ontem. "A palavra escrita é o maior milagre já realizado pela humanidade", comentou ele, emocionado.

O cronista e contista contou que o amor pela literatura foi incentivado pelo irmão Betinho, no final da década de 40, mesmo período em que conheceu os escritores Eglê Malheiros, 74 anos, e Salim Miguel, 79, a quem entre-

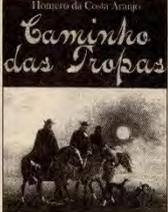
de de uma larga extensão de terras, dos limites atuais do Brasil com o Uruguai e Argentina até o Sul do Estado de São Paulo. Segundo o autor, o tropeiro foi o personagem central de uma parte da história do Brasil, pois ele era quem fazia chegar os animais a vários destinos do País.

O livro também resgata o lado sentimental do autor, descendente de uma família tradicional de camponeses. "Existe coisa mais linda que o grito do quero-quero, o assvio da codorna e o canto da sirriema? O caboclo de manhã quebrando o gelo da madrugada recolhendo as vacas para o leite santo de todo dia? A serração tapando a coxilha e a fumaça da chaminé furando a nuvem cinzenta, anunciando mais um alvorecer?", pergunta.

■ **O QUE: FEIRA DE RUA DO LIVRO DE FLORIANÓPOLIS.**
QUANDO: Até 17 de maio, diariamente, das 10 às 21h.
ONDE: Largo da Alfândega, Centro, Florianópolis, tel.: (48) 224-5135. **QUANTO:** Gratuito.
REALIZAÇÃO: Câmara Catarinense do Livro e Fundação Franklin Cascoes.

Divulgação

PROGRAMAÇÃO DE HOJE

<p>15 horas "Copiando a Vida - Contos Infantis", de Nilson Mello (lançamento) ONDE: Estande da Academia São José de Letras</p> <p>16 horas "Diário de uma Paixão", de Ulisses Tavares (sessão de autógrafos) ONDE: Estande da RZM - Ed 34 - Original/Panda-geração - Conrad</p> <p>17 horas "A Felicidade se Conquista com a Gentileza", de Yedda Goulart</p>	<p>(lançamento) ONDE: Estande da Editora Insular</p> <p>"Juca Ruivo Tradição", de José Isaac Pilatti (sessão de autógrafos) ONDE: Estande da Academia Desterrense de Letras</p> <p>18 horas "Caminho das Tropas", de Homero Araújo (sessão de autógrafos) ONDE: Estande da Editora Insular</p>	
--	---	---

Homero da Costa Araújo

Caminho das Tropas

Atrações: visitante em busca de novidades e descontos

006: Rua está aberta para a literatura

BIANCHINI, Fábio. Rua está aberta para a literatura. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 8 de maio de 2003. pag. 12. Variedades.

Rua está aberta para a literatura

Manhã ensolarada premiou o primeiro dia do evento que acontece durante os próximos 10 dias no Largo da Alfândega

FÁBIO BIANCHINI

A Feira de Rua do Livro de Florianópolis de 2003 começou de forma emocionada quando o patrono do evento, o escritor Jair Francisco Hamms, entregou a Salim Miguel e Eglê Malheiros a placa que marca a homenagem recebida pelo casal.

"É um dos momentos mais felizes da minha vida. Santa Catarina reconhece jovens que, já em meados da década de 50, preocuparam-se com a educação e a importância da leitura", disse Jair Francisco Hamms. "A palavra escrita, para mim, é o maior milagre que o homem conseguiu fazer".

A manhã ensolarada de quarta-feira ajudou a atrair um bom público para a cerimônia, no Largo da Alfândega. Eglê, que falou em nome do casal, disse que a distinção surpreendeu-os. "Gostaria de estender essa homenagem a todas as pessoas que estão nessa luta conosco. Essa placa nos emociona e também nos dá responsabilidades. É o pouco que conseguimos fazer pela leitura", falou.

Apresentar o livro a muita gente e promover a leitura

A prefeita de Florianópolis, Angela Amin, teve seu discurso interrompido por aplausos ao lembrar da ocasião, há dois anos, quando foi convidada a fazer um pronunciamento na abertura da Feira no Beiramar Shopping e preferiu passar a palavra a Licurgo Costa, pois não sentia-se apta a falar no meio de tantos valores da literatura local. O diretor da Fundação Cata-



HOMENAGEM: Jair Francisco Hamms (E) e Nelson Rolim (D) entregam placa a Salim Miguel e a Eglê Malheiros

rinense de Cultura, Edson Machado, ressaltou a disposição do governo estadual em levar o modelo da Feira para outros municípios de Santa Catarina.

Armando Antoncini, diretor-executivo da Câmara Brasileira do Livro, recordou da primeira feira de rua do livro, realizada em São Paulo em 195 e comparou o evento de então, pequeno, mas ambicioso, à organização

e visão empresarial dos editores de hoje. O presidente da Câmara Catarinense do Livro, Nelson Rolim de Moura, resumiu: "Hoje é dia de festa. Queremos ir direto ao assunto, apresentar o livro a muita gente e promover o saudável hábito da leitura naqueles que não o têm".

A Feira do Livro vai até 17 de maio, das 10h às 21h, no Largo da Alfândega. A grande atração de hoje

é Luis Fernando Veríssimo, um dos novos colunistas da revista *Donna DC*, que participa de debate sobre política cultural às 18h no estande da Fundação Catarinense de Cultura e, às 10h, inaugura o conto.com/alguem, categoria do Prêmio Habituasul Revelação Literária, em que autores conhecidos iniciam contos, outras pessoas continuam e, ao final, o escritor vota para finalizar.

DIÁRIO DA FEIRA

Logo depois da abertura da Feira, o cheiro que mais chamava a atenção, curiosamente, não era o de papel dos livros. Mais até do que o perfume dos visitantes e o estande de doces, sobressaía-se, talvez pelo horário, pouco antes do almoço, o cheiro das vergamotas vendidas por ambulantes nas imediações.

Ana Paula Araújo, que trabalha no estande Doce Tentação, conta que o movimento, especialmente para as primeiras horas, era om. "Quem para aqui, leva alguma coisa", garante. Os mais procurados eram as bañinhas de todas as cores e os brigadeiros, mas há também doces portugueses, cocadinhas, trufas de chocolate e outros. É a primeira vez que ela participa da Feira de Rua, mas esteve na do Beiramar Shopping nos últimos dois anos. A única reclamação de Ana Paula é a falta de troco. "Por enquanto, está todo mundo chegando com nota grande".

Entre os livros mais procurados e expostos com mais destaque, quase sempre estavam *Estação Garandiru*, de Druazio Varella, e *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, que inspiraram dois dos maiores sucessos do recente cinema brasileiro, em adaptações, respectivamente, de Hector Babenco e Fernando Meirelles. Em alguns estandes, os pôsteres dos filmes decoravam as paredes.

Salim Miguel contou por que preferiu que apenas Eglê Malheiros falasse durante a entrega da homenagem aos dois. "Eu não sabia o que dizer. E vocês sabem que, quando eu começo a falar, precisa alguém bater em mim, senão eu não paro. E a ocasião não era para discursos, era para emoção", explicou.

Estante

SUGESTÕES



Cimbeline, Rei da Britânia, de William Shakespeare
Tradução de José Roberto O'Shea, Iluminuras, R\$ 35

Apesar de ser um dos textos menos encenados do autor, apresenta elementos semelhantes a outros contemporâneos, como *Pérides*, *O Conto do Inverno* e *A Tempestade*, principalmente o imaginário de contos de fadas. Passa-se na Britânia pré-cristã, durante a ocupação romana, época do legendário personagem-título



O Afinador de Piano, de Daniel Mason
Tradução de Beth Vieira, Companhia das Letras, R\$ 41

No fim do século 19, um jovem inglês tímido e ingênuo é convocado para afinar um piano de causa no sudeste asiático, para onde foi levado para apaziguar a convivência dos militares britânicos com os nativos. O autor descreve, de maneira envolvente, as paisagens da Birmânia e as doenças tropicais.



Curso de Literatura Inglesa, Jorge Luis Borges
Martins Fontes, R\$ 42

Reprodução das aulas ministradas por Borges em 1966, em 25 aulas, na Universidade de Buenos Aires. Martin Arias e Martín Hadis conseguiram refazer o curso do escritor, mantendo sua linguagem oral, com os chavões e reflexões. Oportunidade inédita de ver o trabalho docente, até então não documentado, do célebre escritor.



O Canto das Esferas Namoradas, de Castro Alves
Organização Sergio Faraco, Garapuru, R\$ 10

Os melhores poemas selecionados dos volumes *Espumas Flutuantes*, *Hi-nos do Equador*, *Juvenília*, *Os Escravos* e *A Cachoeira de Paulo Afonso*, do baiano Castro Alves, um dos principais nomes da poesia romântica brasileira, que destacou-se não só pela beleza de seus versos, mas pelo cunho social que caracterizou a sua obra.

007: Especiais: Eglê Malheiros com o marido Salim Miguel ...

WOSGRAUS, Juliana. Especiais: Eglê Malheiros com o marido Salim Miguel **Diário Catarinense**. Florianópolis, 13/ago., 2003, pag. 2. Variedades/Juliana Wosgraus.



008: Ficção e realidade até domingo

FICÇÃO e realidade até domingo. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 13 agosto de 2003, pag. 3. Cultura/Variedades.

Ficção e realidade até domingo

O público vai encontrar uma programação intensa no segundo Catarina Festival de Documentário que começa hoje

BALNEÁRIO CAMBORIÚ

Até o próximo domingo Balneário Camboriú vai sediar a segunda edição do Catarina Festival de Documentário. Com uma programação intensa, o festival terá uma mostra oficial, duas competitivas, mostra de filmes premiados, encontro de TVs, críticos, produtores independentes e simpósio político.

Um Sonho Chamado K2, de Waldemar Niclevicz, vai ser apresentado na cerimônia de abertura hoje, às 19h, no Cine Itália.

O Catarina Festival Documentário vai premiar melhor filme, melhor vídeo documentário e um roteiro de autor catarinense. O melhor filme será premiado com uma moto zero quilômetro e o melhor vídeo com uma câmera digital - 15 vídeos e 12 filmes (35mm) disputam os prêmios. O festival oferece, ainda, três prêmios especiais. O prêmio estimado Arão Rebelo será concedido ao melhor roteiro para documentário em curta-metragem para um autor catarinense. O prêmio Armando Carreirão será oferecido ao melhor trabalho segundo o voto popular. E um novo prêmio que vai destacar o melhor documentário segundo a crítica especializada.

O escritor radicado em Santa Catarina, Salim Miguel, foi escolhido para batizar o prêmio da crítica. A homenagem é um reconhecimento da importância de Salim para o cinema catarinense, já que o argumento do primeiro longa produzido no Estado - *O Preço da Ilusão* -, é de sua autoria, em parceria com a esposa, Eglê Malheiros. Além disso, Salim foi um dos criadores do primeiro clube de cinema do Estado.

MOSTRA OFICIAL

Onde: Cine Itália, na Av. Central, 335
Horário: 21h
Ingresso: R\$3
Informações: (47) 331-7500

Hoje: *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho
Amanhã: *Uma Onda No Ar*, de Helvécio Rattón
Dia 15: *Ônibus 174*, de José Padilha
Dia 16: *Durval Discos*, de Anna Muijaer
Dia 17: *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles



DIA 16: Documentário *Boi*, de Edu Felistoque e Nereu Cerdeira, de São Paulo, entre os concorrentes

FILMES DOCUMENTÁRIOS

Onde: Cine Itália - Avenida Central, 335
Horário: 19h30min
Ingressos: entrada Franca
Informações: (47) 331-7500

Amanhã
Rua da Escadinha 162, de Marcio Camara - Fortaleza/CE
Por Gentileza, de Dado Amaral - Rio de Janeiro/RJ
O Rito de Ismael Ivo, de Ari Candido Fernandes - São Paulo/SP

Dia 15
Gloria e Memória da Cana, de Julio Mauro - Cataguases/MG
Um Dia Para Desaparecer, de Beto Carminatti - Curitiba/PR
A Margem da Imagem, de Evaldo Mocarzel - São Paulo/SP

Dia 16
O Chiclete e a Rosa, de Dacia Ibiapina - Brasília/DF
Visionários, de Fernando Severo - Curitiba/PR
Boi, de Edu Felistoque e Nereu Cerdeira - São Paulo/SP

Dia 17
Vaidade, de Fabiano Maciel - RJ
Cerrar a Porta em Filme, de Pablo Lobato - Belo Horizonte/MG
Atrocidades Maravilhosas, de Renato Martins, Lula Carvalho e Pedro Peregrino - RJ

PREMIADOS

Onde: Hotel Plaza Camboriú - Av. Brasil, 1410
Horário: 15h
Ingressos: entrada Franca
Informações: (47) 367-0700

Amanhã
Zagati, de Edu Felistoque e Nereu Cerdeira - SP
Achados e Perdidos, de Eduardo Albergaria - RJ
A Deus Menino, de Beto Carminatti - PR
Temporal, de Maria Continentino - RJ
Infinitamente Maio, de Marcos Jorge - PR

Dia 17
Vaidade, de Fabiano Maciel - RJ
O Bloqueio, de Cláudio Oliveira - MG
Águas de Romanza, de Gláucia Soares e Patricia Baia - CE
A Última Gota, de Walbercy Ribas e Rafael Camargo - SP
Loop, de Carlos Gregório - RJ
O Ovo ou a Galinha - Uma Aventura do Gralha, de Taka X (Edson Takeuti) - PR
Ctrl+Z - Enquanto Houver Atalho, de Eduardo Sobrinho - PR

Dia 18
O Ciclone Lento e Sutíl, de Cristiano Brant Trindade - MG
Metro Quadrado, de Flávia Cândida - RJ
Plano Sequência, de Patricia Moran - SP
Eternamente, de Beto Carminatti - PR
Tempo de Ira, de Marcélia Cartaxo e Gisella de Mello - RJ

Mais espaço para produções nas emissoras de TVs

Documentarista Eduardo Coutinho, diretor de *Edifício Master* e *Babilônia 2000* será homenageado pela organização do festival pela grande contribuição ao cinema nacional, em especial ao gênero documentário. Nascido em São Paulo, em 1933, Coutinho é o responsável pela produção do mais importante documentário do cinema brasileiro, *Cabra Marcado Para Morrer*, que ganhou 12 prêmios internacionais.

Amanhã, durante o Simpósio Político, especialistas discutirão o projeto do senador Saturnino Braga (PT-RJ), que obriga as TVs abertas a destinarem 2% de sua receita para a compra de direitos de obras cinematográficas nacionais e atividades de co-produção, e o projeto de lei proposto pela deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ), que delimita um mínimo de horas de programação regional nas emissoras de TV e suas afiliadas. Nos dias 15 e 16, será realizado o Encontro das TVs e Produtores Independentes, onde serão discutidas questões sobre como produzir para a TV e como usar os R\$ 7 milhões (até o final do ano serão R\$ 12 milhões) que a Ancine tem para investir na produção independente para a televisão a cabo. O debates acontecerá na Univali Itajaí (Rua Uruguai, 1458 - Centro - Itajaí).

A programação inclui, ainda, a exibição gratuita de filmes para os alunos de escolas públicas, através do *A Escola Vai ao Cinema*. Durante o festival, crianças e jovens da rede pública de ensino vão assistir gratuitamente ao filme *Era Uma Vez*, de Arturo Uruñaga. Para as sessões das mostras Oficial, será cobrado ingresso no valor de R\$ 3. A renda obtida com a bilheteria será revertida para uma entidade assistencial de Bal. Camboriú. Todas as demais atividades têm entrada franca. A expectativa é que cerca de 10 mil pessoas participem do festival.

VÍDEOS DOCUMENTÁRIOS

Onde: Hotel Plaza Camboriú - Av. Brasil, 1410
Horário: 17h30min
Ingressos: Entrada Franca
Informações: (47) 367-0700

Amanhã
Dogão Calabresa, de Pedro Asbeg - Rio de Janeiro/RJ
Contatos Mediatos, de Armando Mendz e Cristiano Abud - Belo Horizonte/MG
Blindagem - Uma Intervenção Urbana de Regina Silveira, de André Costa - São Paulo/SP
Entre Sem Bater, As Duas Aventuras de Aparicio Torelly - Barão de Itararé, de Emilio Hucs Gallo - Rio de Janeiro/RJ

Dia 15
Césio 137: O Brilho da Morte, de Luiz Eduardo Jorge - Goiânia/GO
Bom Dia, Maria de Nazaré, de Bertrand de Souza Lira - João Pessoa/PB

Jeanete Musatti, de Paulo César Soares - São Paulo/SP

Dia 16
As Justiceiras do Capivari, de Felipe Nepomuceno - Rio de Janeiro/RJ
Dormentes, de Inês Cardoso - PE
Engenho dos Éramos - Imagens da Redescoberta, de André Costa e Sívio Cordeiro - São Paulo/SP
FotoBrasil Tempo, de Roberto Pitella - Curitiba/PR

Dia 17
The Same Old Choice, de Joana de Almeida Meniconi, Francisca Caporali, Rafael Morato e Ricardo Portilho - Belo Horizonte/MG
Cemitério São Luiz, de Ana Paul - São Paulo/SP
Olhos Negros - Compartilhando Imagens, de Coraci Ruiz, Julio Matos, Alik Wumder, Allan Monteiro e Pedro Silveira - Campinas/SP
Um Rio de Histórias, de Issac Chueke - Rio de Janeiro/RJ

009: Escritores Catarinenses

POERNER, Arthur. Escritores Catarinenses. O Pasquim 21. [RJ], n. 65, 3 de jun. 2003

ESCRITORES CATARINENSES

Atô o recente reencontro com Blumenau, quando ouvia falar de literatura catarinense, os nomes que me vinham, de imediato, à mente eram o do discriminado e injustiçado (apesar do curta-metragem *Alva paixão*, com a Zezé Motta no papel da sua mulher, Gavita) poeta simbolista João da Cruz e Sousa, um filho de escravos que, além de inovador estilístico, distinguiu-se, igualmente, no jornalismo e na militância abolicionista; e o do meu amigo libano-biguauense Salim Miguel, também jornalista (*JB*, *Manchete* e revista *Ficção*, com Fausto Cunha, Cícero e Laura Sandroni) e roteirista de cinema, que conheci em 1962, em Florianópolis, e, desde então, escreveu vários livros, entre os quais destaque *Primeiro de abril: narrativas de cadeia* (José Olympio) e *Nur na escuridão*, cuja terceira edição está para sair pela Topbooks.

Com menor intensidade - sem qualquer juízo de valor, apenas por conhecê-los menos -, a rubrica literatura catarinense evocava o poeta de Timbó Lindolf Bell (*Os póstumos e as profecias* e *Os ciclos*), que nos deixou prematuramente, da mesma forma que a sua companheira, a prestigiada artista plástica Elke Hering; o Adolfo Boos Jr., do premiado romance *O quadrilátero*, e o infatigável escritor-repórter Paulo Ramos Derengoski, de Lages, que lançou, recentemente, pela Insular, *A saga dos guarani* e *Viagens de um repórter: um barriga-verde na terra azul*.

Agora, às margens do Itajaí-Açu, tive a oportunidade de ampliar um pouco mais o conhecimento da produção literária barriga-verde e o contato com os seus autores, como o Oldemar Olsen Jr., de Chapecó, mas radicado em Florianópolis, onde é a segunda pessoa da Fundação Catarinense da Cultura, que faz as vezes de Secretária de Cultura do Estado. Veio ao Mimmelblau Palace Hotel me entrevistadas para *O Catarina*, o jornal da Fundação, e me trouxe o seu ótimo *Confissões de um cínico* (Letradágua), uma coletânea de crônicas publicadas no suplemento cultural do jornal *A Notícia*, de Joinville, por muitos considerado, atualmente, o melhor do Estado. Também editor e ator bissexto, ele tem em sua bagagem *Estranhos no paraíso*, que o Fausto Wolff qualificou de "um dos melhores romances escritos no Brasil por alguém nascido depois de 1945".

Surpreendente o humor cáustico do jornalista, poeta e desenhista Juarez Porto - assessor quebraghalho do prefeito Décio Lima e, como tal, responsável pelo retumbante êxito da visita pasquiniana a Blumenau - no livro *Loiros, lindos, loucos e... famosos: crônicas de uma família (muito) blumenauense* (Cultura em Movimento, a editora da Fundação Cultural de Blumenau), com ilustrações, entre outros, do Cão Heringer. A família em questão é o imaginário clã de alta burguesia de Hans Júnior, que o autor de ar bonachão (daí a surpresa) desanca sem piedade e de maneira hilária. Juarez é gaúcho radicado há nove anos em Blumenau e as crônicas saíram, inicialmente, no *Jornal de Santa Catarina*, o maior da cidade.

Outro que me surpreendeu foi o Altair Carlos Pimpão, proprietário e diretor geral da TV Galega, canal exclusivo da cidade. Anos de convivência às margens do Reno, em Colônia, onde fomes redatores e locutores da Voz da Alemanha, não foram o bastante para que eu soubesse o que me foi revelado em dois breves encontros à beira do Itajaí-Açu: ele foi presidente do Palmeiras, pelo qual torci nos quatro anos (1953/56) de residência em Blumenau, é flamenguista, brizolista e, como se não bastasse, escritor. Será que as águas desses rios são tão diferentes ou o *Steinhäger* daqui sobe mais depressa? O fato é que o Pimpão - curitibano de nascente, mas blumenauense desde criança - já está no terceiro livro, *Crônicas de Blumenau* (Letra Viva). Numa delas, o esclarecimento de um mistério que não tive tempo para elucidar durante a curta permanência: o desaparecimento do *Café Pingüim*; noutra, uma informação que estreita ainda mais a minha ligação com a cidade: o clube de maior torcida em Blumenau é o Flamengo.

Foi com Carlo Braga Mueller, atual consultor do prefeito, que entrei, pela primeira vez, num estúdio radiofônico, sem sequer imaginar que ganharia a vida como radialista por quase 12 anos, nos tempos do exílio. Meu colega de ginásio, voz potente, aos 14 anos já era locutor da principal emissora local, a PRC-4, Rádio Clube de Blumenau. Sempre precoce, integraria a primeira equipe da primeira televisão de Santa Catarina, a TV Coligadas. Contista e crítico literário, ocupando a cadeira Cruz e Sousa da Academia de Letras Blumenauense, publicou, ano passado, *Contos que eu conto* (Odorizzi), em que mescla ficção com realidade para relatar casos dos primórdios da cidade.

Estive, por alguns minutos, com o Gervásio Tesaleno Luz, de Rio do Sul, onde nasce o Itajaí-Açu, por 30 anos professor de Português dos melhores colégios locais e jornalista desde a década de 60, o que explica o seu entusiasmo pasquiniano pela imprensa alternativa. *Rio que passa em nossas vidas* (Cultura em Movimento) reúne algumas crônicas e notas de sua longa carreira e é dedicado ao Antônio Maria. Numa delas, ele se refere à apresentação de *Liberdade, liberdade*, do Millor Fernandes e do Flávio Rangel, em Blumenau, em 1966. Na fila de cumprimentos do ator principal, Paulo Autran, um senhor elogiou o espetáculo, mas com ressalvas ao tratamento dado na peça ao III Reich, em que o *Fuehrer*, em sua opinião, mereceria ser poupado. Segundo Gervásio, Autran tentou ser diplomático: "Compreendo, o senhor é um saudosista." Ao que o etuto-brasileiro, meio surdo, "sorrendo, confirmou: - Isto mesmo, nazista, nazista."

Encontrei, ainda mais rapidamente, a Urda Alice Klueger, cujas *Crônicas de Natal e histórias da minha avó* (Hemisfério Sul), em segunda edição, não tive tempo de ler. Como não houve tempo, lá, para reencontrar a *Vintém*, uma das melhores cachacas do país, do vizinho município de Luís Alves. Mas, foi muito rica, como vocês vêem, a breve estada em Blumenau, terra do ilustre advogado e ex-presidente da UNE (1957/58) Marcos Heusi Netto, graças a quem recuperei o passaporte brasileiro depois de perambular durante os anos 70, pela Europa com um documento apátrida da ONU. Obrigado, Heusi! Obrigado, Blumenau!

O Pasquim 21 - nº 65

Arthur Poerner

03-06-2003
poerner@booklink.com.br www.booklink.com.br/arthurpoerner

010: Conselho estadual é empossado

LIZ, Romi de. Conselho estadual é empossado. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 16/abr. 2003, pag. 3. Variedades/Lançamento.

CULTURA

Conselho Estadual é empossado

ROMÍ DE LIZ

Salim Miguel, o escritor intitulado libano-biguacuense, roubou a cena na posse dos 21 membros do Conselho Estadual de Cultura.

Num discurso improvisado, se mostrou otimista com os rumos que o país está tomando, mas não poupou uma crítica ao governo do amigo Luiz Henrique da Silveira. Ele revelou descontentamento com a subordinação da cultura à Secretaria do Lazer.

Para provar seu ponto de vista, Salim voltou no tempo e promoveu uma reflexão sobre a área cultural. Referindo-se à memória que as pessoas têm sobre as figuras universais, ponderou: "Qualquer um tem uma noção de quem foi Shakespeare, mas alguém sabe quem governava naquele período?", numa alusão clara à sobreposição da cultura sobre o poder. Lembrou ainda que infelizmente o Estado não tem sabido fazer seu marketing, não só na questão cultural, mas num todo.

O governador justificou a subordinação da cultura à Secretaria do Lazer como uma questão de visão de futuro. "As pessoas trabalharão menos e terão mais tempo para o lazer e este milênio será de quem melhor souber aproveitá-lo", disse ao empossar as 21 pessoas que têm como missão promover a cultura no Estado. Logo após a posse os conselheiros fizeram uma visita ao Teatro Álvaro de Carvalho, cujo término das obras é uma das prioridades.

JURAMENTO: Gilmar Moretti (D) e demais conselheiros têm a missão de promover a cultura

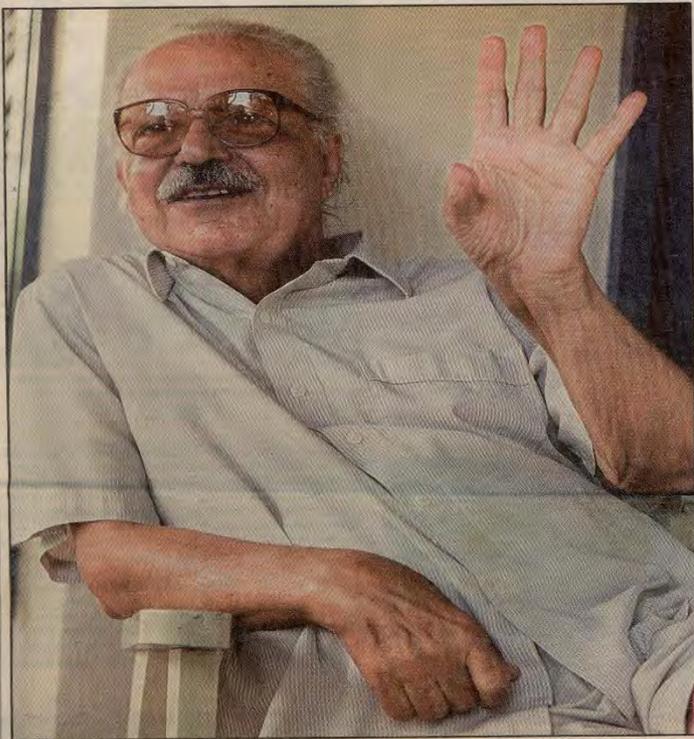
CONSELHEIROS

Membros do Conselho Estadual de Cultura

Edson Busch Machado	Danilo Aronovich Cunha	Marcelo Steil
Ana Beatriz M. Mattar	Francisco Socorro	Nereu do Vale Pereira
Augusto César Lustosa	Hilário Frederico Voigt	Osmar Pisani
Carlos Adauto Vieira	Gilmar Antonio Moretti	Paulo Sergio Markun
Carlos Humberto Corrêa	Lauro Junkes	Pedro Alípio Nunes
Cristiano Amaral	Lygia Roussenq Neves	Vera Torres
Dalmo Vieira Filho	Marcelo Muniz	Vicente Jair Mendes

011: O escritor à procura de um título

GIORDANO, Rafaela. O escritor à procura de um título. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 4 de fev. 2003, pag. 1. Variedades/Literatura.



DASIEL CONZUDU/FLORIANÓPOLIS

LITERATURA

O escritor à procura de um título

Salim Miguel prepara dois livros para 2003

RAFAELA GIORDANO

Uma obra será publicada em uma parceria entre a editora local Letras Contemporâneas e a Movimento, de Porto Alegre. Para o segundo livro planejado para este ano, *Gentes da Terra e Outras Gentes*, Salim ainda está à procura de uma editora.

Como o nome adianta, o livro contém textos sobre pessoas importantes no cenário cultural catarinense e também fora dele. Entre as personalidades "da terra" selecionadas para a obra estão o professor e um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras Henrique da Silva Fontes; o escritor e político Othon Gamma d'Êça; o poeta Artur Pereira de Oliveira; e o livreiro Odilon Lumaridelli. "Lumaridelli foi o primeiro editor a publicar obras de autores catarinenses", afirma Salim.

Entre as personalidades de outros estados, destaca-se o nome do historiador e biógrafo Raimundo Magalhães Jr, com quem Salim trabalhou durante 13 anos na revista *Manchete*, no Rio de Janeiro. Magalhães Jr. morreu em um atropelamento em 1981. "Ele estava atravessando uma rua no Flamengo, indo para a redação da *Manchete*, quando foi atropelado", lembra.

Pouco tempo antes, Salim teve contato com Magalhães Jr. em Canela, no Rio Grande do Sul. Ambos estavam participando de um encontro de cultura. O texto produzido a partir desse encontro foi publicado no jornal porto-alegrense *Correio do Povo* há muitos anos. "Esse é um dos textos que vale ser resgatado", exemplifica o autor.

"A vida de um artigo de jornal é tão efêmera que vale recuperar alguns deles"

No final de uma ruazinha da Cachoeira do Bom Jesus, em uma casa cercada de árvores e muito verde, Salim Miguel passa os meses de Verão, reencontra amigos e recebe os filhos e os netos.

Na tranquilidade do lugar, o escritor também escuta música, aproveita para ler e pensa no título que dará a um dos dois livros que pretende lançar ao longo de 2003.

O título ainda não foi encontrado pelo escritor, mas os 23 textos que farão parte da publicação já estão prontos há algum tempo. Desta vez, Salim, que já tem 22 obras publicadas, apresentará ao leitor textos sobre escritores estrangeiros. Alguns já publicados em jornais, mas como o próprio autor lembra, o período de vida de um artigo de jornal é tão efêmero, que vale recuperar alguns deles.

O material produzido por Salim analisa determinadas partes da trajetória de escritores famosos. Os portugueses Eça de Queiroz e Fernando Pessoa, o espanhol Garcia Lorca, o argentino Jorge Luis Borges, o mexicano Juan Rulfo e o americano Ernest Hemingway foram alguns dos nomes escolhidos. Em determinados casos, Salim analisa particularidades da obra, como os espelhos e labirintos constantemente presentes nos escritos de Jorge Luis Borges e a poesia e o teatro de Garcia Lorca.

Quinze anos de vivência no Rio de Janeiro

Salim Miguel pretende começar algo mais longo durante este ano. As idéias para um novo romance, como ele mesmo adianta, já estão na cabeça, falta apenas colocar no papel. As personagens da história são ele próprio, a mulher Eglê Malheiros e os filhos. O escritor planeja escrever sobre a estada da família no Rio de Janeiro. "Esse livro será uma espécie de continuação de *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia*, que fala sobre o período em que fiquei preso, em 1964", afirma. Após a prisão, não havia outra alternativa a não ser se mudar.

Acompanhado pela família, Salim foi para o Rio em 1965. As diferenças foram notadas por toda a família. O escritor lembra dos filhos tendo de se acostumar a viver em um apartamento. "Antes, na casa na Agrônoma, eles tinham o pátio, a rua para brincar; lá, precisaram se adequar à vida no apartamento", lembra. Essa é apenas uma das recordações que Salim pretende colocar no livro. A família permaneceu no Rio até 1979. Durante o período de quase 15 anos, Salim trabalhou como copidesque, repórter e chefe de redação nas empresas Bloch.

O escritor também publicou livros e fez, junto com Eglê e Marcos Farias, a adaptação e o roteiro de *A Cartomante*, de Machado de Assis, e de *Fogo Morto*, de José Lins do Rego - na década de 50, ele havia escrito com a mulher, com quem fazia parte do Grupo Sul, o argumento e o roteiro de *O Preço da Ilusão*, o primeiro longa-metragem catarinense.

Ao retornar do Rio, Salim dirigiu durante oito anos a Editora da UFSC e por quatro anos a Fundação Franklin Cascaes.

012: Documentário: Visionários recebe prêmio Salim Miguel

DOCUMENTÁRIO: Visionários recebe prêmio Salim Miguel. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 18 de agosto de 2003, pag. 12. Variedades/Literatura.

Visionários recebe Prêmio Salim Miguel

▼ BALNEÁRIO CAMBORIÚ

O Catarina Festival de Documentário entrega hoje a premiação dos melhores filmes e vídeos documentários eleitos pelo júri.

A solenidade acontece às 20h30min no Cine Itália, em Balneário Camboriú.

O prêmio para melhor filme é uma moto zero Km; o autor do melhor vídeo recebe uma câmera digital. Haverá ainda entrega do Prêmio Armando Carreirão, baseado na opinião do público, e do Prêmio Aarão Rabello, que escolhe um roteiro de autor catarinense para ser produzido. O filme *Visionários*, do diretor paranaense Fernando Severo, foi contemplado como o Prêmio Salim Miguel, da crítica especializada. O filme mostra os vestígios de dois santuários construídos no Paraná por agricultores nos anos 60 e 70.

013: O baú de Salim Miguel

VASQUES, Marco Anselmo. O baú de Salim Miguel. **Jornal do Estado**. Curitiba, ano 3, n.35, março 2003, pag. 4 e 5. Encarte/Rascunho.

O baú do Salim

As histórias que dão força e destaque à literatura de Salim Miguel

MARCO ANSELMO VASQUES
FLORIANÓPOLIS - SC

Salim Miguel nasceu no Líbano, em 1924. Aos três anos de idade chegou com a família ao Brasil. Aqui se fez jornalista, escritor e roteirista de cinema. Passou a infância em Biguaçu (local de preferência da sua ficção), morou muitos anos no Rio de Janeiro até retornar a Florianópolis, onde viveu na juventude. Foi um dos líderes do Grupo Sul (1948-1958), movimento que tentou modificar o panorama artístico de Santa Catarina. Com a revista *Sul* publicou muitos dos maiores prosadores catarinenses: Guido Wilmar Sassi, Adolfo Boss Jr., Silveira de Souza. Passou pelos estertores da ditadura. Salim, como jornalista, trabalhou na revista *Manchete, Fatos e Fotos* e foi um dos editores da revista de literatura *Ficção* (Rio de Janeiro); estreou na ficção com o livro de contos *Velhice e outros contos* (1951). De lá para cá são 22 obras, entre as quais destacamos: *A morte do tenente e outras mortes* (contos, 1979); *A voz submersa* (romance, 1984); *A vida breve de Sezefredo da Neves, poeta* (romance, 1986); *Onze de Biguaçu e mais um* (contos, 1997); *Confissões prematuras* (novela, 1998) e *Nur na escuridão* (romance, 1999). Nesta entrevista, Salim fala sobre sua vida, sua época, sua literatura, crítica literária e literatura catarinense.

Marco Anselmo Vasques é diretor teatral e poeta. Autor de *Cão no claustro*.

Nos dois livros de contos *Velhice e outros contos* e *O primeiro gosto*, seus personagens são, em sua maioria, pessoas pobres. Por que a preferência por esta abordagem?

Como venho de uma família muito pobre e moramos longos anos em lugares muito deficitários, intuitivamente fui abraçado pelas dores dos meus semelhantes. Sempre me preocupei com o texto, mas cuidei em cantar a vida, a vida que me cercava. Por exemplo, o livro *Velhice e outros contos* eu devo basicamente ao fato de estar desempregado. Não conseguia trabalhar na vendola do meu pai, então tive que arrumar uma outra atividade. Li nos jornais que o IBGE estava contratando pessoas para realizar o censo demográfico. Brincado, mas nem tanto, costumo dizer que devo ao IBGE o meu primeiro livro, pois foi visitando as casas, olhando suas formas e as pessoas que nelas viviam, foi entrando na atmosfera da vida, na presença das paredes, nos sorrisos e na vida como um conjunto que escrevi

Divulgação



Salim Miguel: "Tento deixar um retrato do mundo maluco em que nós vivemos"

loquei na gaveta e disse para Eglê: vou parar e tentar outra coisa. E disse para mim: vou tentar uma narrativa que tire a identidade dos personagens, construir uma cidade onde nada acontece e introduzir um narrador com dificuldades na narração. Então, lembrei de uma novela do Miguel Unamuno chamada *Niebla* e que me marcou muito porque os personagens se rebelam contra o autor. Então o personagem-narrador de *Confissões prematuras* discute internamente a obra.

Ainda em *Confissões prematuras*, você utiliza uma série de recursos próprios da linguagem poética. Como foi para você jogar com esses recursos? O uso desses recursos tem como objetivo confundir ainda mais os leitores?

Há dois motivos: o primeiro é confundir o leitor e o outro, como eu nunca consegui escrever um poema decente, pelo menos em prosa eu consegui fazer alguma coisa poética. Desta

que tínhamos muita gente envolvida com a poesia. O Aníbal publicou apenas um livro de poemas, a Eglê escreveu *Manhã* e não publicou mais poemas. Então você tem razão, pois a prosa teve uma maior realização.

E o poeta Antônio Paladino?

Paladino morreu aos 25 anos de asma e tuberculose. Ele era um talento que não teve tempo de se confirmar. Paladino navegava na poesia, na ficção, mas penso que era como crítico que iria deixar sua marca maior. Ele tem críticas muito boas sobre poetas de outros estados.

O livro *Onze de Biguaçu e mais um* parece ser um belo filho do *Nur*? Certo?

Não, ele não parece, ele é um filho do *Nur*. Quando estava escrevendo, eu comeci a cortar, então percebi que havia um corpo estranho dentro do livro. Estes textos que compõem o *Onze de*

para realizar o censo demográfico. Brincado, mas nem tanto, costume dizer que devo ao IBGE o meu primeiro livro, pois foi visitando as casas, olhando suas formas e as pessoas que nelas viviam, foi entrando na atmosfera da vida, na presença das paredes, nos sorrisos e na vida como um conjunto que escrevi este livro. Então, eu trabalhava nas ruas de Florianópolis levantando a vida das pessoas para o censo. Na sua maioria, era pessoas pobres. Com exceção dos contos *Velhice I, II, e III*, os demais são todos personagens desvalidos. Todos os contos de *Velhice* e outros contos foram escritos num jorro só, numa espécie de transe, o que não é habitual em mim. Geralmente trabalho muito para um conto surgir.

Neste livro, o conto *Alvina esta minha noite demonstra a dicotomia entre o mundo real e o ficcional?*

É. Esse conto foi uma experiência nova que tentei, pois ele é muito diferente do que se fazia na prosa catarinense daquela época. Ele tem um recorte cinematográfico. Ele é uma galeria de quadros. Como a imagem de um trem passando em nossa frente. E revela sim a preocupação com uma prosa envolvida com a vida, com o homem. Assim penso ser minha literatura, assim a vejo: uma ficção que se utiliza do real, do memorialístico. O conto *Jantar em família*, embora se passe numa casa de classe média, é permeado pela dor da empregada a brigar com seu filho.

No livro *O primeiro gosto*, o personagem Afonso, do conto *Amor, lascívia, E...* foge do amor para manter "o intangível", ou seja, a certeza de que amou e não destruiu com seu amor, o que ficou/fica "intangível" na vida do autor Salim Miguel?

Em relação ao namoro, tive a pureza de encontrar a Eglê, que é minha namorada há 55 anos. Quando somos jovens, ficamos imaginando esses amores impossíveis. Mas eu continuo enamorado há 55 anos e não posso imaginar a minha vida sem a Eglê. Eu a conheci em 1947 quando começávamos a articular o Grupo Sul. Estávamos ensaiando uma peça teatral para lançar a revista *Sul*. Após o lançamento da revista fomos a um jantar e dali saiu o meu namoro com a Eglê, que me acompanha e chega a ser até uma co-autora dos meus livros. Ela é a primeira leitura e com todo o senso crítico de quem tem uma vida entre os livros, ela sugere algumas alterações, às vezes aceita, outras não. E assim vivemos esses 55 anos. No caso do conto que você cita, o jovem pensa que o relacionamento duradouro vai tirar o encanto e a beleza do amor, então ele prefere terminar e ficar com a imagem pura e ingênua de quem amou muito. No meu caso, os encantos aumentaram e continuam a aumentar. Sob o ponto de vista social, eu permaneço acreditando no homem, isto sim está inabafável dentro de mim, eu acredito em uma solução pacífica para o homem e para o mundo.

No livro *Confissões prematuras*, a crise de personagem magro, a perda da memória e os questionamentos constantes do narrador simbolizam as dificuldades do autor Salim Miguel ou o impasse dos narradores contemporâneos?

Em primeiro lugar simbolizam as dificuldades do narrador Salim Miguel. Costume brincar dizendo que se eu tivesse uma formação acadêmica (que às vezes penso ser boa e às vezes penso ser má), eu teria preferido ser um ensaísta, um estudioso do processo literário, um crítico literário (esta espécie em extinção hoje). Não possuo essa formação acadêmica, mas sempre escrevi sobre os livros dos outros. Sempre digo: sou um ficcionista por teimosia. Faço ficção para provar para mim e para os outros que eu posso fazer. Esses personagens do *Confissões prematuras* surgiram no período em que trabalhava no livro *Nur* e, de repente, depois de rescrever *Nur* por quatro vezes, eu fiquei trancado, travado e não conseguia segui-lo. Não conseguindo avançar, eu parei e co-

recursos tem como objetivo confundir ainda mais os leitores?

Há dois motivos: o primeiro é confundir o leitor e o outro, como eu nunca consegui escrever um poema decente, pelo menos em prosa eu consegui fazer alguma coisa poética. Desta forma, transferei o olhar poético do mundo que sempre tive para o lugar onde eu dominava, para o espaço que é meu, ou seja, para a prosa.

A que você atribui a não adesão dos literatos catarinenses à Semana de Arte Moderna?

Acontece que não só em Santa Catarina, mas no Brasil todo, a Semana de Arte Moderna foi muito contestada. Aqui a Academia Catarinense de Letras havia sido formada quase no mesmo período, e, mesmo reconhecendo que a Geração da Academia tinha alguns nomes com alguma importância, pode-se afirmar que ela era muito tradicional, ainda estava mergulhada no movimento parnasiano. Para se ter uma idéia, até a poética de Cruz e Sousa era negada. Essa geração questionava de maneira violenta toda a Semana de Arte Moderna, e isso ficou até a década de 40, quando nós começamos o Grupo Sul, que originalmente se chamava Círculo de Arte Moderna, numa referência direta à Semana de Arte Moderna. E nós fomos atacados: eles diziam que nós não sabíamos escrever. O fato de começar uma frase com pronome oblíquo rendia furor no meio acadêmico. Nós entendíamos o idioma como uma coisa viva, e queríamos uma aproximação do idioma com a nossa vida e não nos submetemos ao poder e opressão do vernáculo puro. O poema da pedra do Drummond aqui era motivo de gozação. Mesmo o Othon Gama D'Éca. Além dele, ninguém dessa geração deixou algo de substancial. Considero importante apenas o livro *Homens e algas* do D'Éca. Ah! O Tito Carvalho também considero importante. Mas o problema mesmo é que essa geração contaminou a geração que estava começando a escrever, que, desta forma, iria permanecer no retrocesso do fazer literário.

Olhando de longe: o que era ingênuo e o que ramificou da fase do Grupo Sul?

Nós começamos com uma preocupação cultural, nossa preocupação não era apenas com a literatura. O período que se seguiu após a Segunda Guerra Mundial, surgiram mais de quarenta revistas no Brasil todo. A mais significativa delas é a *Joaquim*, editada pelo Dalton Trevisan. Nós não nos restringimos à literatura, tentamos tudo: cinema, teatro, música, artes plásticas e literatura. Montamos um clube do cinema. Fizemos debates. Recuperamos a obra do Martinho de Haro. Como éramos muito jovens, nós não tínhamos a certeza do que poderia ou não poderia ficar, hoje eu ainda não sei se os nomes do Grupo Sul vão, ou não, permanecer.

Parece que entre todos os gêneros tentados pelos participantes do Grupo Sul foi a prosa o gênero que mais ramificou. Você concorda com esta afirmativa?

Você tem razão: a poesia foi menos realizada que a ficção, mas eu acredito que três nomes sejam significativos Walmor Cardoso da Silva (que infelizmente abandonou a literatura), Aníbal Nunes Pires (que se realizava mais vendo os outros produzindo) e a Eglê (que nunca deixou de escrever poemas, apenas não está publicando). Já na ficção não, pois nela nós temos pelo menos três ou quatro nomes de muita qualidade, o Guido Wilmar Sassi, o Adolfo Boss Jr., Silveira de Souza e me incluo dentre eles. Nas artes plásticas, o Ernesto Mayer, Aldo Nunes, José Silveira D'Ávila e o Moacir Fernandes (de quem ninguém mais se lembra) são nomes que marcaram uma transição.

E por que a poesia ficou no meio do caminho? Precisaríamos de um estudo detalhado sobre isso, precisaríamos ver as causas e nos perguntarmos o que aconteceu, já

O livro *Onze de Biguaçu mais um parece ser um belo filho do Nur?* Certo?

Não, ele não parece, ele é um filho do Nur. Quando estava escrevendo, eu comecei a cortar, então percebi que havia um corpo estranho dentro do livro. Estes textos que compõem o *Onze de Biguaçu* e mais um não tinham como ficar dentro do Nur. E não seria justo que eu jogasse aqueles textos no lixo, então dei um novo tratamento para eles e a baleia deu vida a Jonas.

A unidade de *Onze de Biguaçu mais um* é tanta que podemos ler tanto como um livro de contos, como uma novela? Como é seu processo de criação?

Isto também é verdade, pois o personagem evolui no tempo e podemos observar sua vida até a adolescência (quase beirando a maturidade). Nenhum dos meus personagens sou eu, mas todos os personagens levam alguma coisa do autor: é o que acontece com esse menino. Vou contar uma história de como surgiu o último conto *Mais um*. Este conto marca bem a minha maneira de escrever: eu estava em Chapéu fazendo uma reportagem para a revista *Manchete*. Numa noite, o fotógrafo e eu estávamos num restaurante esperando um jantar e pedimos uma cerveja. Eu estava contando para o fotógrafo um resumo do romance *São Miguel*, do Guido Wilmar Sassi, que se passa naquela região. Perto de nós estava um homem de uns 40 anos muito atento ao que eu dizia. De repente ele se levantou, chegou e perguntou se podia sentar. Antes mesmo de nós dizermos sim, ele já estava sentado, pediu um copo, serviu-se da nossa cerveja e disse assim: "eu estava muito atento ao que tu estás contando e eu sou balseiro, sou balseiro por vocação". Isso me impressionou porque eu acredito na vocação, não acredito em inspiração, e isso varia dos empreendimentos mais altos até os mais humildes. Então eu perguntei a ele o que ele quis dizer com aquilo e ele retornou: "eu gosto muito de ler, me interessa muito pelo bicho homem, mas a minha vocação é ser balseiro, eu não saberia fazer outra coisa". Ai eu perguntei por que ele estava falando aquilo, e ele disse que gostaria de ler o romance *São Miguel*, porque trata da vida dele, do povo dele. Continuou dizendo que tinha lido dois livros: *Anaconda* do Quiroga (Eu disse: "conheço") Ele disse: "o outro tu não conheces": *El rio escuro* do Alfredo Varela. (eu disse que conhecia). Ele retornou: "porra, tu conheces tudo?" Então eu disse a ele que não conheço nada do ofício de barqueiro. Ele disse: "então vou explicar. Só que a minha vida de balseiro teve alguns momentos muito dramáticos e eu preciso beber alguma coisa que não seja esta porcaria de cerveja, quero algo mais forte: um conhaque, uma cachaca". E perguntei por que ele estava me dizendo aquilo. Ele olhou para mim e falou: "meus direitos autorais; depois tu me transformas em personagem, vais ganhar em cima da minha história; e eu, como fico?" Essa é a maneira de eu chegar ao texto, me reportando à memória de fatos ocorridos. Assim é meu processo.

Como você descreveria o seu trabalho na revista *Ficção*? Qual a importância desta revista?

Nós, da *Ficção*, éramos um grupo de jornalistas, escritores e pesquisadores atuando no Rio de Janeiro. E todos necessitando sobreviver, mas insatisfeitos, procurando alguma coisa diferente. Um dia em conversa com o Cicero Sandroni (que já havia editado dois números da revista *Ficção*) nos perguntamos por que não retomarmos o trabalho da revista. Reunimos um grupo de cinco editores, cinco editores assistentes e programamos a revista. Ela durou quatro anos. Só para se ter uma idéia: nós tirávamos 15 mil exemplares em 1976 e vendíamos entre 10 e 12 mil. Isso nos três primeiros números, porque no quarto nós começamos a não vender tanto. Enfim, terminou como todo veículo deste porte termina um dia. A revista estimulou muita gente que tinha parado de escrever a voltar. Muita gente se uniu à *Ficção*, entre os correspondentes tínhamos: no Rio Grande do Sul, o Moacyr Scliar, na Bahia, o João Ubaldo Ribeiro; em

Minas era o Walter Quirole e em São Paulo, o Porfírio Carneiro. Veja que hoje todos (uns mais, outros menos) são importantes e significativos na literatura brasileira. Numa pesquisa feita por alunos da Universidade de Brasília, chegou-se à conclusão que os principais nomes da literatura brasileira foram publicados na revista *Ficção*. Outra característica é que nós pagávamos direitos autorais e, além disso, os assinantes recebiam um livro de brinde de uma editora que fez convênio com a revista. Nós tínhamos anunciantes que nos ajudavam, não pela venda ou retorno dos seus produtos, mas apenas para nos ajudar. Sempre teve meia página de anúncio. Até promoção de concursos nós realizávamos. Fizemos concurso para a Petrobras, fizemos concurso para a Universidade e o governo do Espírito Santo. De forma que ainda hoje, quando se fala em revistas da década de 70 — e eram muitas, por exemplo, no Ceará tinha uma chamada *O Saco*, tinha a de Minas que se chamava *Inédita*, a do Rio chamada *José* que era um contrapartida da *Joaquim* do Dalton Trevisan — a *Ficção* foi a que teve mais abrangência.

Você ficou muitos anos sem escrever, o que isso significou para você? A volta marca uma nova fase na sua literatura?

Eu não parei de escrever, apenas parei de publicar. O meu projeto era publicar um livro de dois em dois anos. Publiquei o primeiro em 1951, o segundo em 1953 e outro em 1955. De repente, eu dei uma pausa e pensei: eu estou escrevendo por que eu preciso escrever? Ou eu estou escrevendo para ver um nome na lombada de um livro? Escrever e publicar para mim deixou de ser importante, o importante é saber o motivo que nos leva a escrever e publicar. Aí dei uma de Saramago, fiquei dezoito anos sem publicar, porém durante esse tempo eu escrevi muito. Publiquei apenas uns oito ou dez contos, contos estes que foram reunidos em 1973 no livro *O primeiro gosto* (que hoje tem apenas uns quatro contos que eu considero válidos). Aí me senti insatisfeito e parei de publicar por mais seis anos. Em 1979, eu disse para a mãe e para os meus amigos: eu vou publicar mais um livro desses contos que eu estou escrevendo agora, e se não der certo, se não for um livro que tenha algum significado e que tenha alguma coisa literariamente trabalhada, eu vou esquecer disso e cuidar de outra coisa na minha vida. Felizmente, este livro que se chama *A morte do tenente e outras morte* foi uma virada na minha maneira de escrever e de pensar a literatura, a ponto de me deixar satisfeito; não realizado, porque ninguém é realizado, porque realizado é acabado e acabado é quando não se tem mais o que fazer. Mas este livro me deixou satisfeito porque a partir dele eu criei a convicção de que deixaria o meu recado sobre o mundo em que estamos. Aí demorei mais uns anos e publiquei o romance *A voz submersa* que também teve uma boa aceitação de crítica e uma vendagem bastante regular. E aí engrenei.

Os livros *O castelo de Frankenstein*, *Eu e as corruiras* e agora *Aproximações leituras e anotações* são textos que você publicou em vários jornais do país. Como você os classifica e qual a validade, para o leitor, de se reunir textos desta natureza?

Eu penso que o jornal é um exercício muito grande para quem escreve. Eu sou daqueles que imaginam o jornalista e o escritor como duas entidades muito próximas. Desta forma, o jornalismo pode ajudar o escritor e o escritor pode ajudar o jornalismo. Durante quase 50 anos eu trabalhei na imprensa, e na imprensa eu fiz absolutamente tudo, trabalhei até com hológrafo, a única coisa que eu não fiz foi plantão de polícia. Mas

narrativa, a ponto de você perder o controle dela?

Não, o controle não. Mas alguns personagens acabam ocupando espaços maiores ao qual eu pretendia dar. No meu primeiro romance *Rede*, de repente tem um personagem que era incidental e acabou atingindo proporções muito além do imaginado. E isso ocorre em outros casos, mas sempre controlei a narrativa.

Você não vê a crítica literária catarinense muito paternalista com seus autores? Ou ela inexistente?

Eu acredito que não temos mais crítica literária no país. Nós temos, eventualmente, um ou outro fazendo resenha, ou tentando fazer crítica, porque a crítica é feita para trabalhar em cima do que está aparecendo. Como não temos mais espaço nos jornais para a crítica, o máximo que se consegue é uma resenha. Em Santa Catarina então, nem se fala. Agora crítica literária mesmo, crítica para valer, como tinha um Tristão de Athayde, um Álvaro Lins, um Antonio Cândido, isso em Santa Catarina nunca existiu. Mesmo os mais antigos, o Nereu Correia, o Celestino Sacht e o Lauro Junkes (não se trata de negar o que eles fizeram), mas eles não são críticos literários na verdadeira acepção da palavra. Eles trabalhavam sempre com o medo de dizer que determinada literatura necessitava de maior trabalho, ou mesmo de dizer que tal livro não é bom. Quando eles não dizem que é bom, eles deixam a coisa no ar. A crítica tem que ir além da preocupação de agradar o autor. E uma crítica bem feita ajuda mais ao desenvolvimento de um autor que um elogio fácil. Há também o medo de fazer inimigos. Então concordo, somos paternalistas e só se vê elogios desaprofundados.

E a história da literatura catarinense?

Aí o problema é mais grave, pois se você pegar um livro de história da literatura catarinense, você acaba obtendo informações somente sobre aquilo que se publicou. Precisamos urgentemente de uma história da literatura catarinense que tenha uma visão crítica.

Você confessa em *Apontamentos sobre o meu escrever* que o livro *Voz submersa* nasceu de uma ocasião factual. Sua obra nos parece ser pautada na memória do factual, qual o limiar do ficcional e do factual para você?

Eu começo do factual, porém procuro não deixar o factual se imiscuir a tal ponto de comprometer o tratamento do livro. Por exemplo, o romance *A voz submersa* nasceu de dois fatos, o primeiro, uma vizinha que eu tinha e subia do andar dela para o meu e ficava quarenta minutos, uma hora no telefone conversando com a mãe contando seus demônios, seus fantasmas, suas frustrações e sua mágoa. Ela era uma maníaco-depressiva. Então eu fiz um conto que não me satisfiz e uma noite eu estava saindo do meu segundo emprego, porque eu tinha dois empregos, eu assisto ao transporte do corpo do estudante Edson Luís que havia sido assassinado, vi toda aquela manifestação e fiz uma reportagem. Como nós estávamos em plena ditadura, a reportagem não foi publicada. Aí eu guardei os dois textos. Antes de voltar para Santa Catarina, fiz o primeiro tratamento do texto. Uni os dois assuntos e transformei isso num romance. O primeiro tratamento não me satisfiz. Só em Florianópolis, retomei o trabalho do livro em 1983.

Sua literatura é basicamente memorialística?

A maneira pela qual eu chego ao texto é sim baseada na memória, sempre partindo de alguma coisa que aconteceu, sempre de coisas que me aconteceram, então capto daí minha literatura, capto

suas tias-avós. Um dia eu disse ao Aníbal que isso daria um conto — "ou tu escreves ou eu vou roubar de ti" —, aí ele falou que eu poderia roubar. Então eu peguei as velhinhas, a casa, os móveis e coloquei em um outro universo ficcional que é Biguaçu. Só que em Biguaçu e eu precisava de amigos, então inseri as velhinhas na comunidade de Biguaçu, eu sempre trabalho assim. Sempre trabalhando a ficção com fundo memorialístico.

Como você avalia o período da ditadura, pois daí surgiu *Primeiro de abril - narrativas da cadeia*.

A ditadura em Santa Catarina deixou muitas marcas. Só para você ter uma idéia: quando eu fui solto, os amigos me evitaram, e alguns desconhecidos se tornaram solidários. Em Florianópolis, a violência psicológica foi mais forte que a física. No interior do Estado, a violência foi mais sob o aspecto físico. Aqui em Florianópolis, dois soldados me pegaram, me colocaram dentro de um carro e saíram comigo e começaram a circular pela cidade. Quando chegamos perto da ponte Hercílio Luz, um deles virou para o outro e disse: qual será o impacto do corpo jogado daqui no mar, e um deles respondeu que só jogando se saberia. Esse meu livro dá essa dimensão da ditadura.

Fale sobre o romance abortado sobre a Guerra do Contestado? O Guido Wilmar Sassi estava produzindo o *Geração do deserto* e você desistiu, como foi isso?

A primeira notícia que tive sobre o Contestado foi através de um negro chamado Tiadão que morava em Biguaçu. Ele tinha quase cem anos e havia sido escravo. Ele ia até a venda do meu pai e lá entrei em contato com o episódio do Contestado. Na década de 50, aparece em Florianópolis o Maurício Vinhas de Queirós. Ele veio com uma indicação para me procurar, nós da Sul já éramos bastante conhecidos. Veio e durante seis meses morou aqui e percorreu todo o Estado colhendo informações. O Vinhas acabou publicando o melhor livro sobre o Contestado que se chama *Messianismo e questão social*. A partir daí, comeci a fazer anotações, mas um dia o Guido Wilmar Sassi me liga e diz que está terminando um livro sobre o Contestado chamado *Geração do deserto*. Como sempre considero o Guido um ficcionista nato, um ficcionista que só tinha grandes leituras de ficção, me retirei e o Guido fez um belo livro, um dos mais belos livros sobre o Contestado.

A proximidade com o teatro e com o cinema parece ter influenciado sua narrativa.

Sempre fui ligado ao teatro. Pelo cinema, sou apaixonado. Assim como a literatura influencia no cinema, o cinema, depois de sua explosão, também deixou sua marca na literatura. É certo que tal análise tem de ser feita por outro, mas, mesmo assim, acredito ver forte influência dos cortes cinematográficos em minha literatura. Poderia falar sobre os planos e sobre a movimentação nas minhas obras, nos cortes e nas retomadas de narrativas por imagens, mas o ideal é que a crítica se encarregue disso.

As várias faces é o resultado desta experiência?

Já o teatro não, assim como nunca escrevi um poema de valor substancial, o mesmo ocorre com o teatro. O livro *As várias faces* começou com uma exposição de pintura, onde um quadro havia sido roubado. Então, por dois anos, tentei fazer daquele ocorrido uma peça de teatro. Como não consegui, acabei fazendo uma novela em três atos. Ao mesmo tempo em que ela é um diálogo, o que a conduz é a narrativa novelística. Esta novela tem uma imagem que está no filme do Luis Buñuel chamado *Quem tem medo da Virgem*. E isso me dá

tor, de se reunir textos desta natureza?

Eu penso que o jornal é um exercício muito grande para quem escreve. Eu sou daqueles que imaginam o jornalista e o escritor como duas entidades muito próximas. Desta forma, o jornalismo pode ajudar o escritor e o escritor pode ajudar o jornalismo. Durante quase 50 anos eu trabalhei na imprensa, e na imprensa eu fiz absolutamente tudo, trabalhei até com horóscopo, a única coisa que eu não fiz foi plantão de polícia. Mas sempre me realizei mesmo na área cultural. Durante muitos anos eu fiz resenhas e que alguns chamam de crítica. Não é bem crítica, mas sim resenhas. Durante quase nove anos eu fui o chamado free-fixo do caderno *Idéias do Jornal do Brasil*. Publicava de dois a três artigos por mês. E o que agente publica hoje no jornal, amanhã não está servindo nem para embrulhar peixes, pois hoje os peixes vêm em plásticos. Af eu fiz uma seleção daquilo que eu achei menos precioso e que poderia interessar para um e outro leitor. O primeiro volume do livro *O castelo de Frankenstein* são textos sobre literatura hispano-americana. Sempre fui um leitor insaciável da literatura de língua espanhola. O segundo volume também está dedicado a essa literatura. **Eu e as corruínas** é um livro de crônicas e depoimentos. Se esses livros não são textos definitivos (e o que é definitivo em literatura?) pelo menos são dirigidos a um determinado tipo de leitor.

A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta embora tenha linguagem e propostas distintas é muito próximo do livro *Trapo* de Cristovão Tezza. É uma coincidência? Quanto ao livro em si, ele representa o exorcismo do poeta Salim Miguel ou uma tentativa de recuperar a poesia e os poetas do Grupo Sul?

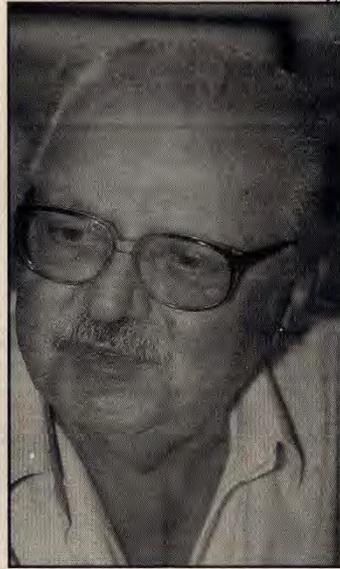
Eu conheci o Cristovão Tezza quando ele veio lecionar jornalismo em Florianópolis. Embora ele tenha sido professor de amigos meus e de minha nora, nós tivemos muito pouco contato. Foi uma surpresa para ambos quando quase na mesma época apareceu *Trapo* e *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*, tanto que li antes o *Trapo*. Um dia o meu filho ligou para ele, e eu quis falar com ele. Af eu disse: Cristovão você já leu o meu livro *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*? E ele disse que não tinha lido, mas umas duas ou três pessoas já haviam falado que existe uma aproximação com *Trapo*. E é uma coisa, embora a linguagem e o tratamento sejam muito diferenciados, há vários pontos de contato. Eu enviei um exemplar para ele. Ele leu e achou a mesma coisa. Só que nunca tínhamos conversado, não sabíamos um do outro. Agora a segunda parte: este livro aparece com o subtítulo de venturas e desventuras de Sezefredo das Neves como um livro meu a ser publicado na década de 50. Af eu nunca mais pensei nisso. E na verdade ele não poderia ser publicado naquela época porque ele reflete a geração do Grupo Sul e Santa Catarina social e politicamente. E na verdade este romance está dividido em vários cadernos, cada caderno contendo como epígrafe os poetas de minha preferência. E, para minha sorte, me o bom senso de não publicar nenhum poema que escrevi. Então, em torno do Grupo Sul circulava um poeta que vivia 24 horas poesia, ele comia poesia, sonhava poesia e tinha dentro dele só poesia, mas nunca conseguiu escrever nenhum poema. Além disso, todo o pessoal da Sul começou fazendo poesia, o único que não escreveu poesia foi o Adolfo Boss Jr porque o Guido, o Silveira, enfim, quase todos iniciaram na poesia. No começo da década de 80, eu retomei o projeto frustrado da década de 50. E com uma visão distanciada do que era o Brasil na década de 40, do que era o nosso sonho. E como nunca fui poeta eu fiz pastiche de Cruz e Sousa, Lorca, Fernando Pessoa, Mário de Andrade e Sá Carneiro e por aí vai. A coisa é basicamente isso: alguém que se percebe poeta, que vive poesia, mas não se realiza, ou seja, é um poeta inédito. Mas hoje, eu cortaria mais de 50 páginas deste livro.

Em algum momento o personagem se imiscui na

os dois assuntos e transformar isso num romance. O primeiro tratamento não me satisfaz. Só em Florianópolis, retomei o trabalho do livro em 1983.

Sua literatura é basicamente memorialística?

A maneira pela qual eu chego ao texto é sim baseada na memória, sempre partindo de alguma coisa que aconteceu, sempre de coisas que me aconteceram, então capto daí minha literatura, capto ela da vida. Tenho um conto chamado *As queridas velhinhas*, dedicado ao Aníbal Nunes Pires, que está no livro *A morte do tenente e outras mortes*, porque o Aníbal sempre me falava de



“ Faço ficção para provar para mim e para os outros que eu posso fazer ”

ja o teatro não, assim como nunca escrevi um poema de valor substancial, o mesmo ocorre com o teatro. O livro *As várias faces* começou com uma exposição de pintura, onde um quadro havia sido roubado. Então, por dois anos, tentei fazer daquele ocorrido uma peça de teatro. Como não consegui, acabei fazendo uma novela em três atos: *Ao mesmo tempo em que ela é um diálogo*, o que a conduz é a narrativa novelística. Esta novela tem uma imagem que está no filme do Luis Buñel, chamado *O anjo exterminador*. E a literatura é isso: você acaba jogando, consciente ou inconscientemente, com o que viu, leu, apreendeu em outros lugares.

Qual a condição do escritor brasileiro no mundo da *mass media*?

Para mim não há nada que substitua o livro. Pegar o livro, apalpar, cheirar e correr os olhos sobre ele ainda é insubstituível. Ninguém irá para cama com um computador. E hoje estamos perdendo leitores, pois a televisão, por exemplo, nos rouba leitores, as crianças passam horas na frente da televisão. Antes tínhamos contadores de histórias, agora temos a cultura da imagem. Acredito que cada vez mais perdemos leitores, mas sempre teremos os amantes do livro. Espero que não cheguemos ao ponto de escritor ler escritor. Para isso, as escolas têm que desenvolver nos alunos esta paixão pelo livro, pelo lúdico do livro, pelo mistério do livro, para que todos possam sair do mundo facilitário da imagem.

Como crítico, você consegue se reportar internamente à sua obra? O que diria sobre ela se ela fosse de um outro autor?

Essa pergunta é muito difícil e complicada. Não me considero um crítico, mas sim alguém que não se satisfaz com a leitura, escreve sobre o que lê. E é isso que tenho feito por toda a minha vida. Não consigo fazer um distanciamento. Minha obra é parte de mim. O que eu consigo é saber quais dos meus livros têm tratamento mais acurado, isso sim. Sei quais livros não publicaria hoje e os que eu queimaria se conseguisse recolher. Tento deixar um retrato do mundo maluco em que nós vivemos.

Como você avalia a coexistência quase que pacífica de três gerações de escritores catarinenses?

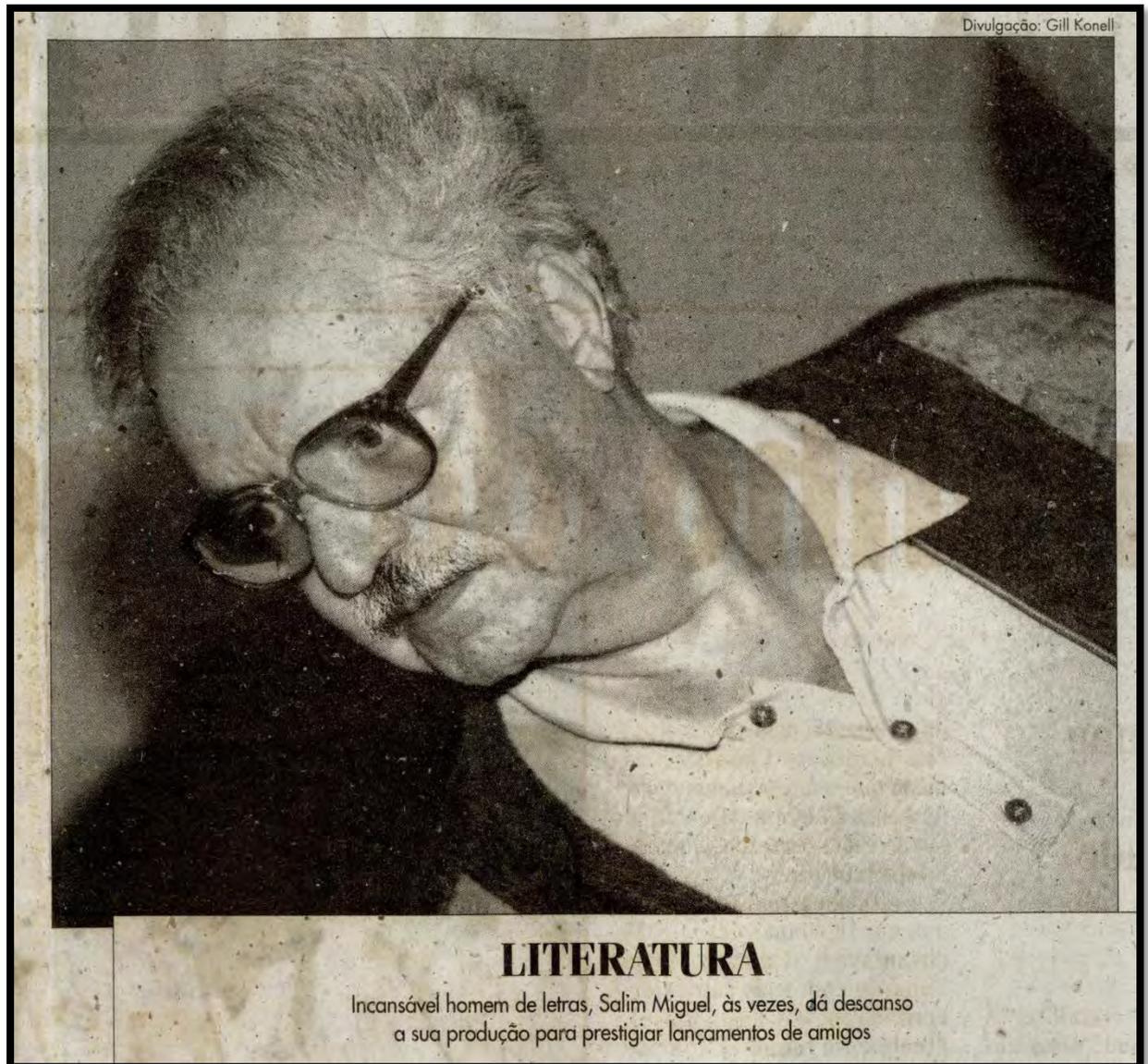
A literatura catarinense sempre se processou em ciclos. Começou uma coisa muito orgânica com o grupo da Idéia Nova do Cruz e Sousa. Af há a Geração da Academia. Depois o Grupo Sul. Mais adiante vem a turma da década de 70 e agora aparece, na década de 90, um novo grupo. Eu penso que falta mais briga, mais polêmica, mais discussão porque esta convivência pacífica atesta uma mentira, atesta que tudo o que se está fazendo é muito bom. E não é verdade, nós do Grupo Sul carecemos de uma crítica também. Quando dizem que o Grupo Sul foi o maior movimento literário de Santa Catarina, eu digo que não foi. E atesto que há muitas coisas que poderíamos deixar de fazer sem falta ao cenário catarinense. Mas, por outro lado, modificamos muita coisa. Então, falta se estabelecer estas discussões. Quando a gente está envolvido, é muito fácil fazer uma análise positiva. O Lindolf Bell e o O. Ronald são anteriores aos de 70, que tem o Alcides Buss e o Osmar Pisani. Mas ninguém polemiza por não querer ofender ou ser ofendido. Todos os movimentos de arte partem de grandes questionamentos. Espero que vocês possam se preparar para isso, e não tenham medo, não fiquem quietos, falem sempre que quiserem. O pacífico na literatura catarinense é uma máscara que um dia vai ter que cair.

Como você gostaria de ser lembrado?

Se daqui a duzentos anos alguém encontrar um livro meu num sebo e esse livro despertar interesse e que diga alguma coisa a essa pessoa, acredito que valeu viver.

014: Literatura

SARTORI, Raul. Literatura. **A Notícia**. Santa Catarina, 29 de dez. de 2003, pag. B2. Anexo.



015: Tento deixar um retrato do mundo maluco em que vivemos

VASQUES, Marco Anselmo. Tento deixar um retrato do mundo maluco em que vivemos. **A Notícia**. Santa Catarina, 4 de março de 2003, pag. C 6. Anexo/Entrevista.

"Tento deixar um retrato do mundo maluco em que vivemos"

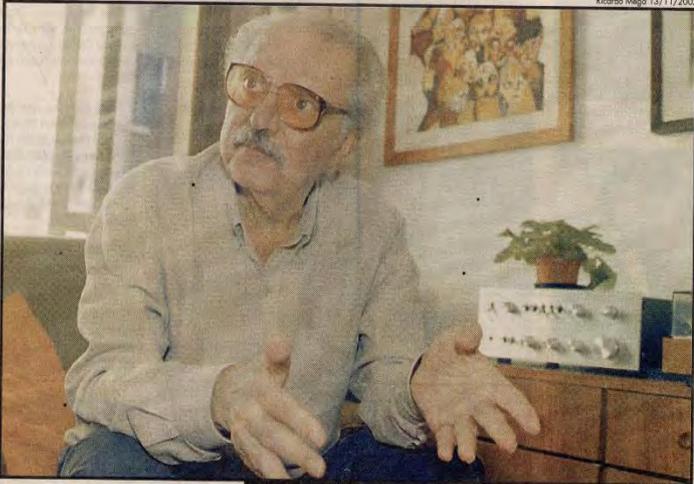
"A crítica tem de ir além da preocupação de agradar o autor. E uma crítica bem feita, ajuda mais ao desenvolvimento de um autor que um elogio fácil. Há também o medo de fazer inimigos, então concordo, somos paternalistas e só se vê elogios desaprofundados."

Escritor Salim Miguel diz que o Grupo Sul não é o maior movimento literário de SC e lamenta a falta de discussões entre os criadores

"Uma prosa envolvida com a vida e com o homem. Assim penso ser minha literatura, assim a vejo: uma ficção que se utiliza do real, do memorialístico. O conto "Jantar em Família", embora se passe numa casa de classe média, é permeado pela dor da empregada a brigar com seu filho."

Anexo — Nos dois livros de contos "Velhice e Outros Contos" e "O Primeiro Gosto" seus personagens são, em sua maioria, pessoas pobres. Por que a preferência por essa abordagem?

Salim Miguel — Comecei a escrever cedo, mas para os padrões brasileiros comecei a publicar tarde. Como venho de uma família muito pobre e moramos longos anos em lugares muito deficitários, intuitivamente fui abraçado pelas dores dos meus semelhantes. Sempre me preocupei com o texto, mas cuidei em cantar a vida, a vida que me circundava. Por exemplo, o livro "Velhice e Outros Contos" eu devo basicamente ao fato de estar desempregado. Não conseguia trabalhar na vendola do meu pai, então tive que arrumar uma outra atividade. Vi uma notícia nos jornais que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estava contratando pessoas para realizar o censo demográfico. Brincando, mas nem tanto, costume dizer que devo ao IBGE o meu primeiro livro, pois visitando as casas, olhando suas formas e as pessoas que nelas viviam, fui entrando na atmosfera, na presença das paredes, nos sorrisos e na vida. Então quando trabalhava nas ruas de Florianópolis levantando a vida das pessoas para o censo nasceu a matéria para o primeiro livro. Todos os contos de "Velhice e Outros Contos" foram escritos num jorro só, numa espécie de transe, a criatividade



Ricardo Mago 13/11/2002

crítica para valer, como tinha um Tristão de Athayde, um Álvaro Lins, um Antônio Cândido, isso no Estado nunca existiu. Mesmo os mais antigos, o Nereu Corrêa, o Celestino Sachet e o Lauro Junkes (não se trata de negar o que eles fizeram), mas eles não são críticos literários na verdadeira acepção da palavra. Eles trabalham sempre com o medo de dizer que determinada literatura necessita de maior trabalho, ou mesmo de dizer que tal livro não é bom. Quando eles não dizem que é bom, eles deixam a coisa no ar. A crítica tem que ir além da preocupação de agradar o autor. E uma crítica bem feita, ajuda mais ao desenvolvimento de um autor que um elogio fácil. Há também o medo de fazer inimigos, então concordo, somos paternalistas e só se vê elogios desaprofundados.

Anexo — E a história da literatura catarinense?

Salim — Ai o problema é mais grave, pois se você pegar um livro de história da literatura catarinense, você acaba obtendo informações somente sobre aquilo que se publicou. Precisamos urgente de uma história da literatura catarinense que tenha uma visão crítica.

Anexo — Como crítico, você consegue se reportar internamente à sua obra? O

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Publicado em: 1995. Os contos de "Velhice e Outros Contos" foram escritos num jorro só, numa espécie de transe, o que não é habitual em mim. Geralmente trabalho muito para um conto surgir.

Anexo — Neste livro, o conto "Alvina Esta Minha Noiva" demonstra a dicotomia entre o mundo real e o mundo ficção?

Salim — Esse conto foi uma experiência nova que tentei, pois ele é muito diferente do que se fazia na prosa catarinense daquela época. Ele tem um recorte cinematográfico. Ele é uma galeria de quadros. Como a imagem de um trem passando em nossa frente. E revela sim a preocupação com uma prosa envolvida com a vida e com o homem. Assim penso ser minha literatura, assim a vejo: uma ficção que se utiliza do real, do memorialístico. O conto "Jantar em Família", embora se passe numa casa de classe média, é permeado pela dor da empregada a brigar com seu filho.

Anexo — No livro "Confissões Prematuras", a crise de personagem magro, a perda da memória e os questionamentos constantes do narrador — simbolizam as dificuldades do autor ou o impasse dos narradores contemporâneos?

Salim — Em primeiro lugar simbolizam as dificuldades do narrador Salim Miguel. Costumo brincar dizendo que se eu tivesse uma formação acadêmica (que às vezes penso ser boa e às vezes penso ser má) eu teria preferido ser um ensaísta, um estudioso do processo literário, um crítico literário, espécie em extinção hoje. Não tenho essa formação acadêmica, mas sempre escrevi sobre os livros dos outros. Sempre digo: sou um ficcionista por teimosia. Faço ficção para provar para mim e para os outros que eu posso fazer. Esses personagens do "Confissões Prematuras" surgiram no período em que trabalhava no livro "Nur" e de repente, depois de rescrever "Nur" por quatro vezes eu fiquei trancado, travado e não conseguia seguir, não conseguindo avançar parei e coloquei na gaveta. Então disse a Eglê: vou parar e tentar outra coisa. E disse para mim, vou tentar uma narrativa que tire a identidade dos personagens. Construí uma cidade

onde nada acontece e introduzir um narrador com dificuldades na narração. Lembrei de uma novela do Miguel Unamuno chamada "Niebla". Nela os personagens se rebelam contra o autor. Então o personagem-narrador de "Confissões Prematuras" discute internamente a obra.

Anexo — A que você atribui a não adesão dos literatos catarinenses a Semana de Arte Moderna?

Salim — Não só em Santa Catarina, mas no Brasil todo a Semana de Arte Moderna foi muito contestada. Aqui a Academia Catarinense de Letras (ACL) havia sido formada quase no mesmo período, e, mesmo reconhecendo que a Geração da Academia tinha alguns nomes com alguma importância, pode-se afirmar que ela era muito tradicional, ainda estava mergulhada no movimento parnasiano. Para se ter uma idéia até a poética de Cruz e Sousa era negada. Essa geração questionava de maneira violenta toda a Semana de Arte Moderna e isso ficou até a década de 40, quando nós começamos o Grupo Sul, que originalmente se chamava Círculo de Arte Moderna que consiste numa referência direta à Semana de Arte Moderna. E nós fomos atacados, eles diziam que não sabíamos escrever e o fato de começar uma frase com pronome oblíquo rendia furor no meio acadêmico. Nós entendíamos o idioma como uma coisa viva, e queríamos uma aproximação do idioma com a nossa vida. Não queríamos nos submeter ao poder e opressão do vernáculo puro. O poema da pedra do Drummond aqui era motivo de gozação. Mesmo o Othon Gama D'Éca, além dele, ninguém dessa geração deixou algo de substancial. Considero importante apenas o livro "Homens e Algas" do D'Éca. Ah! O Tito Carvalho também considero importante. Mas o problema mesmo é que essa geração contaminou a que estava começando a escrever, que, desta forma, iria permanecer no retrocesso do fazer literário.

Anexo — Em todos os gêneros tentados pelos participantes do Grupo Sul foi a prosa o gênero que mais frutificou. Você

MARCO VASQUES
ESPECIAL PARA O ANEXO

Florianópolis — Salim Miguel nasceu no Líbano, em 1924. Aos três anos chega com a família ao Brasil. Aqui se fez jornalista, escritor e roteirista de cinema. Passou a infância em Biguaçu (local de preferência da sua ficção), a juventude em Florianópolis e na maturidade morou muitos anos no Rio de Janeiro até retornar a Florianópolis. Foi um dos líderes do Grupo Sul (1948/1958), movimento que tentou modificar o panorama artístico de Santa Catarina. Com a revista "Sul" publicou muitos dos prosadores do Estado: Guido Wilmar Sassi, Adolf Boos Jr., Silveira de Souza. Passou pelos estereótipos da ditadura. Como jornalista, trabalhou na revista "Manchete", "Fatos & Fotos" e foi um dos editores da revista de literatura "Ficção" (Rio de Janeiro). Estreou com o livro de contos "Velhice e Outros Contos" (1951, Sul). De lá para cá são 22 obras, entre as quais "A Morte do Tenente e Outras Mortes" (contos, 1979); "A Voz Submersa" (romance, 1984, Global); "A Vida Breve de Sezeffredo da Neves, poeta" (romance, 1986, Tchê); "Onze de Biguaçu e mais um" (contos, 1997, Insular); "Confissões Prematuras" (novela, 1998, Letras Contemporâneas) e "Nur na Escuridão" (romance, 1999, Topbooks). Nesta entrevista Salim fala sobre sua vida, sua época, sobre a crítica. Lamenta que no Estado ninguém queira, por temor, polemizar. "O pacífico na literatura catarinense é uma máscara que um dia vai ter de cair", sentenciou ele.

concorda com esta afirmativa?

Salim — Você tem razão: a poesia foi menos realizada que a ficção, mas eu acredito que três nomes sejam significativos: Valmor Cardoso da Silva, que infelizmente abandonou a literatura; Aníbal Nunes Pires, que se realizava mais vendo os outros produzindo; e a Eglê, que nunca deixou de escrever poemas, apenas não está publicando. Já na ficção não, pois nela nós temos pelo menos três ou quatro nomes de muita qualidade, o Guido Wilmar Sassi, o Adolf Boos Jr., Silveira de Souza e me incluo entre eles. Nas artes plásticas o Ernesto Meyer, Aldo Nunes, José Silveira D'Ávila e o Moacir Fernandes, que ninguém mais lembra dele, são nomes que marcaram uma transição.

Anexo — E por que a poesia ficou no meio do caminho?

Salim — Precisaríamos de um estudo detalhado sobre isso, precisaríamos ver as causas e nos perguntarmos o que aconteceu, já que tínhamos muita gente envolvida com a poesia. O Aníbal publicou apenas um livro de poemas, a Eglê escreveu "Manhã", também o único de poemas. Então você tem razão, pois a prosa teve uma maior realização.

Anexo — E o poeta Antônio Paladino?

Salim — Paladino morreu aos 25 anos de asma e tuberculose. Ele era um talento que não teve tempo de se confirmar. Paladino navegava na poesia, na ficção, mas penso que era como crítico que iria deixar sua marca maior. Ele tem críticas muito boas sobre poetas de outros Estados.

Anexo — Você não vê a crítica literária catarinense muito paternalista com seus autores? Ou ela inexistente?

Salim — Não temos mais crítica literária no País. Nós temos eventualmente, um ou outro, fazendo resenha, ou tentando fazer crítica, porque a crítica é feita para trabalhar em cima do que está aparecendo. Como não temos mais espaço nos jornais para a crítica, o máximo que se consegue é uma resenha. Em Santa Catarina então, nem se fala. Agora crítica literária mesmo,

reportar internamente a sua obra: o que diria sobre ela se ela fosse de um outro autor?

Salim — Essa pergunta é muito difícil e complicada. Não me considero um crítico, mas sim alguém que não se satisfaz com a leitura e escreve sobre o que lê. E é isso que tenho feito por toda a minha vida. Não consigo fazer um distanciamento. Minha obra é parte de mim. O que eu consigo é saber quais dos meus livros têm tratamento mais acurado, isso sim. Sei quais livros não publicaria hoje e os que eu queimaria se conseguisse recolher. Tento deixar um retrato do mundo maluco em que nós vivemos.

Anexo — Como você avalia a coexistência de três gerações de escritores catarinenses quase que pacífica?

Salim — A literatura catarinense sempre se processou em ciclos. Começou uma coisa muito orgânica o grupo da Idéia Nova do Cruz e Sousa. Ai há a Geração da Academia. Depois o Grupo Sul. Mais adiante vem a turma da década de 70 e agora aparece, na década de 90, o grupo de vocês. Eu penso que falta mais briga, mais polémica, mais discussão porque esta convivência pacífica atesta uma mentira, atesta que tudo o que se está fazendo é muito bom, e não é verdade, nós do Grupo Sul carecemos de uma crítica também. Quando dizem que o Grupo Sul foi o maior movimento literário de Santa Catarina eu digo que não foi. E atesto que há muitas coisas que poderíamos deixar de fazer sem falta ao cenário catarinense, mas por outro lado, modificamos muita coisa, então, falta estabelecer estas discussões. Quando a gente está envolvido é muito fácil fazer uma análise positiva. O Lindolf Bell e o C. Ronald são anteriores aos da geração 70, que tem o Alcides Buss e o Osmar Pisaní. Mas ninguém polemiza por não querer ofender ou ser ofendido. Todos os movimentos de arte partiram de grandes questionamentos. Espero que vocês possam se preparar para isso, e não tenham medo, não fiquem quietos, falem sempre que quiserem. O pacífico na literatura catarinense é uma máscara que um dia vai ter de cair.

016: Anotações Preciosas

BUS, Deluana. Anotações Preciosas. **A Notícia**. Santa Catarina, 4 de dez. 2003, pag. 3. Anexo.

Escritor Salim Miguel lança hoje, na Capital, "Estrangeiros — Releituras", no qual compartilha suas impressões literárias

Anotações preciosas

DELUANA BUSS

Florianópolis — O escritor Salim Miguel, 79 anos, tem um hábito que o acompanha desde as primeiras leituras, ainda na infância. Munido de caneta e uma folha de papel em branco, ele vai anotando, enquanto lê, suas impressões sobre a obra. "Não consigo rascunhar no próprio livro", explica. Os apontamentos, onde estão tanto pontos positivos quanto falhas encontradas, servem de pauta para conversas com a mulher Eglê Malheiros ou com amigos. Agora essas mesmas anotações estão na base de seu novo livro, "Estrangeiros — Releituras" (Letras Contemporâneas), que está sendo lançado na noite de hoje na Capital.

Ali estão mais de 20 textos, muitos já publicados em jornais ou revistas, falando de escritores estrangeiros como Eça de Queirós, Fernando Pessoa, José Saramago, Jorge Luis Borges, Ernest Hemingway. Escrito em primeira pessoa, parece um depoimento de Salim para os leitores. Ele aproveita para traçar um bom perfil de cada personagem/escritor, citando inclusive alguns dados pessoais e detalhes sobre algumas obras já publicadas por eles. Em vários o autor conta como foi seu primeiro contato com esses nomes conhecidos. "Já disse, na conversa anterior, mas não custa repetir foi em Biguaçu, aos 12 anos, que tomei

conhecimento de Eça de Queirós. Quase na mesma época, um pouco antes, um pouco depois, de Machado de Assis. Creio, embora não tenha absoluta certeza, foi na livraria do poeta cego João Mendes", escreve ele.

Esse é seu quinto livro na linha "anotações". Nos anteriores, ele já havia explorado escritores catarinenses, brasileiros e hispano-americanos. Com os "estrangeiros", Salim confirma que realmente é um leitor compulsivo. "Todos os textos que estão ali são de livros que já reli várias vezes", conta. A cada nova passada de olhos, novos detalhes que antes haviam passado despercebidos passam a ser notados. "Quando um livro me toca, não me satisfaço com a primeira leitura". Entre os mais perscrutados estão "Dom Casmurro", de Machado de Assis, e "Dom Quixote", de Miguel de Cervantes, lidos cada um mais de dez vezes. "Um grande livro é aquele que possibilita releituras", acredita.

PIANOS

Instalado em sua casa de praia na Cachoeira do Bom Jesus, no Norte da Ilha, num lugar sossegado com muitas árvores e barulho de pássaros, Salim tem aproveitado boa parte do tempo para ler e escrever. Autor do premiado "Nur na Escuridão" (Topbooks), romance publicado em 1999 e que já está

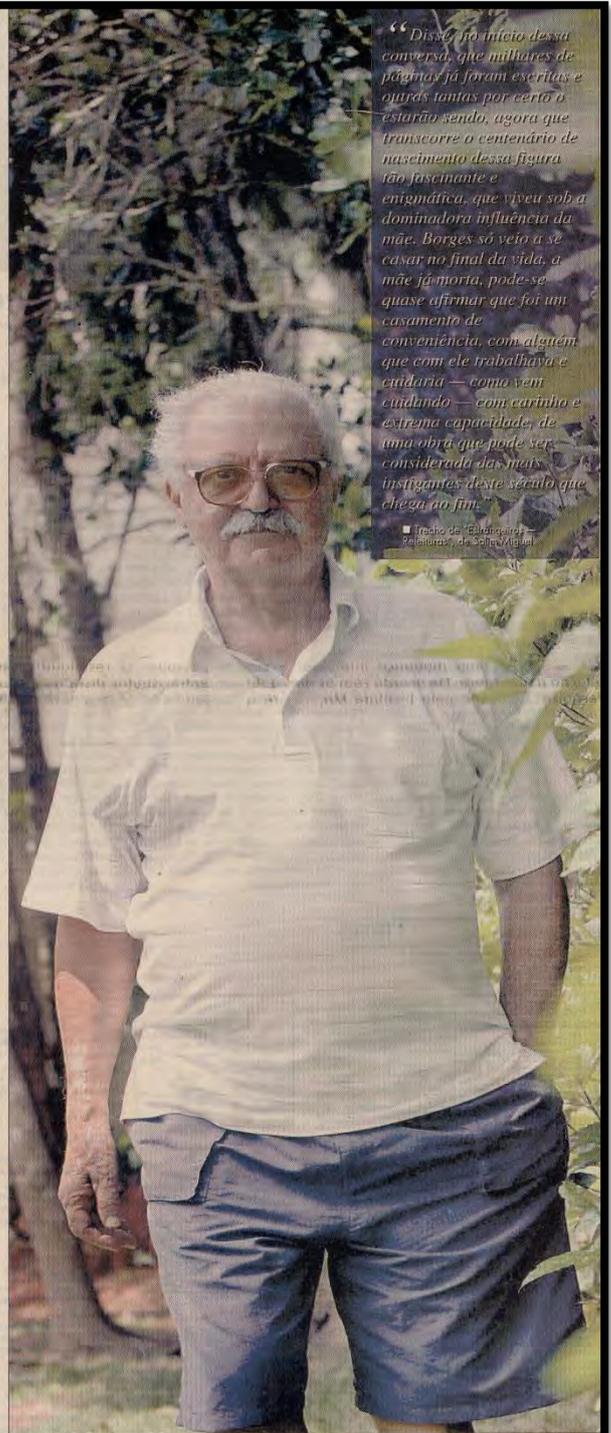
esgotando a terceira edição, Salim está com dois outros livros prontos. "Gente da Terra", com perfis e anotações sobre personalidades de Santa Catarina, deve ser lançado em março de 2004. Já a ficção "Mare Nostrum" deverá chegar no mercado no segundo semestre do próximo ano. "São 20 textos onde o tema principal é o mar, e onde circulam dezenas de outros personagens", adianta. Ele também já tem projetos de outros quatro livros, entre eles um sobre o período em que esteve exilado no Rio de Janeiro.

Nascido no Líbano, Salim chegou em Santa Catarina ainda criança. Morou muito tempo em Biguaçu, e atualmente está com residência fixa na Carvoeira, bairro de Florianópolis próximo à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pai de cinco filhos — três morando em Brasília, um no Rio de Janeiro e outro em São José —, Salim é também jornalista, tendo trabalhado durante 40 anos na imprensa. Foi um dos fundadores do Grupo Sul e da revista cultural "Sul", que circulou de 1948 a 1957, trazendo material internacional e abrindo espaço para o modernismo em Santa Catarina.

■ **O QUÊ:** Lançamento do livro **ESTRANGEIROS — RELEITURAS**, de Salim Miguel. **QUANDO:** hoje, 17h30 às 21h30. **ONDE:** Livraria Letras Contemporâneas, rua Brigadeiro Silva Poes, 33, centro, Florianópolis, tel.: (48) 223-0945. **QUANTO:** R\$ 25,00 (exemplar).



SOSSEGO Salim Miguel em sua casa, na praia Cachoeira do Bom Jesus, onde passa os verões



"Disse, no início dessa conversa, que milhares de páginas já foram escritas e outras tantas por certo o estarão sendo, agora que transcorre o centenário de nascimento dessa figura tão fascinante e enigmática, que viveu sob a dominadora influência da mãe. Borges só veio a se casar no final da vida, a mãe já morta, pode-se quase afirmar que foi um casamento de conveniência, com alguém que com ele trabalhava e cuidaria — como vem cuidando — com carinho e extrema capacidade, de uma obra que pode ser considerada das mais instigantes deste século que chega ao fim."

■ Trecho de "Estrangeiros — Releituras" de Salim Miguel

017: Saia justa

SAIA justa. **A Notícia**. Santa Catarina, 17 de abril de 2003, pag. C2. Anexo/Coluna Raul Sartori.



018: Círculo de amplo alcance

CIRCULO de amplo alcance. **A Notícia**. Santa Catarina, 24 de fev. de 2003, pag. 14.

Círculo de amplo alcance



Arquivo AN

SALIM MIGUEL E EGLÊ MALHEIROS:
"Revista Sul", editada de 1948 a 1957, foi uma liberdade de criação individual

18 A centralização da vida cultural na Capital, o isolamento da Ilha de Santa Catarina, a heterogeneidade de regiões no Estado, a inexistência de cursos superiores e a aridez econômica foram determinantes para o atraso do modernismo em Santa Catarina. Só no fim da década de 1940, a partir da insatisfação de um grupo de jovens, o movimento que havia sacudido São Paulo em 1922, a chamada Semana da Arte Moderna, conseguiu retirar o pó e o mofo do ambiente cultural catarinense, na época marcado por um tom oficial e elitista.

Reunidos em bares e cafés, as audaciosas conversas giravam em torno de literatura, teatro, cinema, artes plásticas — troca de idéias que ganhou corpo inicialmente na "Folha da Juventude", cujo primeiro número apareceu em 1946 e criou uma consciência estética e grupal entre aqueles irreverentes intelectuais. Em agosto de 1947, eles formam o Círculo de Arte Moderna, que passa a atuar de forma organizada, promovendo peças teatrais e editando a "Revista Sul", que a partir de 1948 ajuda a modificar as velhas concepções estéticas do panorama local.

A publicação é determinante para a mudança do nome do grupo, que passa a ser chamado pelo seu nome. Dinâmicos e sensíveis, os integrantes do Grupo Sul editaram 30 exemplares até dezembro de 1957. No desafio da renovação do ambiente cultural, sobretudo da literatura, do teatro, das artes plásticas e do cinema, muito bate-boca na imprensa. Para o mestre em literatura catarinense Lauro Junques, "talvez a mais acirrada polêmica literária da história do Estado". Tudo pela defesa irrestrita à liberdade de criação individual, na consciência de que a arte deve ser levada a sério e no engajamento do artístico no social, avanços na produção teatral, cinematográfica, literária e plástica. O resultado? O arejamento, uma nova mentalidade, a popularização dos bens culturais, a abertura de novos caminhos.

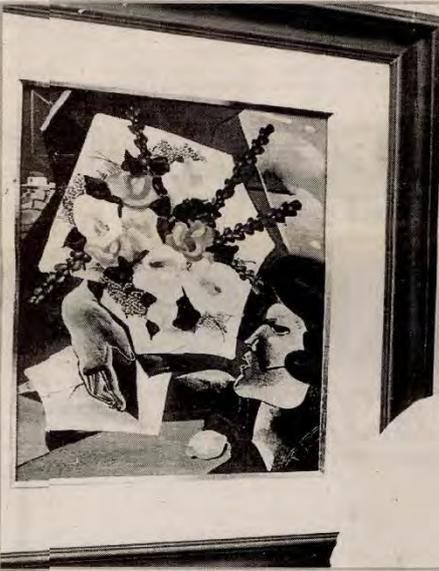
A escritora Eglê Malheiros, nome feminino emblemático do movimento, encarou as tarefas daquele momento como um apostolado, estabelecendo-o como um projeto de vida. No desejo de democratizar a cultura, envolveu-se plenamente numa época em que as mulheres ainda mantinham na sociedade uma participação intelectual restrita. Foi uma precursora, sem refletir muito sobre o seu papel histórico.

Com uma formação familiar marcada pela independência, via com naturalidade o seu engajamento no Grupo Sul. "Hoje, quando vejo as jovens usufruindo respeito e liberdade, defendo a consciência das lutas de afirmação femininas. O desconhecimento torna essas conquistas superficiais, porque só o conhecimento da história permite dar raiz e profundidade aos avanços", diz a escritora.

SEMANA MODERNA

Envolvidos com os efeitos do pós-guerra, os reflexos da Semana Moderna e muito entusiasmo, o Grupo Sul sonhava com a universalização do saber. Embora isolado na Ilha, mantinha contatos com o mundo inteiro, publicando autores internacionais na Revista Sul. Acreditava no exercício e no respeito às diferenças, lutava pelo êxito da proposta do grupo que, "sem fazer salamaleques, considerava que ocupar espaços era um direito natural de todos".

Na esteira destes embates, hoje uma contemporaneidade marcada por uma participação feminina expressiva e talentos que continuam atuando e projetando Santa Catarina — a própria Eglê Malheiros, o premiado Salim Miguel, o artista Rodrigo de Haro, só para citar alguns. Já dizia Machado de Assis: "Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio".



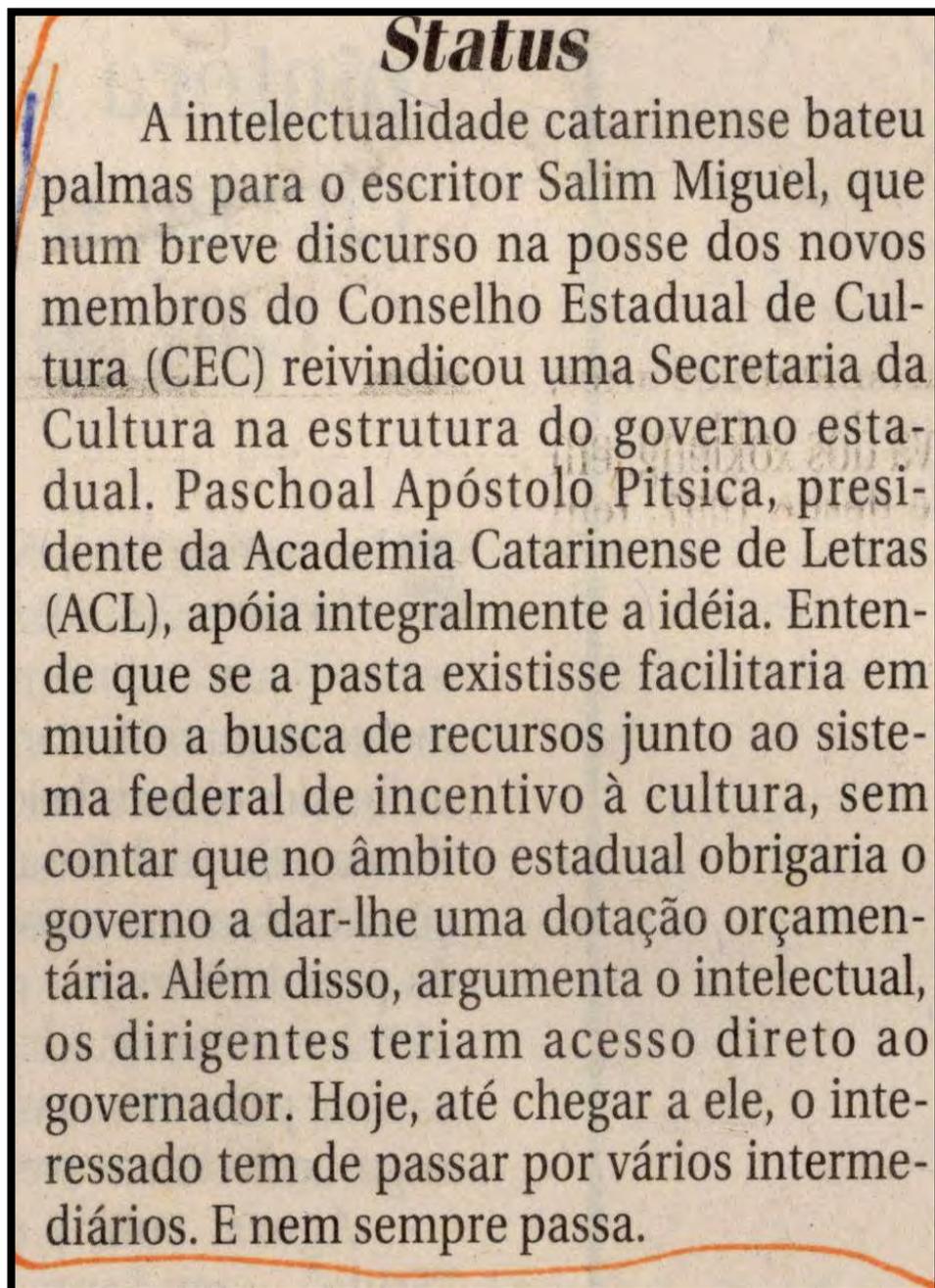
ARTISTA RODRIGO DE HARO
aproveitou oportunidade para mostrar o talento

Oswaldo Nocelli



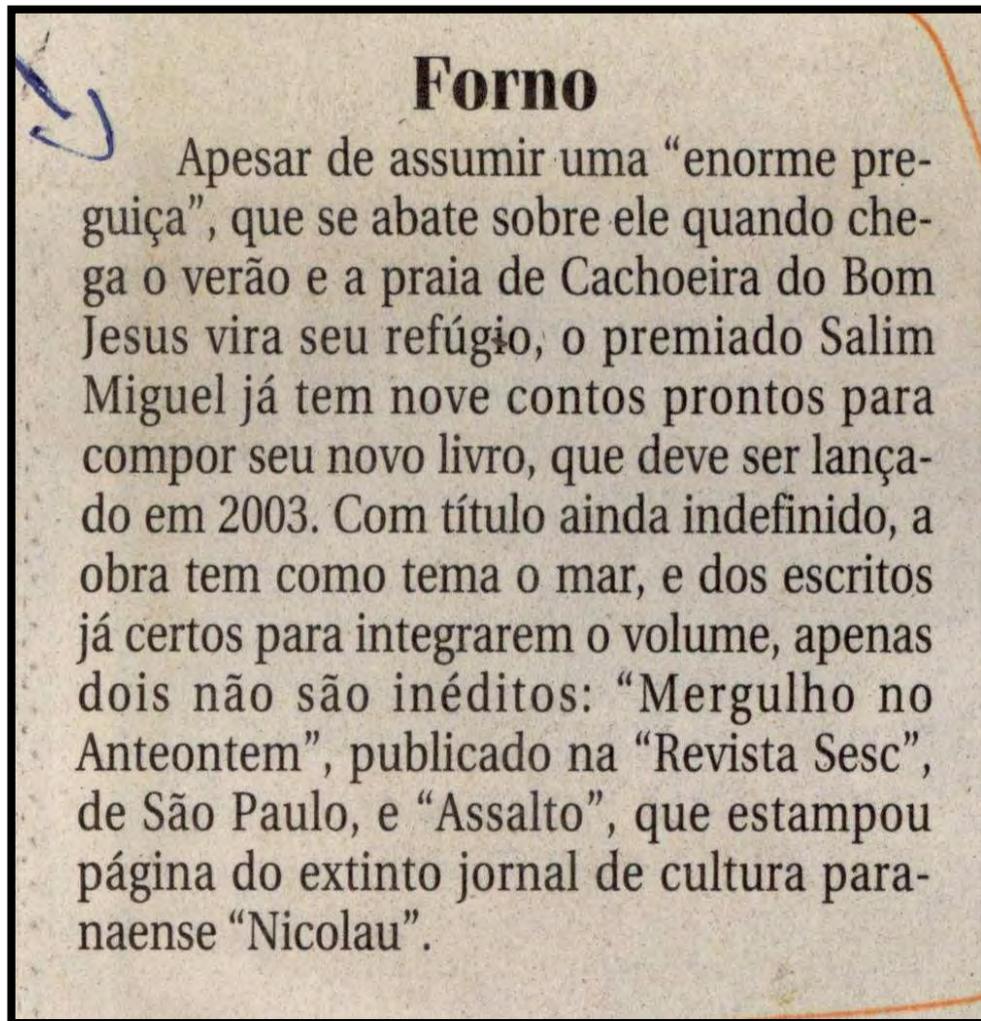
019: Status

SARTORI, Raul. Status. **A Notícia**. Santa Catarina, 18 de abr. de 2003. pag. C2. Nota na coluna de Raul Sartori/Anexo.



020: Forno

MALLMANN, Regis. Forno. **A Notícia**. Santa Catarina, 19 de fev. de 2003, pag. C2.



021: Sonho

MACHADO, Ricardinho. Sonho. **A Notícia**. Santa Catarina, 20 de fev. de 2003, pag. 5. Variedades.



Sonho

O sonho de Harry Laus, que dirigiu o Museu de Arte de Santa Catarina até o final da década de 1980, finalmente sai da gaveta no dia 18 de março, quando será lançada a Biografia de um Museu, livro-catálogo com 216 páginas organizado por Nancy Bortolin e contendo toda a história do MASC. Criado em 1949 por Salim Miguel e a trupe do Grupo Sul, mais fotos das 1.454 obras do acervo reproduzidas por Fábio Cabral, o MASC entra como o quinto museu do País a editar publicação desse porte.

022: O livro onde o povo está

MENEZES, Ana Cláudia. O livro onde o povo está. **A Notícia**. Santa Catarina, 7 de maio de 2003, pag. 3. Anexo.

O livro, onde o povo está

ANA CLÁUDIA MENEZES



Florianópolis — A Feira de Rua do Livro de Florianópolis inicia hoje tentando driblar a crise e atraindo novos leitores para os 78 estandes de livros que ficam no largo da Alfândega até o próximo dia 17. A abertura ocorre hoje, às 10 horas, com duas homenagens.

Uma delas, concedida ao casal de escritores Eglê Malheiros e Salim Miguel, pela sua contribuição à cultura catarinense, já que os dois vêm atuando, desde a década de 50, nas áreas de educação, teatro, artes plásticas, cinema e literatura. Outro reconhecimento vai ao escritor e editor Francisco Pereira, da Editora Garapuvu, que ganhará da Câmara Catarinense do Livro (CCL), organizadora do evento, o Troféu Boi-de-Mamão, concedido a cada edição da feira às entidades ou pessoas que se destacam na promoção do livro e da leitura.

A feira voltou à rua no ano passado, depois de seis anos fora do calendário livreiro de Santa Catarina. De um ano para outro, dobrou o número de expositores e o espaço em que está instalado, segundo Nelson Rolim de Moura, presidente da CCL. "Voltamos a fazer um evento para aproximar o público que não frequenta livrarias. Estamos num local estratégico, no centro histórico da cidade, e por aqui irão circular profissionais do livro, como autores, editores e livreiros", comenta. "E para ficar acessível a todos, as editoras estarão concedendo descontos em suas publicações", adianta.

Ocupando uma área de 1,5 m², a feira é formada por tendas em formato de pirâmide, onde ficarão abrigados os estandes. Haverá quatro entradas para o público: uma em frente ao Mercado Público, ao Terminal Urbano Cidade de Florianópolis, à rua Conselheiro Mafra e ao aterro da baía Sul. Dentro, o público poderá circular pelas ruas que levam o nome de escritores catarinenses já mortos, Holdemar Menezes, Licurgo Costa, Glauco Rodrigues Corrêa e Guido Wilmar Sassi.

À tarde, iniciam as sessões de autógrafos e de lançamentos. Das 14 às 16 horas, a artista plástica Fê Luz autografa "Pequenas Quinquilharias para Colecionadores Precoces" no estande da Fundação Catarinense de Cultura (FCC); às 15 horas, é a vez do historiador Nereu do Valle Pereira, com "Associação Irmão Joaquim — Cem Anos de Amor ao Próximo", "Ribeirão da Ilha" e "Raízes e Origens — Boi-de-Mamão".

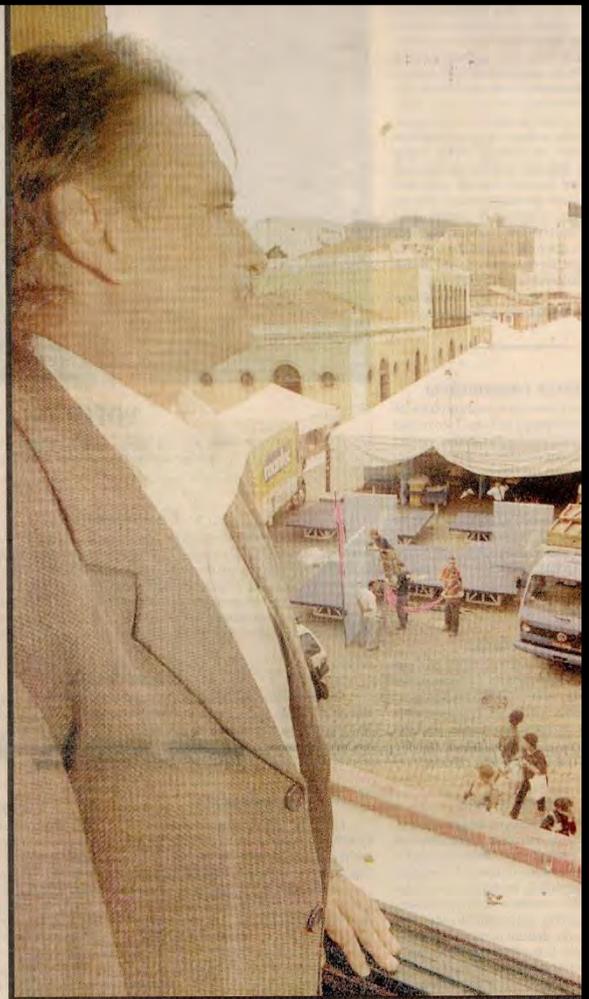
Uma das presenças de destaque confirmadas na feira é a do escritor Luís Fernando Veríssimo, que estará autografando seus livros na quinta-feira, a partir das 18 horas, na praça Nossa Senhora do Desterro, espaço de convívio onde serão realizadas as principais atividades do evento. A Feira do Livro tradicionalmente realizada no Beira-mar Shopping está confirmada para o segundo semestre e ainda neste ano a Câmara Catarinense do Livro pretende organizar uma feira nos mesmos moldes da de rua de Florianópolis em Balneário Camboriú.

■ O QUE: FEIRA DE RUA DO LIVRO DE FLORIANÓPOLIS.
QUANDO: Abertura hoje, às 10h. Até 17 de maio, diariamente, das 10 às 21h. ONDE: Largo da Alfândega, centro, Florianópolis, tel.: (48) 224-5135. QUANTO: Grátis.
REALIZAÇÃO: Câmara Catarinense do Livro e Fundação Franklin Cascaes (FFC).

■ Leia mais sobre literatura na página 3.

Feira de Rua
do Livro de
Florianópolis abre
hoje, no largo da
Alfândega, com
homenagens

MARCO ZERO Nelson Rolim de Moura, presidente da Câmara Catarinense do Livro, contempla tendas que irão abrigar 78 estandes que ontem ainda estavam em preparativos (abaixo)



023: Documentada

DOCUMENTADA. A Notícia. Santa Catarina, 18 de março de 2003, pag. 3. Anexo.

documentada

Museu de Arte de Santa Catarina (Masc) ganha biografia que será lançada, hoje, com a abertura do primeiro ciclo do ano





"O livro vai ser uma importante fonte de pesquisa para os interessados. Tudo que se quiser saber sobre o Masc está ali", diz a organizadora do trabalho, Nancy Bortolin, que nos últimos 13 anos fez toda a pesquisa para a catalogação dos quadros. O trabalho começou em 1989, depois que Nancy recebeu um bilhete do então diretor do Mase, Harry Lutz, solicitando o levantamento. Outro ponto importante, diz a pesquisadora, é o retrato da cena cultural de Florianópolis na época da criação do local. "Há muita coisa ali que os mais jovens não conhecem".

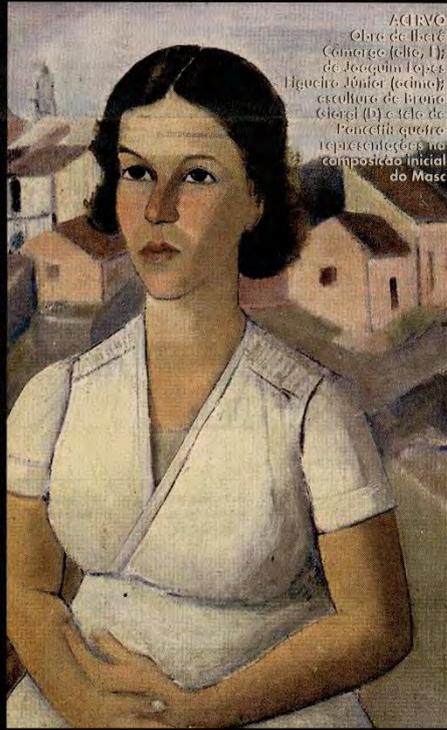
Logo nas primeiras páginas da obra, por exemplo, um texto do escritor Salim Miguel mostra a estreita ligação entre o pessoal da revista "Sur" — espécie de versão catarinense das publicações que os modernistas de 22 criaram em São Paulo — e o movimento para a criação de um museu de arte moderna na capital do Estado. No mesmo trecho, o autor de romances como "Nur na Escuridão" e "No Tempo das Corruínas", mostra a importância fundamental que o escritor Marques Rebelo teve para a concretização dos planos dos catarinenses que queriam um museu modernista em Florianópolis. Uma exposição organizada em 1948 pelo católico, com 74 peças de modernistas brasileiros e estrangeiros, deu origem ao pálio Marques Rebelo, onde foram deixadas algumas das obras da mostra e outras doadas, a pedido do próprio Rebelo, pelo governo do Estado.

Pouco depois, em março de 1949, foi criado o Museu de Arte Moderna de Florianópolis (MAMF), transformado em Museu de Arte de Santa Catarina em 4 de junho de 1970. Durante todo esse período — e até 1983, quando foi instalado no Centro Integrado de Cultura (CIC), onde funciona até hoje —, o Masc — e seu acervo, principalmente — sofreram com a escassez de recursos e o abandono pelo poder público. Foram várias mudanças de local, todas citadas no livro, e épocas de aparente descaço com as obras. Em 1957, por exemplo, um casal de turistas visitou o museu e deixou o seguinte recado: "Acabo de constatar um crime, em plena Florianópolis, esse museu! Entramos pela janela! Encontramos os quadros jogados pelo chão — entre garrafas de champagne".

Apesar disso, uma série de depoimentos incluídos no livro mostram a importância do espaço. A escritora Eglê Malheiros, por exemplo, diz: "Depois de uma trajetória acidentada, formou-se como uma casa de cultura dinâmica e atuante". Hiedy de Assis Corrêa, o Hassis, escreve: "Apesar do pouco caso dos governantes durante quatro décadas, o Masc está aí, firme, sólido na sua missão de apoio e informação para novas gerações".

■ O QUE: Lançamento de livro MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA — BIOGRAFIA DE UM MUSEU. QUANDO: Hoje, 20h. ONDE: Centro Integrado de Cultura (CIC), Masc, av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600, Agronômica, Florianópolis, tel.: (48) 333-2166. QUANTO: Grátis (mostra); R\$ 100,00 (livro). ■ LEIA MAIS sobre o Masc e artes plásticas nas páginas 3 e 6.

ACERVO
Olive de Ilcaê
Cintia de Ilcaê
de Joaquim Lopes
Escultura de Irina
Georgi (D) e tela de
Foncelle; quadro
reajustado na
composição inicial
do Masc



024 Câmeras na mão...ideias na cabeça

BUSS, Deluana. Câmeras na mão...ideias na cabeça. **A Notícia**. Santa Catarina, 14 de agosto de 2003, pag. 3. Anexo.



PATRIMÔNIO Escritor Salim Miguel (E), roteirista de "O Preço da Ilusão", dá nome ao prêmio de melhor documentário e Eduardo Coutinho é lembrado pela vasta contribuição no cinema brasileiro

Câmeras na mão... idéias na cabeça

2ª Catarina Festival de Documentários faz homenagens a Salim Miguel e ao cineasta Eduardo Coutinho

DELUANA BUSS

Florianópolis — Com sete documentários na mostra competitiva e a exibição dos filmes "A Fronteira", de Roberto Carminatti, e "Uma Onda no Ar", de Helvécio Rattton, continua hoje a segunda edição do Catarina Festival de Documentários, em Balneário Camboriú. O evento termina na segunda-feira, 18 de agosto, quando serão premiados os vencedores das categorias filme e vídeo, que ganharão respectivamente uma moto e uma câmera digital. Nessa edição, o festival está homenageando duas personalidades: o escritor catarinense Salim Miguel e o cineasta paulista Eduardo Coutinho. O nome de Salim Miguel foi escolhido para batizar o prêmio que será oferecido ao melhor documentário do festival de acordo com a crítica. Autor de mais de 20 livros, ele também contribuiu

para o cinema. É dele o roteiro de "O Preço da Ilusão" (1957), escrito em parceria com sua mulher, Eglê Malheiros.

Dirigido pelo cineasta Nilton Nascimento, o filme é considerado o único longa-metragem genuinamente realizado no Estado. O enredo apresenta dois protagonistas, uma moça que deseja ganhar um concurso de rainha da praia e um menino que sonha em fazer um boi-de-mamão. As duas histórias são contadas em paralelo, fazendo uma crítica social.

Salim Miguel começou a trabalhar como jornalista em 1943, em Biguaçu. Em 1951 lançou seu primeiro livro, "Velhice e outros Contos" (Sul). Seu romance mais recente é "Nur na Escuridão" (Top Books), lançado em 1999. Nascido no Líbano em 1924, chegou ao Brasil em 1927. Envolvido com a produção cultural, foi um dos fundadores do Grupo Sul, que movimentou a arte e a cultura do Estado nos anos 40 e 50.

Diretor de "Edifício Master", que retrata o cotidiano de moradores desse prédio em Copacabana, no Rio de Janeiro, Eduardo Coutinho é considerado um dos mais completos documentaristas do país. Com dezenas de documentários no currículo, ele é autor também de "Santo Forte", sobre religiosidade popular, e "Babilônia 2000", sobre o caroca Morro da Babilônia. Mas seu trabalho mais citado é "Cabra Marcado para Morrer", ganhador de 12 prêmios internacionais.

O longa de ficção conta a vida de João Pedro Teixeira, líder camponês assassinado durante uma manifestação. As imagens, bruscamente interrompidas pelos militares, só foram encerradas em 1984. O roteiro conta a história do trabalho interrompido e da trajetória da mulher de Teixeira, Elisabeth, e seus filhos, durante os 17 anos que se passaram entre o antigo projeto de ficção e as imagens do documentário.



NA AGENDA

"Uma Onda no Ar", de Helvécio Rattton, conta a trajetória da Rádio Favela, projeto criado por moradores de morro de Belo Horizonte

PROGRAMAÇÃO DE HOJE Catarina Festival de Documentário

14 HORAS

PROJETO ESCOLA 'MÁ AG CINEMA
Exibição de "Ero uma Vez", de Arturo Uranga
onde: Cine Itália

17 HORAS

Exibição de "A Fronteira", de Roberto Carminatti
onde: Cine Itália

19 HORAS

MOSTRA DOS DOCUMENTÁRIOS PREMIADOS NO 7º FESTIVAL DE CINEMA E VÍDEO DE CURITIBA
onde: Centro de Eventos do Hotel Plaza

17 HORAS

MOSTRA COMPETITIVA DE DOCUMENTÁRIOS EM VÍDEO:
"Dagão Galbreas", de Pedro Asbeg/RJ; "Contatos Medidos", de Armando Mendez e Cristiano Abud/MG; "Blindagem — Uma Intervenção Urbana de Regina Silveira", de André Costa/SP; "Entre sem Barulho — As Duas Aventuras de Apolônio Terelly — Bairro de Iturara", de Emilio Hucs Gallo/RJ
onde: Centro de Eventos do Hotel Plaza

19 HORAS

MOSTRA COMPETITIVA DE DOCUMENTÁRIOS EM FILME:
"Rio do Escadinho 142", de Márcio Câmara/CE; "Por Carilena", de Dado Amaral/RJ; "O Rito de Inocência", de An Cândia Fernandes/SP
onde: Cine Itália

ONDE FICA

Hotel Plaza
Endereço: Av. Brasil, 1.410, centro, Balneário Camboriú
FONE: (47) 367-0700

Cine Itália
Endereço: Av. Central, 335, centro, Balneário Camboriú
FONE: (47) 331-7500

025: Arquivo Confidencial

BUSS, Deluana. Arquivo Confidencial. **A Notícia**. Santa Catarina, 17 de agosto de 2003, pag. C6. Anexo.

Leitores não se intimidam e mandam cartas e recados aos escritores, que apreciam a iniciativa

Arquivo confidencial

DELUANA BUSS

Florianópolis — São famosas as correspondências trocadas entre os escritores Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, que durante décadas expressaram suas impressões sobre diversos temas via postal. Clarice Lispector também era uma missivista dedicada, que presenteou muitos escritores com suas linhas, o mesmo acontecendo com Monteiro Lobato, conhecido como entusiasmado correspondente. Sem a aura dos escritores conhecidos, mas com o mesmo desejo de trocar idéias, muitos leitores "normais" não perdem a chance de escrever suas opiniões e enviá-las para autores que, de alguma maneira, mexeram com seus sentimentos. É por isso que é possível encontrar, nos arquivos de autores catarinenses, centenas de missivas encaminhadas por anônimos. A maioria é escrita à mão, com letras caprichadas ou tremidas, usando papéis que variam de tamanho e cor, muitas vezes denunciando profissões, origens simples ou um grande desejo de demonstrar apreço.

Chegando aos 80 anos, Salim Miguel tem 22 livros no currículo e mais de 5 mil cartas de leitores em seus arquivos. "Respondia todas religiosamente, e o tamanho da resposta dependia da profundidade da carta recebida", conta o libanês, que mora no Brasil desde criança e tem mania de guardá-las, bem como telegramas, bilhetes e artigos de jornal. Depositado em caixas e pastas, o material está sendo todo catalogado e reorganizado. Em meio a correspondências trocadas com escritores como Drummond, está o material enviado por leitores comuns. "Muitas vezes essas pessoas falam da própria vida. É a realidade e a ficção se confundindo", conta Salim, que acredita que esse retorno mostra que o autor está conseguindo comunicar, passar seu recado.

Salim recebe cartas desde seu primeiro livro, "Velhice e Outros Contos" (Sul), publicado em 1951. Mas foi com "Nur na Escuridão" (Top Books), lançado em 1999, que ele recebeu uma infinidade de contatos, que vão dos contatos escritos de próprio punho a telefonemas e e-mails. "Recebi uma chamada de uma jovem de Belém do Pará dizendo que estava terminando a leitura do livro e que, entusiasmada, tinha de ligar. Perguntei se ela era de uma família de libaneses, já que o livro fala sobre essa imigração, e ela respondeu: 'É precisa!'", recorda o escritor, que mora num apartamento no bairro Carvoeira, em Florianópolis. Ele também recebeu uma proposta de uma senhora rica de Porto Alegre, que queria que escrevesse um livro igual, só que sobre a história da sua família. "Disse que não aceitava, primeiro porque eu tinha escrito uma ficção, e depois porque eu não trabalhava sob encomenda", relata.

HISTÓRIAS ENGRAÇADAS

Com coluna diária em jornal de 1986 a 1994, Flávio José Cardozo, 65 anos, era frequentemente agraciado com cartinhas de seus leitores. "Sou meio desorganizado, então acabei perdendo muitas delas", conta o cronista, que tem dez livros publicados. Entre as que ficaram, sobram histórias engraçadas, estranhas, com palavras elogiosas ou nem tanto. Uma

crônica onde o escritor sugeria recorrer aos santos como alternativa aos altos preços dos remédios, por exemplo, recebeu a manifestação de um leitor anônimo que admirava o estilo, mas não as "gracinhas" do escritor.

Em outra, onde Flávio discorria sobre motoristas barbeiros, a resposta veio numa carta longa, datilografada, que começava com símbolos indecifráveis e onde um argentino residente no Brasil sugeria a criação de um carro que atrasasse bombas e ácidos nos motoristas incautos. "Uma vez recebi uma carta de uma leitora que colecionava e encadernava minhas crônicas, lamentando que elas haviam sido roubadas. Isso motivou outro texto, onde eu contava o 'terrível' caso e pedia uma diligência da polícia, mas pedia para não machucarem o ladrão que, afinal, parecia ser um dos meus leitores!", recorda. Entre os documentos guardados por Flávio está a correspondência mandada por sua primeira professora, Avandria, que externava a emoção de ver um de seus pupilos fazendo sucesso com as letras.

Com seu livro "O Pardieiro" (Garapuvu) na lista de um dos vestibulares do Estado, Francisco Pereira, 70 anos, tem recebido muitas cartas e telefonemas de estudantes tirando dúvidas e perguntando sobre o processo de criação. "Gosto do contato. É sempre uma satisfação pessoal. Quando me perguntam o que fazer para ser um escritor, digo que é preciso ler muito, e depois escrever muito também", explica o contista, que já recebeu os leitores em sua casa. Com dezenas de correspondências arquivadas, Pereira guarda algumas engraçadas, como aquela em que um conto escrito na primeira pessoa induziu uma jovem a escrever perguntando mais detalhes sobre o ocorrido. "Ela achou que era um fato real com a minha participação, e queria saber mais detalhes sobre o que tinha acontecido com o menino do conto", recorda.

Os tempos modernos estão trazendo mudanças para esse mundo da comunicação através do papel. Agora é normal os escritores receberem e-mails ao invés de cartas escritas. Adriana Lunardi, catarinense de 38 anos radicada no Rio de Janeiro, é um bom exemplo dessa nova fase. "Vésperas" (Rocco), seu segundo livro, motivou diversas mensagens eletrônicas, eventualmente respondidas mas sempre guardadas nos arquivos do computador. "Em geral são mulheres que se sentiram tocadas pelo trabalho, que mandam poemas, demonstram alegria em escrever e dão sugestões", conta a escritora, que fica contente com o retorno. "É uma relação anônima. Não sei quem é esse leitor nem onde ele está", diz Adriana, completando que é comumente alguém tomar a iniciativa de escrever para o escritor.



026: A internacionalização de Salim

BUSS, Deluana. A internacionalização de Salim. **A Notícia**. Santa Catarina, 28 de dezembro de 2003, pag. C5.

Manhãs ausentes

Cinco anos sem José Silveira

JOÃO BATISTA DA SILVA
ESPECIAL PARA A NOTÍCIA

A chuva desaguava no telhado e dentro de mim gotejava o silêncio perplexo de uma manhã de sábado. No trabalho, somente eu e as lembranças, conversava com alguém que não falava, mas escrevia. Leitor atento, engasgava-me com meus murmúrios para não interromper o diálogo. As palavras: contos, crônicas, contraversões eram despejadas sobre mim, lavava a alma e escorregava pelo espírito, saneando a mente já enlameada pelos desgostos.

José Silveira era o interlocutor que nas tábuas do jornal falhava as depressões e saliências da vida. Durante cerca de dois anos, esse jornalista-poeta-escritor foi minha companhia indispensável nas manhãs sabatinas. Companhia me tirada de súbito quando, num sábado rápido de conversa animada, (por causa do destino, esse desgraçado), ele simplesmente calou, virou as costas e foi embora.

Quase não percebi seus últimos movimentos, sabia, porém, que ele não voltaria. Os próximos sábados seriam de manhãs ausentes. A torneira se fechava e eu, com o cálice na mão, passei sede, embora, constante, a chuva insistisse lá fora. Dentro de mim: vazio, seco, solidão. Era o fim do papo. Era dezembro de 1999.

Na última quinta-feira, 23, fez, cinco anos que ele partiu. Seus conversas, entretanto, ainda são lembranças vivas. Guardo com carinho vários de seus textos. São recortes do "Heddomadário", o espaço no *Anezo* onde suas palavras se derramavam, comentários esportivos e artigos políticos que definiam com clareza suas posições.

José Silveira era de uma versatilidade incrível. Singrava os campos do futebol, da política, da literatura e da reportagem como um general de guerra que, sem vacilar, assume flancos de combate em confronto direto com os inimigos. A larga experiência no jornalismo e sua aparição entre os grandes cronistas brasileiros o categorizava como um grande homem das letras que era. Ao ouvi-lo em seus escritos (digo "ouvi-lo" porque seu texto se tornava voz quando lido) me sentia indignamente honrado, podendo conversar com aquela figura tão ilustre no jornal.

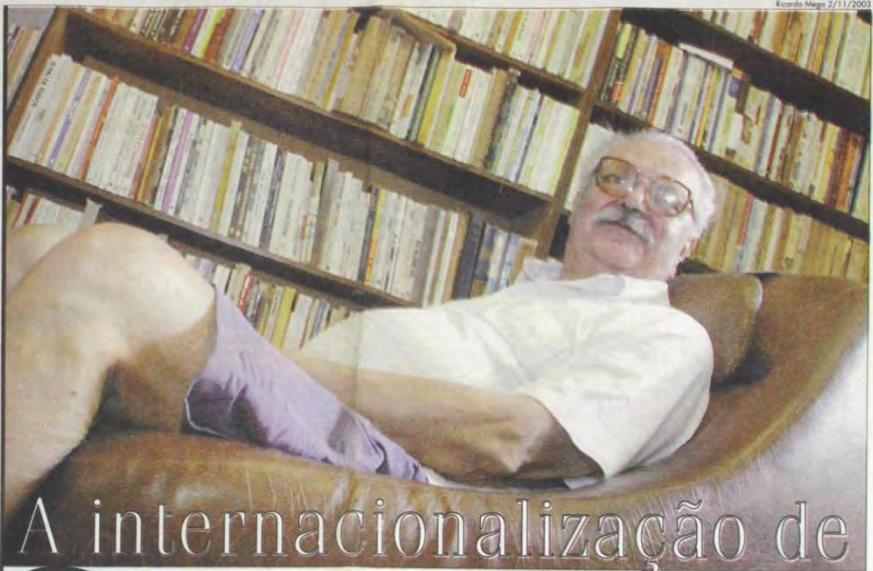
Sua ausência me desanimou a acordar cedo, ir à banca e comprar as edições de sábado. A falta de ler um texto vivo, que fala e se articula com a gente, já me levou várias vezes a reler os fragmentos que tenho guardado. Sedento, é difícil suportar a água salobre que por vezes nos oferecem. E não dá para ficar falando sozinho em manhãs de sábado.

Lembro-me de um heddomadário em especial. "O velho e o cão", de 24/05/97. O texto termina com uma frase que denota uma percepção fenomenal do jornalista, a qual guardo no baú da memória como um pensamento sagrado, fruto de uma sabedoria transcendente ao tempo e ao espaço. "Haverá sempre um grande número de pessoas que nos farão o favor e a honra de ignorar nossa existência". José Silveira, me perde a desonra, mas não é possível ignorar aquele que, com palavras floridas ou verbos espinhosos, traçou no papel, branco, as letras organizadas que decifram o cotidiano. Fica aqui a saudade de um leitor, embora desconhecido, sempre presente.

JOÃO BATISTA DA SILVA, estudante de jornalismo
Ciber Gomes 8/7/1999



José Silveira, morto em dezembro de 1999: vazio



A internacionalização de Salim

Duas obras do escritor catarinense, "Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia" e "Nur na Escuridão", estão sendo traduzidas para o francês

DELUANA BUSS

Florianópolis — As obras "Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia" (Editora José Olympio) e "Nur na Escuridão" (Topbooks), ambas do escritor Salim Miguel, deverão ser traduzidas para o francês. A responsável pela iniciativa é a professora Luciana Wrege Bassier, gaúcha de Pelotas que há dez anos mora na França.

Formada em letras e literatura brasileira, com mestrado sobre Guimarães Rosa e doutorado sobre Raduan Nassar, Luciana deu aulas sobre literatura brasileira na universidade de

Montpellier e atualmente dirige, na litorânea universidade de La Rochelle, um mestrado de línguas estrangeiras aplicadas a negócios internacionais.

A vontade de traduzir Salim teve ajuda do acaso. Ela estava interessada em fazer um trabalho, na área de literatura, sobre migração. Pesquisando na Internet, acabou encontrando o nome do escritor, que nasceu no Líbano e chegou em Santa Catarina ainda criança. "Estava em Paris num colóquio sobre o Brasil, e fui conversar com uma das participantes, que morava em Brasília. Perguntei se conhecia o autor, e descobri que ela era ninguém menos que a nora dele", diverte-se.

A coincidência permitiu que os contatos fossem facilitados, agilizando o processo. A previsão é que "Narrativas da Cadeia" seja publicado em outubro de 2005, ano do Brasil na França, pela Editora L'Harmattan, que está abrindo espaço para escritores sul-brasileiros. "Existe um interesse dos franceses pelo Brasil. Eles gostam porque é exótico", conta a professora. Já "Nur" deverá ficar para 2006, provavelmente por uma editora maior.

Luciana já tem experiência com tradução. Ela passou para o francês "Péquod", de Vitor Ramiel, e "Valsa para Bruno Slein", de Charles Kiefer, que será lançado em maio. "A obra de Salim é ótima. Acho que 'Narrativas da Cadeia' vai gerar interesse por falar da época da ditadura", avalia a tradutora, que esteve com o escritor e sua mulher em Florianópolis. Ela conta que a visita a capital catarinense também serviu para assinatura de um convênio com a Secretaria de Estado da Educação e Associação Catarinense das Fundações Educacionais (Acafe), para intercâmbio de docentes e alunos, organização de encontros e publicações.



Reforço do acaso aproximou Luciana Bassier de Salim Miguel

Miguel

027: Salim Miguel: "O Líbano inteiro cabe dentro de Santa Catarina"

BEVILACQUIA, Viviane. Salim Miguel: "O Líbano inteiro cabe dentro de Santa Catarina". **Diário Catarinense**. Florianópolis, 24 de jan. de 2004, pag. 18. Geral.

IMIGRANTES ÁRABES

Harmonia entre os povos



TEXTOS: VIVIANE BEVILACQUIA
FOTOS: DANIEL CONZI

A história da imigração árabe no Sul do Brasil iniciou em 1888 com a chegada de um navio com cerca de 300 pessoas, entre elas o primeiro imigrante árabe que se fixou em Santa Catarina.

Seu nome era Feres Mansur Guérios, que decidiu fincar raízes na região do Contestado, no atual município de Porto União. Lá foi criada a primeira colônia árabe do Estado.

Hoje, seus descendentes estão espalhados por todo o território catarinense, com sobrenomes de destaque na economia, na política, na medicina e em todos os setores da sociedade.

O comerciante Khader Othman veio da Palestina em fevereiro de 1967. Primeiro, instalou-se em Tubarão, onde já moravam seus irmãos. Depois, casou-se com uma brasileira e veio fazer a vida na Capital. "O começo foi muito difícil, porque eu era funcionário público no meu país, e aqui virei comerciante", comenta. Hoje, Khader possui duas lojas de vestuário no Centro de Florianópolis.

Ele destaca a importância da tolerância racial verificada no Brasil, "que não existe



OTHMAN: Vindo da Palestina, constituiu família e abriu seu negócio próprio na Capital

em qualquer outro lugar do mundo", esclarece. Em Santa Catarina, palestinos, israelenses, egípcios, sírios, libaneses e todas as outras etnias que formam o povo árabe convivem em perfeita harmonia.

De todas as imigrações árabes para o Brasil, a dos palestinos foi a menor. Eles

chegaram principalmente após a década de 50, no século passado, com a eclosão do conflito com os israelenses. Estima-se que exista hoje, no Brasil, entre 40 mil e 50 mil palestinos.

Em Santa Catarina, são cerca de 300 famílias.

O Dabke é uma dança tradicional sírio-libanesa, que tem origem nos movimentos com os pés que as pessoas, auxiliadas por seus vizinhos, realizavam nos telhados das casas, cobertos com lama, para compactar as rachaduras causadas pelas chuvas de inverno. Com o acompanhamento de um tambor e de uma flauta, os homens se distraíam no ritual das batidas e, assim, podiam compactar os telhados de suas aldeias e aldeias vizinhas, mesmo sob o frio e a chuva. Também são tradições árabes as coreografias das danças do ventre, do candelabro, da espada, da bengala, do castiçal, do jarro, dos Snujis, do pandeiro, e a dos sete véus

Salim Miguel: "O Líbano inteiro cabe dentro de Santa Catarina"

Um dos mais importantes escritores catarinenses, Salim Miguel, lançou, em 1999, o 18º livro de sua carreira literária, o "Nur na Escuridão", onde retrata, de forma romancada, a vinda de sua família - imigrantes sírio-libaneses, para o Brasil.

A história começa no dia 18 de maio de 1927, quando a família desembarca no cais do porto da Praça Mauá, no Rio de Janeiro. Primogênito entre sete irmãos, Salim viu quatro deles nascerem no país adotado. O livro mostra como os imigrantes não tinham ideia do que era o Brasil e lembra importantes momentos políticos, entre eles a ascensão de Getúlio Vargas, em 1930.

Segundo o autor, sua família iria para os Estados Unidos, onde sua mãe já possuía parentes. Porém, como o número de cotas para os imigrantes libaneses já estava esgotado, decidiram vir para o Brasil, onde também tinham parentes no Norte e no Rio de Janeiro, os quais haviam chegado alguns anos antes. A irmã logo foi localizada. Do irmão, no Norte, nunca se soube nada. "O Líbano inteiro cabe dentro de Santa Catarina e ainda sobra terra. Lá, não se tem ideia do tamanho do Brasil", comenta Salim Miguel.



ARTE: Filho de mascate, Salim Miguel dedicou-se à literatura

O pai do escritor, José Miguel Youssef, era professor no Líbano. Aqui, trabalhou como mascate. "Nunca enriqueceu, mas ele se apaixonou pelo país e fincou pé nesta terra", diz. A família morou em São Pedro de Alcântara, Biguaçu e Florianópolis.

Salim Miguel é, hoje, um dos mais festejados escritores catarinenses, com 22 livros já publicados.

Os "turcos"

Quando os imigrantes árabes apresentavam o passaporte às autoridades brasileiras, um carimbo os identificava como "turcos". Por isso, muita gente os chama assim até hoje. Ainda não existiam os países árabes como nação, com um governo próprio e fronteiras definidas. Era comum as pessoas se identificarem pela província ou cidade de origem, com a opção ou tradição religiosa tendo papel preponderante nas suas agregações no novo país.

A imigração árabe, a rigor, engloba outras nacionalidades, como egípcios, palestinos, sauditas e iraquianos, por exemplo, porém, os libaneses respondem por cerca de 70% dos imigrantes árabes no Brasil.

028: Município é referência cultural para o Brasil

MUNICIPIO é referência cultural para o Brasil. **A Notícia**. Joinville, 17 de maio de 2004, pag. 7. Especial.

Município é referência cultural para o Brasil

Biguaçu está na literatura de Salim Miguel e C. Ronald

Está lá, no capítulo 18, página 109, em caixa alta: **BIGUAÇU**. Um grande número de brasileiros com certeza deve ter lido, visto que o romance já avança para cinco ou seis edições, colecionando prêmios merecidos para seu autor, o libano-biguaçuense Salim Miguel. "Nur na Escuridão" não é uma obra literária sobre Biguaçu, mas é um livro impregnado pela atmosfera do lugar, suas ruas e praias, seus campos, seus personagens fascinantes — como o poeta cego, dono de uma livraria.

Nascido no Líbano, em 1924, Salim chegou ao Brasil com três anos de idade. Sua família desembarcou no Rio de Janeiro, à procura de parentes que vieram para o País em busca de melhores oportunidades. Do Rio, acabou em Biguaçu, onde seu pai trabalhou com atividades comerciais. Viveu na cidade dos cinco aos 19 anos, uma fase de vida que viria a influenciar a construção de todo o seu imaginário artístico. Das leituras ini-

ciais, de sua convivência com os literatos locais, Salim se transformaria num líder cultural de Santa Catarina poucos anos depois, quando já vivia na Capital.

Foi ele, com a também escritora Eglê Malheiros e outros amigos, quem fundou o Grupo Sul, movimento que revolucionaria a arte catarinense entre 1947 e 1957, revelando escritores, pintores, escultores, músicos. O Grupo Sul esteve para Santa Catarina como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, entre outros, estiveram para o modernismo brasileiro em 1922, quando realizaram a Semana de Arte Moderna.

Toda a literatura de Salim é marcada pela sua vida em Biguaçu. De suas obras, a que ganhou mais repercussão nacional foi justamente "Nur na Escuridão". Ele é autor também de "Velhice e Outros Contos", "A Morte do Tenente e Outras Mortes", "O Primeiro Gosto", "Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia", entre outras.

O escritor Salim Miguel, cuja obra ficcional é marcada por sua vivência em Biguaçu

O poeta da cidade

Carlos Ronald Schmidt, ou simplesmente C. Ronald, fez o caminho inverso de Salim Miguel. Nascido em Florianópolis, adotou Biguaçu para viver, onde exerceu a atividade de magistrado. Considerado um dos mais importantes poetas de Santa Catarina na atualidade, não escreve poesia "sobre" Biguaçu porque, como disse Carlos Drummond de Andrade, um poeta não deve escrever sobre lugares. Sua poesia, no entanto, é tão impregnada dessa vivência quanto é a ficção de Salim Miguel. Poeta complexo, de uma complexidade que rejeita o gosto fácil, a chamada popularidade, Ronald envereda pela linha da filosofia, da metafísica.

Sua presença no município é reconhecida historicamente, tanto que em 1983, na publicação "Notícia Histórica de Biguaçu", referente ao sesquicentenário de emancipação, o escritor aparece com uma contribuição intitulada "De um Poeta Acampado às Margens do Big-Açu". Também reconhecido nacionalmente pela qualidade de sua literatura, C. Ronald estreou em livro em 1971, com a publicação de "As Origens". Depois veio "Anua" (1975), outra obra marcada pela inquietação poético-existencial. Mais recentemente, publicou "A Razão do Nada", em que se destaca, de novo, o espírito questionador e erudito do poeta de Biguaçu.

Parte do conjunto arquitetônico de São Miguel

Patrimônio arquitetônico

Apesar de sua importância para a Grande Florianópolis, Biguaçu perdeu muito de suas características históricas. Do casarão do sobrado da família Born, na Praça Nereu Ramos, cujas obras de recuperação estão paralisadas. Destaca-se também no município o conjunto arquitetônico de São

Miguel, no lugar que deu origem à povoação, às margens da BR-101. Tanto a igreja, construída em 1751, quanto a Casa dos Açores, que abriga o Museu Etnográfico, foram tombadas pelo patrimônio histórico, em 1969. O aqueduto, parcialmente destruído durante uma enxurrada, foi recuperado pelo DNT.

029: Salim Miguel completa 80 anos

REZENDE, Dorva. Salim Miguel completa 80 anos. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 30 de janeiro 2004, pag. C1. Variedades.



LITERATURA

Salim Miguel completa 80 anos

Escritor lançará este ano mais dois livros, *Gente da Terra* (perfis de catarinenses) e *Mare Nostrum* (contos e novelas)

DORVA REZENDE

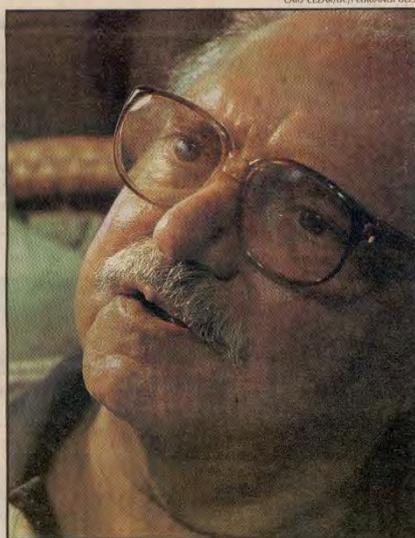
O intelectual catarinense mais festejado nos últimos tempos, o jornalista e escritor Salim Miguel está de aniversário.

"Ninguém faz 80 impunemente", diz o autor do premiado *Nur na escuridão* (1999), que em 2004 lançará duas novas obras (*Gente da Terra* e *Mare Nostrum*), completando 25 livros de uma carreira literária iniciada em 1951, com *Velhice e outros contos*.

Isso dá quase um livro a cada dois anos, o que bate com o projeto que ele havia estabelecido na época do Grupo SUL, como ficou conhecido o Círculo de Arte Moderna, o movimento que mexeu com a vida cultural de Florianópolis (e de Santa Catarina, por extensão), entre 1947 e 1957, e do qual foi um dos criadores.

Depois do livro de estréia vieram as histórias e perfis de *Alguma Gente* (1953) e o romance *Rede* (1995). O quarto livro, porém, demoraria 18 anos. "Me dei conta de que o importante não era publicar, mas sim a forma com que cada escritor cria a sua linguagem", afirma o escritor. O hiato só seria interrompido pelo amigo Carlos Appel, em 1973, que estava iniciando uma coleção de autores catarinenses na sua Editora Movimento, em Porto Alegre, e reuniu alguns contos publicados por Salim em jornais sob o título *O primeiro gosto*, retirado de Camões.

Nessa época, ele, a mulher Eglê Malheiros e os cinco filhos moravam no Rio de Janeiro, para onde foram após a sua



TEMAS: Reflexões sobre velhice, morte, tempo e memória

le período. No Rio, Salim trabalhou em revistas e jornais e editou, entre 1976 e 1979, a revista literária *Ficção*, de enorme sucesso, junto com Eglê e os amigos Fausto Cunha, Laura e Cicero Sandroni.

A volta a Santa Catarina, em 1979, coincidiu com a descoberta do seu rumo literário, com o livro *A morte do tenente e outras mortes*. "Eu havia dito que se não acertasse a mão iria me dedicar somente ao jornalismo e ao cinema. Nesse livro encontrei alguma coisa pela qual deixar a minha marca. Os meus temas: a velhice, a morte, o tempo e a memória", diz Salim. Essas reflexões marcam obras como os romances *A voz submersa* (de 1984, a partir de dois textos de meados anos 70) e *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta* (1987), as novelas *As várias faces* (1994) e *As confissões prematuras* (1998), e os contos de *As desquitadas de Florianópolis* (1995) e *Onze de Biguaçu mais um* (1997), este último feito com material que o escritor cortou da primeira versão (de 500 páginas) de *Nur na escuridão* (livro do ano pela Associação Paulista dos Críticos de Arte), em que ele narra os primeiros anos de sua família de imigrantes libaneses no Brasil.

Salim Miguel nasceu em 24 de janeiro de 1924 em Kfarsouroun, no Líbano, e chegou no Rio de Janeiro com três anos. Dos cinco aos 19 anos morou em Biguaçu, por isso considera-se um "libano-biguaçuense". Dirigiu a Editora da UFSC de 1983 a 1991 e foi superintendente da Fundação de Cultura de Florianópolis entre 1993 e 1996. Em 2002, recebeu o troféu Juca Pato de Intelectual do ano no Brasil. É o avô de sete netos.

Trechos

"De que maneira começara o fogo? O preso não sabe. Com um pouco de álcool? Gasolina? Papel aceso por fósforo ou isqueiro? Saber pra quê? Agora o vento que vem do mar começa a soprar mais forte, não é mais a simples aragem de inda há pouco, lambe o fogaréu, atira as chamas empurrando-as para os lados e para cima, compacta a fumaça sobre chamuscando folhas que se contorcem, acompanhando o contorcer-gemer das folhas dos livros. Com um crepitar dolorido fundem-se e se contrapõem textos diversos no debate das idéias, obras distantes no tempo e no espaço de elaboração, ensaios, ficção, poesia, relatos de viagem, obras didáticas, poemas de Cruz e Sousa, *Satiricon* de Petronio, compêndio de economia de Caio Prado Júnior, *Correspondance - supplément* de Flaubert, *Minhas universidades* de Máximo Gorki, *Retour de la URSS* de André Gide, *O livro dos médiums* de Allan Kardec, Alcorão, *Cine francês* de Manuel Villagas Lopez, *Fintura quase sempre* de Sérgio Millet, e tantos outros subversivíssimos." (de *Primeiro de abril: narrativas da cadeia* - 1994)

"E tu Yussef (ou José, dependendo do perguntador, curioso por saber mais, quem sabe seriam parentes), de que família és, ah, sim, os Jahnah, sim, mas me conta, patriota, se o projeto de vocês era ir ao encontro dos cunhados, homem, me explica direitinho como foi que acabaste vindo parar no Brasil e virando Miguel, se... e o pai, de verdade nem sei, para o Brasil sim, houve o imprevisto em Trípoli, a demora em Marselha, tinha irmã em Magé, um irmão em algum lugar pelo norte. Agora, do nome, não, não sei explicar, talvez pelo passaporte francês, Michel, talvez a dificuldade na pronúncia em português do sobrenome, logo que cheguei ao Brasil virei Miguel, mais rápido que José ou 'seu Zé Gringo', durante bom tempo um estranho Yussef, e o perguntador, compreendo, nos Estados Unidos mais fácil, comum a adaptação de nomes, adquire-se logo um bem americano, aqui no Brasil acaba-se e abandonando os nomes mais complicados e prénome vira sobrenome." (de *Nur na escuridão* - 2000)

030: O poder novelesco

BIANCHINI, Fábio. O poder novelesco. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 3 de julho de 2004. DC/Cultura.

O poder NOVELESCO

Flávio Tavares e Salim Miguel debatem sobre os fatos políticos que mudaram a história do país

POR FÁBIO BIANCHINI

Na última terça-feira, dia 29, o escritor e jornalista Flávio Tavares veio a Florianópolis lançar o livro *O Dia em que Getúlio Matou Allende* (Editora Record, 333 págs., R\$ 41,90) em debate com Salim Miguel em uma livraria do Centro da Capital. Os dois falaram sobre o livro e contaram histórias de figuras proeminentes da história brasileira do século passado, principalmente o ex-presidente Jânio Quadros. A noite contou também com um feliz imprevisto: a presença de Sílio de Souza Gomes, companheiro de Tavares no tempo da resistência armada à ditadura, que foi o tema do livro anterior do escritor, *Memórias do Esquecimento*. Hoje morador de Florianópolis e diretor da associação de aposentados, Gomes emocionou-se junto com o autor quando lembraram de uma ação de que participaram em 1969 e libertou nove presos políticos. Leia, a seguir, alguns dos trechos da conversa:

O livro

Flávio Tavares - Esse é um livro sobre o poder. É fundamentalmente uma história do poder narrado como uma novela porque o poder em si é novelesco. Não há uma palavra de ficção, não há uma idéia de ficção, ainda que o título possa sugerir algo pelo menos mítico, mas é uma alegoria, um paralelismo que tracei entre dois suicidas como cixo. O Getúlio, em 1954, ao se suicidar, mata o Allende em 1973, que se suicida. Tento demonstrar, quando estabeleço esse eixo, que o destino está sempre à nossa frente. Não o destino de um ponto de vista mítico, mas como decorrência da história. Os fatos vão e voltam ao ponto da partida. O Getúlio suicida leva, indiretamente, em termos históricos, ao suicídio do Allende, porque são dois resistentes que, de arma na mão, entregam contra o inimigo o seu próprio corpo. Os dois se suicidam no bojo do poder, no desenvolvimento de golpes militares.

É difícil prever ou imaginar o que aconteceria se Allende tivesse cometido o suicídio antes da deflagração do golpe militar chileno, mas a situação lá era diferente. O Chile estava vivendo uma pressão internacional e norte-americana muito grande. No caso de Getúlio, era uma crise fundamentalmente interna; os Estados Unidos tinham atuado antes, mas naquele momento não. No Chile era o contrário, a CIA financiou o golpe, que era

preparado a longo prazo. Estive no Chile seis meses antes do golpe e da morte de Allende e a pressão era insuportável, havia uma sabotagem absoluta na economia. Por exemplo, os barcos que chegavam da China trazendo carne não conseguiram chegar no Oceano Pacífico, eles eram desviados e tinham que subir até o México e depois descer pela costa do Pacífico.

Salim Miguel - Aos 20 anos, em Porto Alegre, ele levou um documento para o Getúlio Vargas sobre a reforma do ensino superior e, depois de uma reunião geral, Getúlio fez questão de recebê-lo em particular para discutir o documento. A partir desse momento, já como jornalista, ele esteve presente em absolutamente tudo que conta no livro.

Jânio Quadros

Salim - Não são só os grandes acontecimentos, mas os pequeninos detalhes que fazem a história de um país. O Jânio Quadros era uma figura que ainda não foi devidamente estudada e analisada nesse país. Ele e Carlos Lacerda, então governador da Guanabara, estavam brigando e ninguém queria brigar com o Lacerda, porque ele tinha um poder de persuasão, uma facilidade de comunicação, era um panfletário e o sonho dele era presidência da república. Jânio o chamou a Brasília para ver se aquele desentendimento entre ambos terminava e convidou-o para pernoitar no Palácio da Alvorada. Só que Lacerda chegou ao palácio, foi ao apartamento que lhe havia sido destinado, deixou a mala para encontrar alguns correligionários e, quando voltou, a mala dele estava na portaria com a explicação de que surgira um problema e que ele iria se hospedar no principal hotel de Brasília.

Tavares - Ele sentiu-se ferido, tomou como uma ofensa. No dia de seguinte, pela manhã, ele foi ao Rio de Janeiro, ocupou a televisão e desferiu aquelas bofetadas orais nas quais era mestre. O Jânio Quadros achou aquilo estranho. Para ele, aquilo não tinha sido coisa nenhuma. Sabem por quê? Naquela manhã a Dona Eloá, esposa de Jânio, havia ido a São Paulo. E tinha vindo de São Paulo uma jovem senhora separada de 40 anos de idade. Então ele queria dormir no Palácio da Alvorada com essa sua namorada e não podia com o Carlos Lacerda lá presente. Então, a única forma



Jornalistas e escritores, Tavares (E) e Salim se encontraram em uma livraria da Capital

de se livrar do intruso incômodo era devolver a mala para a portaria do palácio. Um problema de rabo de saias determinou uma crise política no Brasil. Se tivéssemos contado isso na época, seria apenas uma fofoca intrigante, um mexerico sem nenhuma credibilidade histórica. Mas 20, 30, 40 anos depois, se transforma num fato histórico.

Salim - Quando assumiu a presidência da República, Jânio definiu que iria transferir a presidência para algumas regiões do país e a primeira escolhida foi Florianópolis, reunindo os governadores de Santa Catarina, Celso Ramos, do Paraná, Ney Braga, e do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Eu era da assessoria de imprensa do Celso Ramos e acompanhei todos aqueles dias. A primeira coisa que o Jânio Quadros fez foi desalojar o governador do Palácio da Agrônômica, pois queria ficar sozinho lá. Em determinada manhã, eram só os governadores e alguns ministros. Jânio encenou um pequeno espetáculo que sempre me lembra da Última Ceia de Cristo. Chamou um assessor, que entregou de pão e disse: "isso aqui é para ver se o trio sarraceno se adapta ao pão mais barato para a população". Pegou o pão, cortou em pedacinhos, entregou para cada um dos participantes da mesa e, com aquele jeito dele, disse assim: "comam". Todos pararam, quietos, e ficamos observando os três

governadores e o presidente, porque ele também se deu ao luxo de mastigar um pedacinho de pão. Quando terminou, ele disse: "eu gostaria de saber se, na verdade, esse trigo serve para o pão que eu pretendo implantar - nunca esqueci a expressão: implantar - nesse país". Essas coisas, aparentemente miúdas, definem um governo e um governante.

Tavares - Isso é mais definitivo da personalidade do Jânio do que todas as coisas que conto no livro. Jânio era um excêntrico, um caleidoscópio.

Poder

Tavares - O que eu estou fazendo nesse livro, mais do que tudo, é mostrar que nenhum reino vale muito mais do que um cavalo. Por exemplo, da época de Machado de Assis. As pessoas se lembram de Machado de Assis, mas não de quem foi o presidente da República na época dele. Quem foi o líder do partido x? Onde é que estão os generais da ditadura? Onde estão os ditadores latino-americanos? Ninguém se lembra mais deles, nem do nome. Agora o Pinochet, pobre Pinochet... tão pobre Pinochet que chegamos até a sentir pena dele. Quando ele foi preso em Londres, sinceramente, eu tive até pena do Pinochet. Ele era um monarca absoluto, mais do que um governante, um super hiper ditador. Então, há situações em que a fortaleza do poder é frágil, temos que ter consciência disso. O poder não é um monumento de aço, não é um monumento de mármore.

Vargas

Tavares - Eu fui tomado pela personalidade de Getúlio. À medida em que eu escrevia sobre Getúlio, lembrava de coisas que tinha visto e ouvido e ele começou a se engrandecer. Eu tinha sido, quando jovem, um antigetulista ou ao menos um não-getulista. E me dei conta de que havíamos sido injustos com o governo de Getúlio, que achamos que ele era um títere dos norte-americanos, mas não. Nós é que estávamos equivocados. Getúlio foi um homem que resistiu sempre a pressões e que teve aquele gesto sobre o qual muitos perguntam se é covardia ou valentia. O suicídio é sempre, até aquele pelo motivo pessoal, um gesto absurdo que não posso aplaudir, mas um gesto de coragem e de repúdio à situação em que vive.

031: Luz de Salim Miguel em francês

BIANCHINI, Fábio. Luz de Salim Miguel em francês. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 13 de agosto de 2004, pag. 1. Variedades.

CULTURA

Luz de Salim Miguel em francês

Professora de Literatura Brasileira em La Rochelle, Luciana Rassier está traduzindo o romance *Nur na Escuridão*

FÁBIO BIANCHINI

A professora Luciana Rassier, que há 10 anos leciona Literatura Brasileira na França, está traduzindo para o francês o romance *Nur na Escuridão*, de Salim Miguel, objeto de sua tese de pós-doutorado.

A edição, prevista para lançamento no início de 2006, será a primeira de um livro do escritor em outro idioma.

Luciana havia elaborado sua tese de doutorado sobre a obra do escritor paulista Rudson Nassar. Para o pós, procurava um autor do Sul do Brasil, que tornou-se sua especialidade nos últimos anos. Foi quando uma amiga brasileira enviou-lhe a obra de Salim. "Apaixonei-me pelo livro. Chamou-me a atenção a questão da imigração, tempo e memória e o tratamento da História do Brasil com a história do personagem", ressalta.

Poucos meses depois, almoçava, durante um encontro de universidades na França, com uma colega da Universidade de Brasília que acabara de conhecer. "Comentei que acabara de ler um livro maravilhoso de um escritor chamado Salim Miguel e que gostaria de saber como entrar em contato com ele", lembra. Por coincidência, a interlocutora era Regina Del Castanho, nora de Salim, casada com Luís Felipe, filho do escritor e também professor universitário, que tratou das apresentações. Luciana conheceu pessoalmente o escritor ontem, em visita ao Brasil de férias e para firmar convênios para intercâmbio de alunos, professores e estágios da Universidade de La Rochelle, onde leciona, com as instituições do Sistema Acafe.

Luciana já fez traduções, para lançamento na França, de outros sul-brasileiros. O primeiro foi *Pequod*, do também músico Vitor Ramil, em 1999. Depois, foram lançadas obras de Charles Kiefer, Assis Brasil, Neil Lisboa e E.T. Lisboa. A percepção do leitor médio francês sobre literatura brasileira, explica, é baseada em Paulo Coelho e Jorge Amado, mas isso começou a mudar a partir das edições do Fórum Social Mundial de Porto Alegre. "A cidade ficou em evidência. Quando eu falava na Universidade que eu me formei em Porto Alegre, as pessoas já sabiam do que se tratava", conta Luciana, que nasceu em Pelotas. Esse interesse gerou a coleção *Um Outro Brasil*, elogiada pelo suplemento literário do jornal francês *Le Monde*.

Ela foi para a França após fazer mestrado em literatura francesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1994. Por meio desse trabalho, surgiu a oportunidade de ensinar literatura brasileira na Universidade de Montpellier, uma das mais antigas da Europa: tornou-se universidade em 1280; antes disso, era associação de faculdades de medicina e direito. Lá, fez trabalho de mestrado sobre Guimarães Rosa e o período de aulas, inicialmente planejado para ser de dois anos, estendeu-se por mais quatro.

Em 2003, trocou Montpellier por La Rochelle, onde trabalha atualmente, no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. A maior parte dos alunos, principalmente na instituição anterior, conta, é de franceses que se apaixonam pelo Brasil e de filhos de portugueses, que migraram para a França durante e ditadura de Salazar. "O interesse por língua portuguesa lá é mais ou menos como o por francês aqui, é minoritário", diz.

Salim já havia publicado contos e artigos na Itália e enviou uma versão em inglês do primeiro capítulo de *Nur na Escuridão* para uma editora norte-americana que estuda a publicação do livro nos Estados Unidos.

fabio.bianchini@diario.com.br

JULIO CAVALHEIRO/DCFLORIANÓPOLIS



TEMPO E MEMÓRIA: Luciana esteve na ilha para conhecer pessoalmente o autor

Apreciações e ensaios sobre a Gente da Terra

DORVA REZENDE

Em uma espécie de complemento do seu livro *Estrangeiros - releituras*, editado pela Letras Contemporâneas, em 2003, em que tecia apreciações sobre seus escritores favoritos de fora do país (como Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Agostinho da Silva, Miguel de Unamuno, García Lorca, Ernesto Sabato, Jorge Luís Borges, Juan Rulfo e Ernest Hemingway, entre outros), Salim Miguel lança agora pela combatida Editora Lunardelli o livro *Gente da Terra*.

Em uma breve nota à guisa de prefácio, Salim diz ao que veio a publicação: "Desde meus primeiros escritos, sempre me preocupei com temas referentes a nós gente e a nossa cultura, mas, pela primeira vez em um livro trato apenas da gente catarinense. (...) Oxalá estas lembranças sirvam para pôr o foco de atenção sobre figuras e temas da nossa cultura."

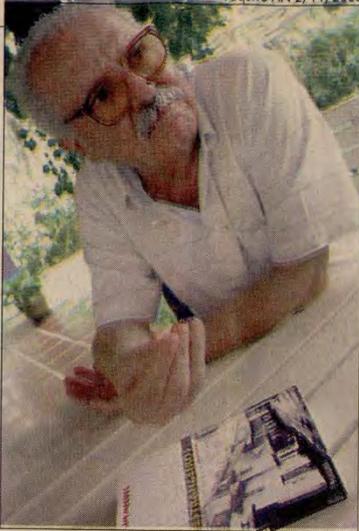
No livro, Salim Miguel presta uma homenagem aos amigos (escritores, professores, desenhistas, escultores), pessoas que foram importantes, de um modo ou de outro, em sua vida, também literária. O primeiro texto, o mais extenso de todos, é *Um retrato de Othon D'Éça*, no qual ele lembra, entre comentário sobre a obra do homenageado, que o autor de *Homens e Algas* foi um dos poucos a tentar libertá-lo quando esteve preso durante 48 dias no quartel da Polícia Militar, logo após o Golpe de 1º de abril de 1964.

Composto de textos já publicados e revisados, *Gente da Terra* prossegue lembrando figuras como o professor e desembargador Henrique da Silva Fontes, o médico e poeta Arthur Pereira e Oliveira, o desembargador e humanista Hercílio Medeiros Filho, o livreiro Odilon Lunardelli, o desenhista Domingos Fossari, o escultor e poeta da pedra Mario Avancini, os escritores Miro Moraes e Silveira de Souza, o ilustrador e artista plástico Tércio da Gama, o bibliófilo laponense Soares, o escritor e crítico de arte Harry Laus, o ficcionista e grande amigo Guido Wilmar Sassi, o cronista Hamilton Alves, além de alguns ensaios sobre o Contestado e sobre obras de catarinenses como Adolfo Boos Júnior, Holdemar de Menezes, Edla Van Steen, Deonísio Silva, Godofredo de Oliveira Neto e Péricles Prade.

Gente da Terra: Perfis - anotações, de Salim Miguel. Editora Lunardelli (Florianópolis). 118 págs. R\$ 20

032: Escritores lamentam falta de incentivo à leitura

FRANTZ, Gisa. Escritores lamentam falta de incentivo à leitura. **A Notícia**. Santa Catarina, 24 de julho de 2004, pag. C 3. Anexo.



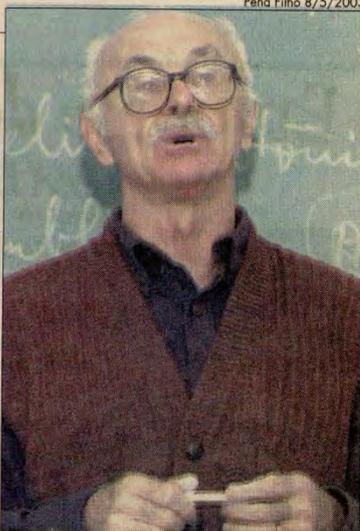
Arquivo AN 2/11/2003

Salim: livro é primo pobre da cultura



Guilherme Ternes 24/9/2002

Eglê: realização ao transmitir essência



Pena Filho 8/5/2003

Junkes: mais escritores e menos leitores

Escritores lamentam falta de incentivo à leitura

No dia dedicado a eles, autores reclamam do descaso oficial

GISA FRANTZ

Florianópolis — A falta de incentivo à leitura, por conta da ausência de uma política educacional voltada ao crescimento do número de bibliotecas públicas e ao precário abastecimento com bons títulos nas já existentes, desanima os escritores brasileiros. Dedicado a eles, este domingo é dia de pensar sobre os rumos da literatura, mesmo que a maioria dos autores considere os caminhos para a formação de um País de leitores longo e sinuoso.

“O livro é o primo pobre da cultura”, dispara o escritor Salim Miguel, do alto de seus 80 anos e 25 livros editados. Ele diz que o governo deveria dar maior apoio, criando mecanismos para levar a leitura aos bairros e escolas, por meio de projetos culturais. “A formação de leitores deve iniciar no ensino fundamental.” De acordo com Salim, quando o País tinha 40 milhões de habitantes, os escritores vendiam, em média, 3 mil exemplares. Hoje, com 180 milhões de habitantes, a média oscila entre 1 mil e 3 mil. “Com raras exceções nacionais, como Lya Luft, que vendeu 100 mil volumes de ‘Perdas e

Ganhos’, seu último livro”, destaca. Ele também critica o pouco espaço dado atualmente à literatura nos meios de comunicação. “Existem escritores muito bons, que raramente aparecem, e sem divulgação não há retorno.” Salim Miguel finaliza o romance “Mare Nostrum” pela Editora Record, do Rio de Janeiro, com previsão de lançamento para setembro.

Lauro Junkes, presidente da Academia Catarinense de Letras (ACL), diz que existe um paradoxo entre as facilidades de agora, mais editoras e tecnologia, com o mercado de décadas passadas. “Atualmente, temos mais escritores e menos leitores.” O escritor de 62 anos e 16 livros publicados, aponta também a falta de uma rede estadual de distribuição dos títulos. “Os

livros circulam apenas nas cidades em que foram editados.”

Fica cada vez mais claro que viver da literatura é impossível e que o esforço é pelo prazer de ver circular suas idéias. Problema igualmente sério, segundo Junkes, é a falta de cumprimento das leis municipais que obrigam as autoridades a adquirir seleção de livros indicados pela Comissão Catarinense do Livro (Cocali), para bibliotecas públicas.

“Os livros são como garrafas jogadas no oceano, um dia, alguém encontra e lê”, filosofa Eglê Malheiros, de 76 anos e quatro livros publicados. A escritora explica que o escritor tem uma necessidade interior de escrever e fica realizado quando consegue passar sua essência aos leitores.

033: Cult.

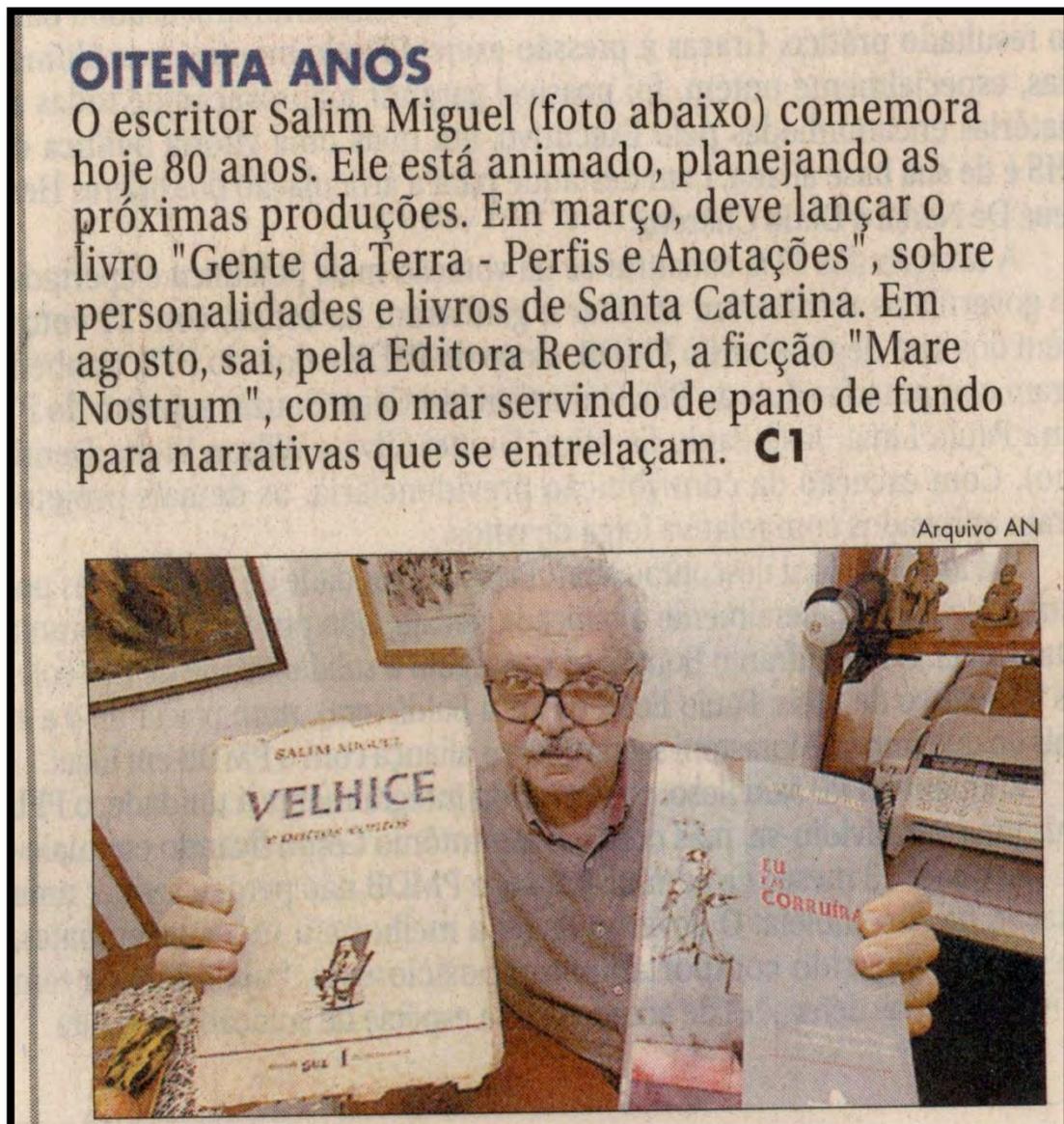
MACHADO, Ricardinho. Cult. **A Notícia**. Florianópolis, 27 de janeiro de 2004, pag. 5. Variedades.

Cult

Um dos melhores cadernos de cultura do País, o do “Estadão”, abriu página inteira na edição dominical para dois catarinenses de peso. Os 80 anos de Salim Miguel e suas obras, e o cinema pelas lentes de Zeca Nunes Pires foram o alvo de duas reportagens com nossos ilustres manés.

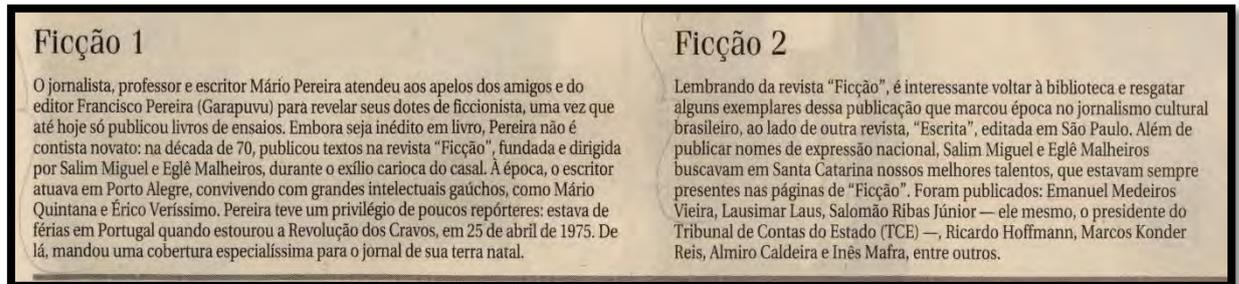
034: Oitenta anos

OITENTA anos. **A Notícia**. Santa Catarina, n. 22946, 30 de jan. de 2004. Foto na capa com chamada para matéria.



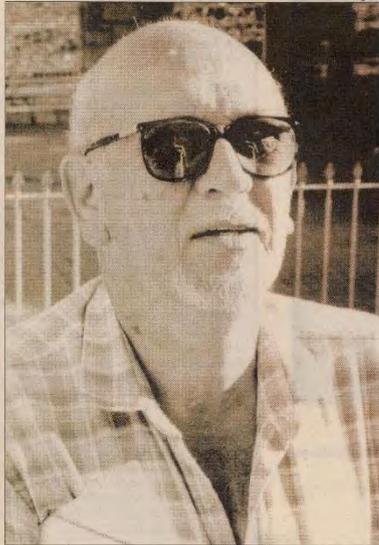
035: Ficção 1 e 2

DAMIAO, Carlos. Ficção 1 e 2. **A Notícia**. Santa Catarina, 11/jan/04, pag. C2. Anexo, notas coluna Raul Sartori.



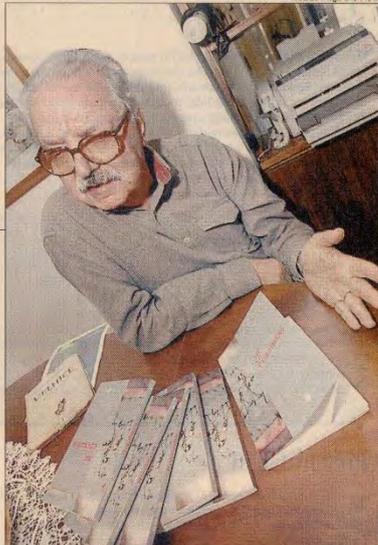
036: Companheiros de Jornada

BUSS, Deluana. Companheiros de Jornada. **A Notícia**. Santa Catarina, 2/jan/04, pag. 1. Anexo.



Divulgação

CLÁSSICO "Dom Quixote" é indicado por Adolfo Boos Júnior (E) e por Salim Miguel (D)



Ricardo Mago 21/11/01

Homens de letras,
escritores catarinenses
sugerem livros que podem
ser leituras para 2004

COMPANHEIROS DE JORNADA

DELUANA BUSS

Florianópolis — Alguns livros são tão marcantes, que as décadas passam e eles continuam sendo citados, lembrados, relidos. Outros, recém-lançados, conseguem se destacar entre os mais de 40 mil novos títulos produzidos no Brasil a cada ano. No meio dessa enorme oferta de possibilidades, os escritores, que normalmente são bons leitores, tanto por prazer quanto por necessidade da profissão, costumam falar com conhecimento de causa quando o assunto é sugestão de obras literárias.

O escritor Salim Miguel, 79 anos, costuma dizer que um grande livro é aquele que possibilita releituras. "Dom Quixote", de Miguel de Cervantes, ele já leu mais de dez vezes. "Se eu tivesse de escolher um livro para levar para uma ilha deserta, levaria esse. É fundamental", afirma. A mesma obra é indicada por Adolfo Boos Junior, 72 anos. "É uma maravilha, porque, além de ter uma atualidade até estranha, é também uma fábrica de sonhos", diz.

Salim também sugere "Infância", de Graciliano Ramos. "Conta a história da infância dele, o trabalho, as lutas, a família. Mas, ao mesmo tempo em que faz uma autobiografia, faz ficção. É bom para conhecer Graciliano". Já Boos aponta como outra opção "Grande Sertão Veredas", de Guimarães Rosa. "Desvenda uma parte do Brasil que permanece desconhecida de muita gente, e ainda mantém a atualidade".

Flávio José Cardozo, 64 anos, indica um clássico da ficção e um ensaio moderno. O primeiro é "A Letra Escarlate", de Nathaniel Hawthorne. "Em 2004, teremos o bicentário de nascimento desse grande escritor americano. Que tal homenageá-lo lendo essa que é seguramente a sua obra-prima? Trata-se de um romance denso, profundo, de angustiante feição psicológica. Não é leve, mas o prazer estético é garantido", assegura. O outro, lançado há alguns anos, é "Uma História da Leitura", do argentino naturalizado canadense Alberto Manguiel. "Experimentadíssimo leitor e pesquisador, ele narra com desenvoltura a saga da palavra escrita e o significado civilizatório da propagação da leitura. Ninguém que goste de ler pode dispensá-lo."

Cronista e estudante universitário, Thiago Momm Pereira, 23 anos, admira "O Amor nos Tempos do Cólera", de Gabriel García Márquez. "Melhor love story que já li. O amor contrariado de Florentino Ariza e Fermina Daza engloba todos os amores: platônico, poético, paciente, patético, imaturo, amadurecido, obstinado. Um romance definitivo sobre o quanto a realidade pode ser fantástica e quanto o fantástico pode ser real, ainda mais quando narrados por García Márquez."

Outra sugestão de Thiago é "Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século", selecionados por Italo Moriconi. "São bom de levar pra rede quanto água-de-coco. É para se orgulhar do País de Aníbal Machado, Rubem Braga, Raduan Nassar, Loyola Brandão, Ubaldo Ribeiro e Luis Fernando Veríssimo, não necessariamente nessa ordem e, claro, não apenas esses", diz.



Arquivo AN

FIÇÃO E ENSAIO
"A Letra Escarlate" e "Uma História da Leitura" são as dicas de Flávio José Cardozo



Divulgo Nocar 25/11/2003

ERUDITO
"Mitologia Grega e Romana" é obra obrigatória para Jair Francisco Hamms

037: Andanças literárias de Salim Miguel, 80 anos

AMÂNCIO, Moacir. Andanças literárias de Salim Miguel, 80 anos. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 25 de jan. de 2004, pag. D7. Caderno 2/Cultura.

PERSONALIDADE

Andanças literárias de Salim Miguel, 80 anos

Fotos Divulgação

Escritor catarinense nascido no Líbano comemora o aniversário, publica livro de ensaios e tem mais dois para este ano; um deles, 'Mare Nostrum', será lançado pela Record

MOACIR AMÂNCIO

Salim Miguel, que está publicando *Estrangeiros* (Letras Contemporâneas, ensaios, 143 págs., R\$ 25) completará, no dia 30, 80 anos de vida e pode-se dizer que toda ela foi envolvida pelas Letras. Começou ouvindo as histórias que seu pai, professor, lhe contava. A leitura veio logo e não parou mais. Assim como a escrita.

Mas, como bom brasileiro, Salim, que veio de Kfar Sourum, no Líbano, aos 3 anos, percebeu com rapidez, não seria possível viver da publicação de contos e romances neste país, embora fosse possível ganhar o pão com a palavra. Não como político, claro. Mas como jornalista, escritor e até livreiro em Florianópolis (para lá se transferiu da segunda cidade natal, Biguaçu), tentando levar inovações modernistas tardias que provocariam ressentimentos eternos. Aí conheceria a prisão e sofreria um auto-de-fé.

Não existe nenhum argumento mais forte contra quem duvida da seriedade da literatura. Foi após o golpe de 64, quando Salim, além de ser só-



Salim Miguel: variação de atividades tem por centro a literatura

1976 e 1979. Nos tempos da censura, a ficção respondia às pressões do momento: a revista chegou a tirar 15 mil exemplares mensalmente. Por ela passaram autores de todo o País e da América espanhola. Em Porto Alegre, o representante se chamava Moacyr Scliar, em São Paulo, Caio Porfírio Carneiro, em Salvador, João Ubaldo Ribeiro.

Ao mesmo tempo, ele conseguiu escrever e publicar seus livros: ficção, reportagens, artigos sobre literatura que ele chama de anotações. Tem duas obras programadas para este ano: *Gosto da Terra* (editora Lunardelli), sobre personalidades catarinenses, e *Mare Nostrum* (Record), que define como uma série de contos interligados. Com os novos livros terá publicado 25 volumes.

Salim retornou à sua segunda região "natal" em 1979, retomando o cargo no escritório da Agência Nacional, passando para a assessoria de imprensa e a editoria da Universidade Federal em SC até se aposentar. Ainda comandaria a Fundação Cultural Franklin Cascais, antes de abandonar cargos fixos, dedicando-se a escrever livros e artigos. Comenta numa entrevista por telefone toda essa trajetória, que sempre se relaciona com a de outros libaneses e descendentes dedicados à literatura.

De acordo com ele, levantamento feito em Brasília aponta a existência de mais de 40 autores brasileiros de origem sírio-libanesa, entre eles Raduan Nassar e Milton Hatoum. Mas são poucos os que se ocupam da temática árabe, presente em *Nur na Escuridão*, de Sa-

lim. Um pioneiro foi Cecílio Jacob Carneiro (o nome de família foi adaptado do árabe Gannem) que, com *A Fogueira*, obteve um segundo prêmio internacional para romances no início dos anos 40, abaixo de *Grande e Estranho É o Mundo*, obra-prima do boliviano Ciro Alegria. Lamenta o esquecimento sistemático em que livros e autores brasileiros importantes caem após a morte, quando retornam à condição de inéditos. Carneiro é só um exemplo e, para não perder tempo, por que não lembrar Adonias Filho, o grande autor de *Memórias de Lázaro* e *As Velhas*?

Alguns nomes: Jorge Medauar, Wladyr Nader, Nagib Jorge Neto, Jamil Snege, Miguel Jorge, Jorge Tufik, Carlos Nejar, Carlos Felipe Moisés, Paulo Jacob, Luiz Sayeg, Márcio Jabur Yunes, Gilberto Mansur, Emil Farah (no romance *Dinheiro na Estrada* ele fala da imigração heróica).

E outros nomes vão surgindo, como o de Michel Sleiman, que se dedica ao resgate em português da cultura árabe transplantada para a Andaluzia, estudando e traduzindo poemas de Ibn Quzmán e que, no momento, prepara um livro de poemas próprios para publicação.

A propósito, o pai de Salim, José Miguel, também era escritor. Escreveu *Minha Vida*, em árabe. A família promoveu uma edição particular, traduzida, de cem exemplares, no centenário do patriarcado, em 1997. Os agentes da ditadura destruíram o estoque da Anita Garibaldi, mas a Livraria do Salim – um verso pronto – nunca parou de funcionar.

**JORNALISTA,
FICCIONISTA,
PROMOTOR
CULTURAL,
ROTEIRISTA;
25 TÍTULOS
ATÉ ESTE ANO**

038: Documentário homenageará escritor

CAETANO, Maria do Rosário. Documentário homenageará escritor. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 25/jan/04, pag. D7. Caderno 2/Cultura.

Documentário homenageará escritor

Filme tratará de Salim Miguel e suas aventuras cinematográficas

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO
Especial para o Estado

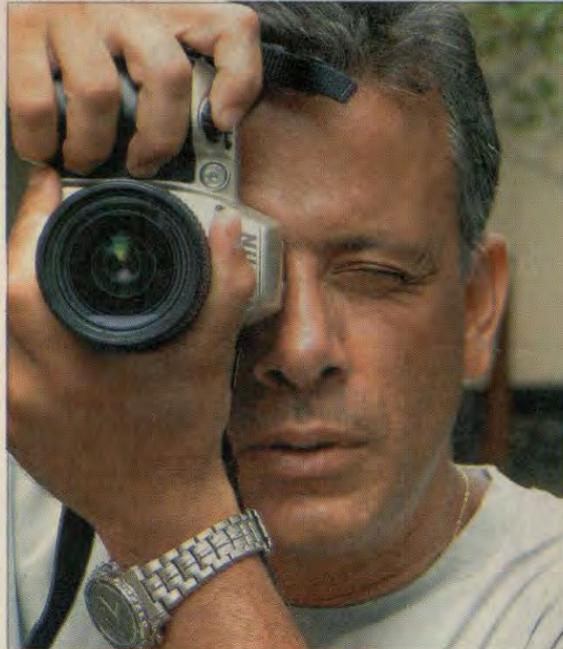
Os 80 anos de Salim Miguel darão origem a documentário biográfico dirigido pelo cineasta Zeca Pires, co-autor do longa *Procuradas* (com José Frazão) e de *A Antropóloga* (em produção). Zeca, que é professor da Universidade Federal de Santa Catarina e autor do livro *Cinema e História (Julianelli e Baumgarten - Pioneiros do Cinema Catarinense)*, sente-se em dívida com o autor de *Nur na Escuridão*.

"Salim Miguel foi grande amigo de meu pai, o professor Aníbal Nunes Pires", diz o cineasta. "Juntos, os dois editaram a *Revista Sul* (vitrine do Grupo Sul, do qual foram os líderes). Em meados dos anos 80, por uma dessas obras do destino, fui trabalhar com o escritor na Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Durante quatro anos convivi diariamente com ele."

Zeca Pires conta que tem Salim Miguel como um segundo pai. "Ele, que foi um dos maiores amigos do meu pai, acabou tornando-se meu grande amigo. E, posso dizer, que algumas vezes ele substituiu meu pai, que morreu muito cedo."

A amizade e a "relação quase filial" acabaram inibindo o cineasta catarinense e retardando a realização de um filme sobre o escritor. "Achei que outras pessoas se interessariam em fazer um documentário sobre a trajetória literária e cinematográfica de Salim Miguel e que o fariam com mais distanciamento que eu." Como "o documentário não aconteceu, decidi que quero e vou fazê-lo. Aliás, estou fazendo".

O cineasta já gravou os primeiros depoimentos de Salim Miguel e vem registrando entrevistas de seus amigos e parentes. Está, também, documentando acontecimentos importantes neste ano em que o escritor, "lúcido, produtivo e bom de prosa", torna-se octogenário. Para completar, Zeca, que é



Zeca Pires: preocupação com a memória cultural de Santa Catarina

pesquisador e ajudou a recuperar os oito minutos que restaram do primeiro longa-metragem ficcional da história de Santa Catarina (*O Preço da Ilusão*, escrito e produzido por Salim Miguel) - vem coletando imagens em movimento e fotos do escritor. Este material será "a base do documentário".

Zeca Pires utilizou no curta-metragem *Ponte Hercílio Luz - Patrimônio da Humanidade* (1996), trecho do filme *O Preço da Ilusão* (1956/57). No novo documentário, relembra as passagens de Salim Miguel pelo cinema. "A mais importante, por seu pioneirismo e ousadia é a que deu origem ao primeiro longa ficcional catarinense."

Tudo começou no Clube de Cinema de Florianópolis, dinamizado por grupo de artistas e intelectuais, entre os quais se destacavam o produtor Armando Carreirão, o escritor Salim Miguel e sua mulher, Eglê Malheiros. Eles se reuniam na Livraria Anita Garibaldi e mantinham um cineclube em pleno funcionamento. Entusias-

mados com o sistema cooperativo que dera origem, em 1955, a *Rio 40 Graus*, primeiro longa de Nelson Pereira dos Santos, resolveram realizar filme nos mesmos moldes, em Florianópolis.

Salim e Eglê se responsabilizaram pelo roteiro. Inexperientes no ofício cinematográfico, resolveram convidar o gaúcho Nilton Nascimento para dirigir o filme. Para concretizar o projeto, fundou-se a Equipe Alberto Cavalcanti. Como *Rio 40 Graus*, o longa *O Preço da Ilusão* pretendia traçar painel da vida de pessoas simples, com suas lutas cotidianas e mútuas. Para tanto, Eglê e Salim engendraram histórias de garotos que recolhiam dinheiro para comprar jogo de camisetas de futebol e de garota que descia à prostituição, ao vender votos que a elegiam Miss. Concluído depois de acidentado processo de produção, *O Preço da Ilusão* foi exibido em Santa Catarina, causando alarde. Mas não teve sorte fora do Estado. E, com o tempo, desapareceram seus negativos e cópias. Só restaram 8 de seus quase 100 minutos. Salim Miguel escreveu outros roteiros para cinema. Um deles - *A Cartomante* - foi filmado (em 1974) pelo catarinense-carioca, Marcos Farias (1933-1985).

**SÓ RESTAM
8 MINUTOS
DE LONGA
PIONEIRO**

039: Salim 80 de bem com a vida

BUS, Deluana; CARVALHO, Ilmar. Salim 80 de bem com a vida. **A Notícia**. Santa Catarina, 30 de jan. de 2004, pag. 1. Anexo.

Escritor festeja aniversário reunindo a família e amigos para celebrar trajetória de sucesso no jornalismo e na literatura

DELUANA BUSS

Florianópolis — O escritor Salim Miguel, que hoje completa 80 anos, é uma pessoa que tem o dom de contar histórias. Uma conversa com ele é como fazer uma viagem por diferentes paisagens, e suas narrativas são repletas de personagens curiosos. Relegado em sua casa de praia, na Cachoeira do Bom Jesus, no Norte da Ilha de Santa Catarina, Salim tem como fiel escudeira sua mulher, Eglê Malheiros. É lá que recebe os familiares que compareceram em peso para seu aniversário. "Fazia anos que não reuníamos todos, dá pena quando vão embora", diz ele, constatando que os filhos são criados para o mundo. "Começamos sozinhos, e agora somos só nós de novo", diz.

Apesar da aparente melancolia, seu estado de espírito é outro. Salim está animado, planejando as próximas produções. Em março, deve lançar, pela Editora Lunardelli, o livro "Gente da Terra — Perfis e Anotações", sobre personalidades e livros de Santa Catarina. Já em agosto, sai, pela Editora Record, a ficção "Mare Nostrum", na qual o mar serve de pano de fundo para narrativas que se entrelaçam. "O último texto é 'Marulho', onde retomo temas cronistas em toda minha obra, como o tempo, a memória e o problema da emigração", adianta.

Salim sabe bem do que está falando. Nascido no Líbano, chegou em Santa Catarina ainda criança. Pai de cinco filhos — três morando em Brasília, um no Rio de Janeiro e outro em São José — e avô de sete netos, o escritor, autor de 23 livros já editados, tem um currículo vasto: trabalhou décadas na imprensa, foi um dos fundadores do Grupo Sul e da revista cultural "Sul", que circulou de 1948 a 1957, fez o primeiro longa-metra-

nando depois a Florianópolis, onde passou a trabalhar na Editora da UFSC (EDUFSC) e na Fundação Franklin Cascaes (FEC).

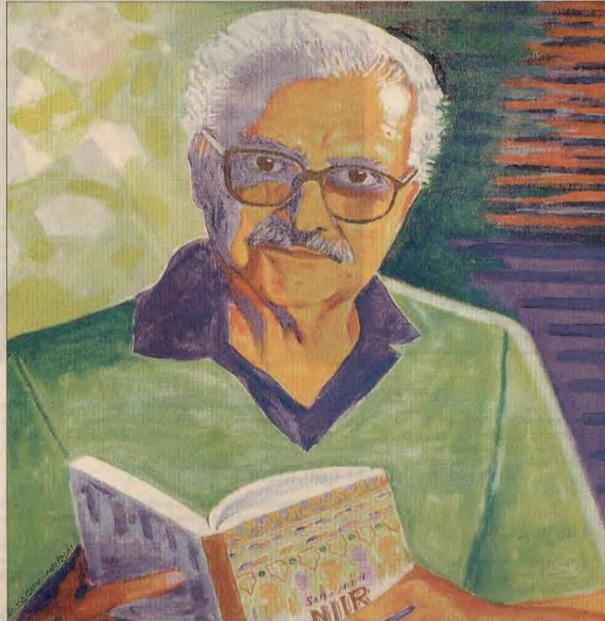
Salim sempre viveu da palavra. "Nesses anos todos me sustentei mesmo com o jornalismo, e não com direitos autorais. Hoje, estou aposentado e tenho uma vida razoável, mas sem acumular bens e riquezas. Dá para fazer uns passeios, comprar livros, sair com os amigos". Sobre as coisas que mais gosta de fazer, cita poucas: reunir os amigos para conversar, ler, escrever, ouvir música e ver filmes. "Se não tivesse optado pelo jornalismo, teria feito carreira no cinema", revela.

SÉTIMA ARTE

A paixão pelas letras vem da infância. O pai perguntava o que o filho queria ser quando crescesse e a resposta era "ler e escrever". O apoio da família permitiu que seguisse o coração. Foi assim que também se apaixonou pelo cinema, aos dez anos de idade. "Morava em Biguaçu, e um dia apareceu um cara com projetor e uma lata de filme, procurando um salão e perguntando quem queria 'assistir cinema'. Meu pai me deu um trocado e fui sozinho. O filme era projetado num lençol, lembro que era um florestão".

Sofrendo com um retinopatia degenerativa que fez com que perdesse parcialmente a visão, Salim, um leitor compulsivo, hoje não pode ler tanto quanto gostaria. "O livro que antes eu lia em dois dias, agora demoro dois meses". Para isso, usa uma lupa, só que a vista logo começa a lacrimejar. Para escrever, usa o computador. "Consigo escrever aumentando bastante o tamanho das letras", conta.

A conversa com amigos e a música — clássica, jazz e MPB — ganharam mais importância. Com



SALIM 80 DE BEM COM A VIDA

BIBLIOTECA

Livros de Salim Miguel, desde sua estréia, em 1951.

- "VELHICE E OUTROS CONTOS" Editora Sul, Florianópolis, 1951
- "ALGUMA GENTE, HISTÓRIAS" Editora Sul, Florianópolis, 1953
- "REDE" Romance, Editora Sul, Florianópolis, 1955
- "O PRIMEIRO GOSTO" Contos, Editora Movimento, Porto Alegre, 1973
- "A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES" Contos, Editora Antares, Rio de Janeiro, 1979
- "A VOZ SUBMERSA" Romance, Editora Global, São Paulo, 1984
- "DEZ CONTOS ESCOLHIDOS" Editora Horizonte, Brasília, 1985
- "O CASTELO DE FRANKENSTEIN" Anotações sobre autores e livros, Editora Lunardelli/UFSC, Florianópolis, 1986
- "A VIDA BREVE DE SEZEFREDO DAS NEVES, POETA" Romance, Editora Tchê, Porto Alegre, 1987
- "AS AREIAS DO TEMPO" Contos, Editora Global, São Paulo, 1988
- "O CASTELO DE FRANKENSTEIN" Volume 2, Editora Lunardelli/UFSC, Florianópolis, 1990
- "AS VÁRIAS FACES" Novela, Editora Movimento, Porto Alegre, 1994
- "PRIMEIRO DE ABRIL — NARRATIVAS DA CADEIA" Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1994

1957, fez o primeiro longa-metragem genuinamente catarinense, "O Preço da Ilusão", que estreou em 1958 e depois se perdeu.

Em 1960, ingressou no governo, como chefe da sucursal da Agência Nacional, então órgão de imprensa e propaganda oficial. Foi preso durante o golpe militar de 1964, amargando 48 dias de reclusão. Depois disso, morou no Rio de Janeiro durante alguns anos, retor-

gavam mais importância. Com ele, sempre está a escritora Eglê, que conheceu nos anos 40, quando o Grupo Sul começou a movimentar a cena cultural. "Ela era uma das atrizes das peças que fazíamos para conseguir recursos para as revistas", recorda. O amor continua até hoje, quando ela desempenha também o papel de crítica. "É sempre minha primeira leitora, e é mais rigorosa".

Diretor prepara videodocumentário sobre o autor

Florianópolis — O diretor catarinense Zeca Pires planeja fazer, este ano, um videodocumentário sobre a vida de Salim Miguel. As filmagens devem começar já na festa dos 80 anos. "Vou conversar com algumas pessoas que serão difíceis de encontrar em outros momentos", planeja Pires. Envolvido na produção de dois longas-metragens, "Procuradas" e "A Antropóloga", o cineasta está animado com a possibilidade de fazer esse trabalho diferente, com uma equipe mais enxuta.

"Já conversei com o Salim, e planejo fazer dois encontros a cada mês. Em novembro, devo editar o material", conta Pires, que vai recheá-lo com material iconográfico sobre Florianópolis, mostrando o seu desenvolvimento. "A ênfase vai ser na vida e na obra literária dele", explica, avaliando que existe uma defasagem de obras de referência sobre pessoas ilustres no Estado.

Zeca Pires trabalhou com Salim na Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EDUF-

SC), nos anos 80, gerando uma boa amizade. "Tenho uma relação quase paternal com ele. Salim já leu muito, conhece muitas pessoas, mas é muito humilde, dótil de levar uma prosa". Os primeiros contatos de Zeca com o escritor foram quando o cineasta ainda era criança, e o escritor era amigo de seu pai, Aníbal Nunes Pires, parceiro de Salim na época da revista "Sul". "Eles faziam encontros de escritores, e eu às vezes ia junto nos churrascos", recorda.

O escritor e editor Fábio Brügemann também prepara um trabalho no qual aborda a vida e obra de Salim Miguel. Ele deve publicar em março o livro "Conversas com Escritores de Santa Catarina", com entrevistas de 16 personalidades das letras catarinenses. "Tenho uma admiração enorme pelo trabalho dele, que tem uma grande qualidade do ponto de vista estético. A gente lê o parágrafo e consegue visualizar o que está escrito. Talvez seja por sua ligação com o cinema", avalia. (DB)

OPINIÃO

"NUR" AO JEITO DE SAMBA-ENREDO

ILMAR CARVALHO
ESPECIAL PARA A NOTÍCIA

"Se eu for falar da Portela, Hoje não vou terminar".

■ MONARCO DA PORTELA, em "Homenagem ao Velho Guarda".

Nos versos da epígrafe, Monarco revela a dimensão infinita que é a de cantar a saga de uma nação portelense. Pois é com o mesmo engenho e arte desse mestre da rima e do canto que gostaria de compor um único samba-enredo: aquele que descreva a vinda do imigrante libanês para o País, com destaque para a vida, a arte e a obra de Salim Miguel, que agora completa redondos e jovens oitentaos.

O nome da escola seria, naturalmente, "Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Biguaçu", idealizada por Zé Destino, atual presidente (vitalício) e também seu mestre de harmonia, de evolução e diretor de bateria.

O título do samba-enredo: "Nur na Escuridão", com o qual a Unidos de Biguaçu, desde 1999, vem despertando (sem falsa modéstia) muita admiração e aplausos. A harmonia, equilibrada e abrangente, lastrearia, em sincrônica desenvoltura, enredo, coreografia fascinante de mestres-

cos, o emocionado e belo canto coletivo de milhares de anônimos — pastores, passistas e baianas — que desfilariam pela obra o colorido férreo e deslumbrante das fantasias, adereços e alegorias de mão, construindo a síntese arrebatadora de uma ópera popular ambulante. O enredo "Nur na Escuridão" tem como puxador de samba o múltiplo Zé Destino e falaria de todas as agruras do imigrante em sua nova terra.

Quanto à comissão de frente, seria formada por toda a família do escritor libano-biguaçuense: a companheira Eglê, irmãos, filhos, netos e companheiros de todas as jornadas. Alguns deles atentos à praxe dos antigos desfiles, portariam cartazes com a frase: "O G.R.E.S. Unidos de Biguaçu saúda o povo, a imprensa e pede passagem". A propósito, poderiam causar tanto admiração quanto estranheza certos nomes de alas e carros alegóricos: ala "Eu e as Corruínas", carro "Primeiro de Abril", ala "As Várias Faces", carro "Círculo de Arte Moderna", ala "Grupo e Revista Sul", carro "Castelo de Frankenstein", alas "Voz Submersa", "Velhice", "Rede", "Ficção" e "Alguma Gente".

O carro "Fogueira Insana", de um belo horrível contudente, evocaria episódio de 1964, na

ilha, em que fanáticos, à noite, arrombaram a porta da Livraria Anita Garibaldi, da qual o escritor tinha sido sócio, havia anos, retiraram livros, fizeram montes e os queimaram, no meio da rua. No carro alegórico, ainda, enorme cartaz, com a frase em letras de fogo: "Igual, só no 3º Reich de Hitler!" O desfile fecharia com um carro bastante original: "Areias do Tempo".

O comentário unânime talvez seja o de que o presidente Zé Destino teria sido bastante feliz na escolha do enredo, do samba-enredo, com excelente repercussão do desfile em todo o País. E tanto na Passarela Nego Quirido, ou na Marquês de Sapucaí, como em muitas outras avenidas do Brasil, seria recebido com calor e carinho, nessa forma única que o povo criou para contar sua própria história, através do canto e dança coletivos, fascinante coreografia construindo a já citada ópera popular ambulante.

Seria a história da família do personagem central e dele próprio, escritor e jornalista de peso, grande aventura humana de pessoas comuns e que determina o estar na vida. Samba-enredo que "hoje não vou terminar".

■ ILMAR CARVALHO, jornalista

"AS DESQUETADAS DE FLORIANÓPOLIS" Contos, Editora Rio Fundo, Rio de Janeiro, 1995

"ONZE DE BIGUAÇU MAIS UM" Contos, Editora Insular, Florianópolis, 1997

"VARIACIONES SOBRE O LIVRO" Ensaios, Editora EDUFSCar, São Carlos (SP), 1997

"AS CONFISSÕES PREMATURAS" Novela, Editora Letras Contemporâneas, Florianópolis, 1998

"NUR NA ESCURIDÃO" Romance, Editora Top Books, Rio de Janeiro, 1999

"APONTAMENTOS SOBRE MEU ESCRIVER" Editora Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, Florianópolis, 2000

"EU E AS CORRUIÑAS" Crônicas, Editora Insular, 2001

"MEMÓRIA DE EDITOR" Escrito do Livro, 2002

"APROXIMAÇÕES — LETURAS E ANOTAÇÕES" Editora Letras Contemporâneas e Editora Movimento, 2002

"ESTRANGÊROS — RELUTURAS" Editora Letras Contemporâneas, 2003

040: NUR ao jeito de samba enredo

CARVALHO, Ilmar. NUR ao jeito de samba enredo. **A Notícia**. Santa Catarina, 30/1/2004, pag. 1. Anexo-opinião.

"NUR" AO JEITO DE SAMBA-ENREDO

ILMAR CARVALHO
ESPECIAL PARA A NOTÍCIA

*"Se eu for falar da Portela,
Hoje não vou terminar."*

■ **MONARCO DA PORTELA**, em
"Homenagem à Velha Guarda".

Nos versos da epígrafe, Monarco revela a dimensão infinita que é a de cantar a saga de sua nação portelense. Pois é com o mesmo engenho e arte desse mestre da rima e do canto que gostaria de compor um único samba-enredo: aquele que descrevesse a vinda do imigrante libanês para o País, com destaque para a vida, a arte e a obra de Salim Miguel, que agora completa redondos e jovens oitentanos.

O nome da escola seria, naturalmente, "Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Biguaçu", idealizada por Zé Destino, atual presidente (vitalício) e também seu mestre de harmonia, de evolução e diretor de bateria.

O título do samba-enredo: "Nur na Escuridão", com o qual a Unidos de Biguaçu, desde 1999, vem despertando (sem falsa modéstia) muita admiração e aplausos. A harmonia, equilibrada e abrangente, lastrearia, em sincrônica desenvoltura, enredo, coreografia fascinante de mestresala e porta-bandeira, evolução, comissão de frente, carros alegóri-

cos, o emocionado e belo canto coletivo de milhares de anônimos — pastoras, passistas e baianas — que desfilariam pela obra o colorido feérico e deslumbrante das fantasias, adereços e alegorias de mão, construindo a síntese arrebatadora de uma ópera popular ambulante. O enredo "Nur na Escuridão" tem como puxador de samba o múltiplo Zé Destino e falaria de todas as agruras do imigrante em sua nova terra.

Quanto à comissão de frente, seria formada por toda a família do escritor libano-biguaçuense: a companheira Eglê, irmãos, filhos, netos e companheiros de todas as jornadas. Alguns deles atentos à praxe dos antigos desfiles, portariam cartazes com a frase: "O G.R.E.S. Unidos de Biguaçu saúda o povo, a imprensa e pede passagem". A propósito, poderiam causar tanto admiração quanto estranheza certos nomes de alas e carros alegóricos: ala "Eu e as Corruíras", carro "Primeiro de Abril", ala "As Várias Faces", carro "Círculo de Arte Moderna", ala "Grupo e Revista Sul", carro "Castelo de Frankenstein", alas "Voz Submersa", "Velhice", "Rede", "Ficção" e "Alguma Gente".

O carro "Fogueira Insana", de um belo horrível contundente, evocaria episódio de 1964, na

Ilha, em que fanáticos, à noite, arrombaram a porta da Livraria Anita Garibaldi, da qual o escritor tinha sido sócio, havia anos, retiraram livros, fizeram montes e os queimaram, no meio da rua. No carro alegórico, ainda, enorme cartaz, com a frase em letras de fogo: "Igual, só no 3º Reich de Hitler!" O desfile fecharia com um carro bastante original: "Areias do Tempo".

O comentário unânime talvez seja o de que o presidente Zé Destino teria sido bastante feliz na escolha do enredo, do samba-enredo, com excelente repercussão do desfile em todo o País. E tanto na Passarela Nego Quirido, ou na Marquês de Sapucaí, como em muitas outras avenidas do Brasil, seria recebido com calor e carinho, nessa forma única que o povo criou para contar sua própria história, através do canto e dança coletivos, fascinante coreografia construindo a já citada ópera popular ambulante.

Seria a história da família do personagem central e dele próprio, escritor e jornalista de peso, grande aventura humana de pessoas comuns e que determina o estar na vida. Samba-enredo que "hoje não vou terminar".

■ **ILMAR CARVALHO**, jornalista

Índice por Autor

Sem autoria	A Notícia	2003	RECONHECIMENTO	004
	Diário Catarinense	2003	FICÇÃO e realidade até domingo	008
	Diário Catarinense	2003	DOCUMENTÁRIO: Visionários recebe prêmio Salim Miguel	012
	A Notícia	2003	SAIA justa	017
	A Notícia	2003	CIRCULO de amplo alcance	018
	A Notícia	2003	DOCUMENTADA	023
	A Notícia	2004	MUNICIPIO é referência cultural para o Brasil	028
	A Notícia	2004	OITENTA anos	034
AMÂNCIO, Moacir	O Estado de São Paulo	2004	Andanças literárias de Salim Miguel, 80 anos	037
BEVILACQUIA, Viviane	Diário Catarinense	2004	Salim Miguel: "O Líbano inteiro cabe dentro de Santa Catarina"	027
BIANCHINI, Fábio	Diário Catarinense	2003	Muitos anos de anotações	002
	Diário Catarinense	2003	Rua está aberta para a literatura	006
	Diário Catarinense	2004	O poder novelesco	030
	Diário Catarinense	2004	Luz de Salim Miguel em francês	031
BUS, Deluana	A Notícia	2003	Anotações Preciosas	016
	A Notícia	2004	Salim 80 de bem com a vida	039
	A Notícia	2003	Câmeras na mão...ideias na cabeça	024
	A Notícia	2003	Arquivo Confidencial	025
	A Notícia	2003	A internacionalização de Salim	026
	A Notícia	2004	Companheiros de Jornada	036
CAETANO, Maria do Rosário	O Estado de São Paulo	2004	Documentário homenageará escritor	038

CARVALHO, Ilmar	A Notícia	2004	Nur ao jeito de samba enredo	040
DAMIAO, Carlos	A Notícia	2004	Ficção 1 e 2	035
ESPINDOLA, Marcos	Diário Catarinense	2003	O último grande embate	003
FRANTZ, Gisa	A Notícia	2004	Escritores lamentam falta de incentivo à leitura	032
GIORDANO, Rafaela	Diário Catarinense	2003	O escritor à procura de um título	011
LIZ, Romi de	Diário Catarinense	2003	Conselho estadual é empossado	010
MACHADO, Ricardinho	A Notícia	2003	Sonho	021
	A Notícia	2004	Cult	033
MALLMANN, Regis	A Notícia	2003	Forno	020
MENEZES, Ana Cláudia	A Notícia	2003	Dia de homenagem na feira do livro	005
	A Notícia	2003	O livro onde o povo está	022
ORICCHIO, Luiz Zanin	O Estado de São Paulo	2003	Festival de documentários agita Camboriú	001
POERNER, Arthur	O Pasquim 21	2003	Escritores Catarinenses	009
REZENDE, Dorva	Diário Catarinense	2004	Salim Miguel completa 80 anos	029
SARTORI, Raul	A Notícia	2003	Literatura	014
	A Notícia	2003	Status	019
VASQUES, Marco Anselmo	Jornal do Estado	2003	O baú de Salim Miguel	013
	A Notícia	2003	Tento deixar um retrato do mundo maluco em que vivemos	015
WOSGRAUS, Juliana	Diário Catarinense	2003	Especiais: Eglê Malheiros com o marido Salim Miguel ...	007

Índice por Jornal

		2003	RECONHECIMENTO	004
		2003	SAIA justa	017
		2003	CIRCULO de amplo alcance	018
		2003	DOCUMENTADA	023
		2004	MUNICIPIO é referência cultural para o Brasil	028
		2004	OITENTA anos	034
	BUS, Deluana	2003	Anotações Preciosas	016
	BUS, Deluana	2004	Salim 80 de bem com a vida	039
	BUSS, Deluana	2003	Câmeras na mão...idéias na cabeça	024
	BUSS, Deluana	2003	Arquivo Confidencial	025
	BUSS, Deluana	2003	A internacionalização de Salim	026
	BUSS, Deluana	2004	Companheiros de Jornada	036
	CARVALHO, Ilmar	2004	Nur ao jeito de samba enredo	040
	DAMIAO, Carlos	2004	Ficção 1 e 2	035
	FRANTZ, Gisa	2004	Escritores lamentam falta de incentivo à leitura	032
	MACHADO, Ricardinho	2003	Sonho	021
	MACHADO, Ricardinho	2004	Cult	033
	MALLMANN, Regis	2003	Forno	020
	MENEZES, Ana Claudia	2003	Dia de homenagem na feira do livro	005
	MENEZES, Ana Claudia	2003	O livro onde o povo está	022
	SARTORI, Raul	2003	Literatura	014
	SARTORI, Raul	2003	Status	019
A Notícia	VASQUES, Marco Anselmo	2003	Tento deixar um retrato do mundo maluco em que vivemos	015
Diário		2003	FICÇÃO e realidade até domingo	008

Catarinense		2003	DOCUMENTÁRIO: Visionários recebe prêmio Salim Miguel	012
	BEVILACQUIA, Viviane	2004	Salim Miguel: "O Líbano inteiro cabe dentro de Santa Catarina"	027
	BIANCHINI, Fábio	2003	Muitos anos de anotações	002
	BIANCHINI, Fábio	2003	Rua está aberta para a literatura	006
	BIANCHINI, Fábio	2004	O poder novelesco	030
	BIANCHINI, Fábio	2004	Luz de Salim Miguel em francês	031
	ESPINDOLA, Marcos	2003	O último grande embate	003
	GIORDANO, Rafaela	2003	O escritor à procura de um título	011
	LIZ, Romi de	2003	Conselho estadual é empossado	010
	REZENDE, Dorva	2004	Salim Miguel completa 80 anos	029
	WOSGRAUS, Juliana	2003	Especiais: Eglê Malheiros com o marido Salim Miguel ...	007
Jornal do Estado	VASQUES, Marco Anselmo	2003	O baú de Salim Miguel	013
O Estado de São Paulo	AMÂNCIO, Moacir	2004	Andanças literárias de Salim Miguel, 80 anos	037
	CAETANO, Maria do Rosário	2004	Documentário homenageará escritor	038
	ORICCHIO, Luiz Zanin	2003	Festival de documentários agita Camboriú	001
O Pasquim 21	POERNER, Arthur	2003	Escritores Catarinenses	009

Índice por Ano

2003		A Notícia	RECONHECIMENTO	004
		Diário Catarinense	FICÇÃO e realidade até domingo	008
		Diário Catarinense	DOCUMENTÁRIO: Visionários recebe prêmio Salim Miguel	012
		A Notícia	SAIA justa	017
		A Notícia	CIRCULO de amplo alcance	018
		A Notícia	DOCUMENTADA	023
	BIANCHINI, Fábio	Diário Catarinense	Muitos anos de anotações	002
	BIANCHINI, Fábio	Diário Catarinense	Rua está aberta para a literatura	006
	BUS, Deluana	A Notícia	Anotações Preciosas	016
	BUSS, Deluana	A Notícia	Câmeras na mão...ideias na cabeça	024
	BUSS, Deluana	A Notícia	Arquivo Confidencial	025
	BUSS, Deluana	A Notícia	A internacionalização de Salim	026
	ESPINDOLA, Marcos	Diário Catarinense	O último grande embate	003
	GIORDANO, Rafaela	Diário Catarinense	O escritor à procura de um título	011
	LIZ, Romi de	Diário Catarinense	Conselho estadual é empossado	010
	MACHADO, Ricardinho	A Notícia	Sonho	021
	MALLMANN, Regis	A Notícia	Forno	020
	MENEZES, Ana Claudia	A Notícia	Dia de homenagem na feira do livro	005
	MENEZES, Ana Claudia	A Notícia	O livro onde o povo está	022
	ORICCHIO, Luiz Zanin	O Estado de São Paulo	Festival de documentários agita Camboriú	001
POERNER, Arthur	O Pasquim 21	Escritores Catarinenses	009	
SARTORI, Raul	A Notícia	Literatura	014	
SARTORI, Raul	A Notícia	Status	019	
2003	VASQUES, Marco Anselmo	Jornal do Estado	O baú de Salim Miguel	013

	VASQUES, Marco Anselmo	A Notícia	Tento deixar um retrato do mundo maluco em que vivemos	015
	WOSGRAUS, Juliana	Diário Catarinense	Especiais: Eglê Malheiros com o marido Salim Miguel ...	007
2004		A Notícia	MUNICIPIO é referência cultural para o Brasil	028
		A Notícia	OITENTA anos	034
	AMÂNCIO, Moacir	O Estado de São Paulo	Andanças literárias de Salim Miguel, 80 anos	037
	BEVILACQUIA, Viviane	Diário Catarinense	Salim Miguel: "O Líbano inteiro cabe dentro de Santa Catarina"	027
	BIANCHINI, Fábio	Diário Catarinense	O poder novelesco	030
	BIANCHINI, Fábio	Diário Catarinense	Luz de Salim Miguel em francês	031
	BUS, Deluana	A Notícia	Salim 80 de bem com a vida	039
	BUSS, Deluana	A Notícia	Companheiros de Jornada	036
	CAETANO, Maria do Rosário	O Estado de São Paulo	Documentário homenageará escritor	038
	CARVALHO, Ilmar	A Notícia	Nur ao jeito de samba enredo	040
	DAMIAO, Carlos	A Notícia	Ficção 1 e 2	035
	FRANTZ, Gisa	A Notícia	Escritores lamentam falta de incentivo à leitura	032
	MACHADO, Ricardinho	A Notícia	Cult	033
	2004	REZENDE, Dorva	Diário Catarinense	Salim Miguel completa 80 anos